

Dora Abreu

The image shows the silhouettes of a man and a woman walking away from the viewer on a cobblestone path. The man is on the left, wearing a hat and a suit. The woman is on the right, wearing a long dress and a large hat. They are walking towards a bright sunset or sunrise, with the sun low on the horizon. The sky is filled with orange and red clouds. The ground is made of irregular cobblestones. The overall mood is romantic and nostalgic.

Seguindo em frente

Dora Abreu

SEGUINDO EM FRENTE



sertaneja

Copyright © 2013 Maria Auxiliadora de Abreu Macêdo (Dora Abreu)

Todos os direitos reservados

Diagramação: Marcelo Nunes de Abreu

Revisão Ortográfica: Sílvia Noronha

Endereço eletrônico da autora: dorabreu@hotmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

A145s Abreu, Dora.
Seguindo em frente / Dora Abreu. – Salvador: D. Abreu, 2013.
204 p.

ISBN

1. Memórias. 2. Literatura brasileira. 3. Biografia de mulheres.
4. Histórias de família. I. Título.

CDD 920
CDU 82-94

SUMÁRIO

CAPÍTULO 01	Um Encontro Especial	9
CAPÍTULO 02	A Nova Vida do Casal	20
CAPÍTULO 03	O Nascimento do Primeiro Filho	26
CAPÍTULO 04	O Nascimento do Segundo Filho	29
CAPÍTULO 05	O Nascimento do Terceiro Filho	31
CAPÍTULO 05	Aventuras de um Tropeiro	35
CAPÍTULO 07	O Nascimento do Quarto Filho	41
CAPÍTULO 08	A Passagem por Piatã	44
CAPÍTULO 09	O Nascimento do Quinto Filho	48
CAPÍTULO 10	O Nascimento do Sexto Filho	50
CAPÍTULO 11	A Viagem para Itapura	54
CAPÍTULO 12	O Nascimento do Sétimo Filho	58
CAPÍTULO 13	Motivações para Retornar ao Cumbe	63
CAPÍTULO 14	Outro Retorno ao Velho Cumbe	67
CAPÍTULO 15	O Nascimento do Oitavo Filho	70
CAPÍTULO 16	Ribeira do Amparo e Caldas de Cipó	73
CAPÍTULO 17	O Nascimento do Nono Filho	78
CAPÍTULO 18	A Mudança para Tucano	83
CAPÍTULO 19	A Vida da Família em Tucano	86
CAPÍTULO 20	A Decisão da Grande Mudança	91
CAPÍTULO 21	A Chegada à Cidade Grande	95
CAPÍTULO 22	Explorando a Cidade Grande	99
CAPÍTULO 23	Susto Durante um Passeio	104
CAPÍTULO 24	A Nova Rotina na Cidade Grande	108

CAPÍTULO 25	Lazer e Pequenos Prazeres da Família	118
CAPÍTULO 26	Visitas e Reencontros de Tíndha	122
CAPÍTULO 27	A Mudança de Endereço da Família	129
CAPÍTULO 28	A Coletoria de Brotas	134
CAPÍTULO 29	As Férias em Euclides da Cunha	138
CAPÍTULO 30	Uma Surpresa Inesperada	140
CAPÍTULO 31	Um Marco Doloroso	143
CAPÍTULO 32	O Nascimento do Último Filho	146
CAPÍTULO 33	Seguindo em Frente	149
CAPÍTULO 34	O Agitado Edifício Flora	151
CAPÍTULO 35	A Chegada de Mariazinha	155
CAPÍTULO 36	Os Primeiros Netos de Tíndha	159
CAPÍTULO 37	A Vida e as Novidades dos Barris	163
CAPÍTULO 38	Variações no Estado de Saúde de Tíndha	172
CAPÍTULO 39	A Morada no Condomínio Jardim Piaã	177
CAPÍTULO 40	A Despedida de Periquita	181
CAPÍTULO 41	Entre Doenças e Curas	183
CAPÍTULO 42	O Aniversário de 80 Anos de Tíndha	190
CAPÍTULO 43	Fechando o Ciclo	194

PREFÁCIO

“Seguir em frente” é muito mais que um princípio norteador que utilizo para conduzir a minha vida. Trata-se de um valioso ensinamento transmitido pela minha mãe, uma nordestina forte e determinada que, além de sempre ter sido muito generosa e carismática, tinha uma enorme capacidade de motivar as pessoas a sempre olhar para o futuro, sem se perder nos percalços e tombos que pudessem levar ao longo do caminho.

Quando meu irmão Ismael Campos de Abreu idealizou o projeto de resgatar a história da nossa família, fiquei empolgada e, de imediato, imaginei que a protagonista desta história só poderia ser ela - a nossa mãe Tíndinha - que, certamente, pela sua personalidade forte e especial, além do fato de ter conduzido com muita competência e determinação a educação dos seus nove filhos, merecia mesmo ter sua trajetória de vida contada.

Acompanhei o trabalho do meu irmão em busca dos mecanismos e instrumentos que pudessem resgatar e escrever a história da nossa família, já que ele havia decidido que seria o mentor desse projeto, exercendo o papel de articulador e motivador das pessoas para que elas pudessem narrar esta história. Foi um trabalho árduo para ele, no qual cada um dos envolvidos teve um papel único e especial.

Quando ele me entregou alguns registros que havia coletado sobre a história de nossa família, pedindo-me para analisar e/ou contribuir com as informações que já tinham sido organizadas, entreguei-me a esta tarefa com muito entusiasmo.

A partir de lembranças de minha infância e de outras que foram resgatadas pelos meus irmãos, comecei, na verdade, a escrever a vida da nossa mãe, tomando como base as informações que tinha em mãos e, principalmente, fatos reais, descritos por outras pessoas, sem deixar, no entanto, de inserir descrições próprias, utilizando para isso uma certa dose da minha imaginação.

Assim, acabei gerando um denso material, que meu irmão sugeriu transformar em um livro, de maneira que as informações nele contidas pudessem ser compartilhadas com os demais irmãos, amigos, parentes e nossas próximas gerações.

Agradeço, então, ao meu irmão Ismael pela oportunidade e apresento a vocês, leitores, o livro SEGUINDO EM FRENTE, desejando que todos possam, não somente seguir em frente com a sua leitura, mas também em busca dos seus sonhos e princípios mais valiosos, como bem ensinou a todos os seus filhos, a querida e inesquecível Tíndinha, protagonista desta e de muitas histórias das nossas vidas.

Dora Abreu

Salvador, Bahia, Brasil.

Abril de 2013.

SEGUINDO EM FRENTE

Capítulo 01

UM ENCONTRO ESPECIAL

Glicério Lívio de Abreu era o quinto filho do casal João Lívio de Carvalho e Ana Carvalho de Abreu, conhecida como Donana, a qual havia ficado viúva muito jovem.

Rapaz alto, muito branco e de olhos azuis, tinha as faces muito rosadas, o que lhe rendeu o apelido de Manga Rosa, ficando assim conhecido, tanto no velho Cumbe (nome associado à antiga Vila que deu origem ao município de Euclides da Cunha - Bahia), como na Fazenda do Limoeiro, onde ele morava com seus irmãos e sua mãe.

Nos arredores da Fazenda do Limoeiro, sempre existiam pessoas que alfabetizavam as crianças e, por meio delas, incentivado pela mãe Donana, Glicério e seus irmãos aprenderam a ler.

Inteligente e ativo, ele não se identificava muito com o trabalho na roça e, assim, tomando gosto pela leitura, passou a fazer dela uma rotina, usando para isso os livros que os amigos e parentes de Donana lhe traziam. Posteriormente, por ser um autodidata, pôde aprender muitas coisas sozinho, tais como escrever corretamente e fazer contas.

Foi por estas razões que Manoel do Conselho Campos, o Detinho, o convidou para trabalhar na sua pequena casa comercial, uma espécie de mercearia localizada no Cumbe, que a população local denominava como “Venda de Seu Detinho”.

O convite de Detinho veio inicialmente para Glicério trabalhar apenas no dia da tradicional feira, que acontecia aos sábados, quando o movimento aumentava muito, o que requeria mais pessoas trabalhando no local.

Foi assim que Glicério, feliz da vida, antes dos dias de sábado amanhecerem

SEGUINDO EM FRENTE

por completo, costumava subir no lombo do seu jeguinho e seguir em direção ao velho Cumbe, rumo à venda do Seu Detinho. Lá, ele trabalhava atendendo as pessoas, pesando mercadorias, passando troco, usando com muita competência suas habilidades de escrever e de fazer contas, anotando também os valores que eram vendidos na condição de “fiado”, o que era uma prática muito usada nas transações comerciais daquela época. Tomando como base a confiança que cada um tinha no outro, as mercadorias eram vendidas, sendo pagas quando o comprador conseguia dinheiro para pagar, o que acontecia, em geral, no final da próxima feira, quando ele voltava, já com o dinheiro que tinha conseguido arrecadar na feira anterior, fazendo também novas compras.

A feira do velho Cumbe era uma verdadeira festa e aquilo tudo fascinava Glicério. Os sons de muitas músicas se misturavam aos berros dos carneiros, bodes, porcos, cacarejar das galinhas, numa sinfonia de doido, tudo na maior confusão e alegria. Ali, se conhecia a grandeza e a potencialidade da economia daquele povo. Comprava-se, trocava-se e vendia-se de tudo que se pudesse imaginar!

No passado, os produtos que eram oferecidos na feira se restringiam, em grande parte, a produtos oriundos do campo, cultivados nas fazendas vizinhas, inclusive na Fazenda do Limoeiro, por Glicério, sua mãe e seus irmãos, que também se dirigiam à feira semanalmente para vender seus produtos.

Muitas vezes, saíam cedinho, todos juntos, cada um no seu respectivo jeguinho, exceto o mais velho, que tinha comprado um bonito cavalo que Glicério admirava e, uma vez ou outra, quando o irmão permitia, montava nele, arriscando-se a galopar em disparada, sentindo-se livre e feliz em desfrutar do prazer do vento quente soprando no seu rosto rosado.

Quando voltava dos passeios de cavalo, suado e ofegante, ia direto ao encontro do seu jeguinho, pondo-se a acariciá-lo, como se estivesse a se desculpar pelos momentos de distância e de prazer em companhia de outro animal.

Certa vez, num dia muito especial para Glicério, ele seguiu no lombo do seu pequeno amigo, trotando em direção à feira do Cumbe, assoviando e muito satisfeito, rumo a mais um sábado de trabalho na Venda do Seu Detinho.

Ao chegar ao local da feira, seus olhos azuis sempre brilhavam, só de ver aquela confusão toda. Além das delícias que costumavam chegar da roça, tais como legumes, verduras fresquinhas, também eram vendidos redes, panelas, aces-

sórios para vaqueiro, queijos e diversos produtos, tanto femininos como masculinos. Havia também comidas deliciosas, muito cheirosas e baratas. O cheiro da carne de sol fritando, por exemplo, deixava todos com água na boca.

Os produtos vendidos na feira de hoje diferem um pouco daqueles vendidos no passado. Atualmente, já se pode encontrar produtos chineses, coreanos, DVDs e CDs piratas, roupas, calçados, artesanatos, lençóis, e até mesmo roupas importadas de marcas conhecidas, as quais são vendidas por preços convidativos em um ponto específico, que passou a ser conhecido como “Shopping da Feira”. Neste local, os comerciantes estendem grandes lonas no chão, espalhando as mercadorias, que, em geral, são procuradas, logo cedo, por muitas mulheres, conhecidas na região pelo bom gosto ao se vestir e até pela extravagância. Chegam também pessoas de fora, atraídas pelos produtos importados muito baratos. Algumas se preocupam em saber se são verdadeiros ou falsos. Mas sobre a procedência, em geral, ninguém costuma querer saber!

Bem diferente deste cenário atual, na época de Glicério as pessoas costumavam tentar imaginar onde fora produzida a mercadoria ou de onde foi extraída sua matéria-prima. Pegavam e cheiravam tudo e, de tanto querer “sentir” o material, chegavam até mesmo a sugerir:

- Êta chapéu de couro bom danado! Até parece que esse couro é lá dos bois do Fulgêncio!

O Fulgêncio a quem se referiam era da família Abreu, um dos mais ricos fazendeiros da região. Destacava-se pelas suas habilidades em tornar todos os seus negócios lucrativos. Foi um dos primeiros empresários locais a produzir os chamados caçuás, uma espécie de “container” feito de cesto trançado em cipós, que eram atados em cada lado do lombo dos animais para transportar mercadorias.

A caminho da Venda de Seu Detinho, apressado, porém atento a tudo, Glicério ouviu um comentário sobre a qualidade de alguns chapéus vendidos na feira do Cumbe, o que lhe chamou a atenção, fazendo-o parar para olhar as mercadorias. No mesmo instante, botou o olho e pegou um bonito chapéu de couro, cujas abas eram contornadas com um pequeno viés de cor azul clara. A combinação do couro cru com aquele pequeno detalhe azul o encantou, o que fez com que, já calculando quanto tinha de dinheiro no bolso, perguntasse sobre o preço da mercadoria.

SEGUINDO EM FRENTE

Naquele momento, aproximou-se do local Tidinha, uma jovem morena clara que Glicério já conhecia de vista, durante suas idas ao povoado da Carnaíba, onde ela morava. Percebendo o interesse do rapaz pelo chapéu, a moça disse-lhe sorrindo:

- Esse aí vai ficar bonito mesmo em você! Combina com os seus bonitos olhos!

Naquele instante, diante do belo sorriso daquela jovem, que lhe dirigia um elogio, Glicério ficou meio estonteado, sentindo uma onda de calor percorrer-lhe o pescoço e a face, o que fez com que seu rosto rosado tomasse uma tonalidade muito vermelha.

Percebendo o embaraço do rapaz, ela comentou, num tom brincalhão:

- Só tô dando meu parecer... Não carecia ficar vermelho não, home!

Glicério, então, sorriu meio sem graça e, vencendo o embaraço inicial, colocou o chapéu na cabeça, perguntando à moça:

- Ficou bonito mesmo?

Foi aí que ela, muito à vontade, lhe respondeu de uma forma muito enfática:

- Demais da conta! Vixe!!!

Gargalharam os dois simultaneamente, prosseguindo, daí em diante, com uma boa conversa, muito animada, na qual ambos buscavam, o quanto antes, saber mais e mais um sobre o outro.

Quando Tidinha e Glicério estavam assim proseando, já sabendo de muitas informações um do outro, trocando olhares e suspiros, eis que apareceu um dos filhos de Detinho, que se dirigiu a Glicério, dizendo-lhe:

- Não vai trabalhar hoje não, home? Meu pai tá lá lhe esperando! E avia!! Que a venda já tá cheia de gente!

Isso serviu como um alerta para o casal aterrissar, pois, àquela altura, ambos já estavam nas nuvens, embalados pelo som dos sinos da igreja da Praça do Cumbe, que anunciavam a missa das oito horas.

Foi quando Tidinha disse que iria, mais tarde, comprar açúcar e rapadura na Venda de Seu Detinho, que ela sabia onde era e, assim, eles poderiam se ver novamente para prostrar um pouco. Ele sorriu satisfeito, observando quando a jovem moça saiu andando de mansinho, ajeitando seu bocapio, uma espécie de sacola, usada para carregar os itens comprados na feira, muito comum naquela

época. Glicério observou a cintura fina da moça e as batatas das suas pernas bem torneadas.

Quando, quase no final da tarde, se encontraram, já na Venda de Seu Detinho, Glicério atendeu Tidinha no balcão, buscando não demonstrar que seu coração parecia querer saltar pela boca. E, adotando um tom meio formal, uma vez que estava sendo vigiado pelo Detinho, perguntou-lhe o que ela precisava comprar.

Ao ter a resposta da moça, mantendo-se discreto e de cabeça baixa, pesou e enrolou, dobrando cuidadosamente as pontas do papel de embrulho, dois quilos de açúcar e um pedaço de rapadura, solicitados por Tidinha. Enquanto fazia isso, observava com desejo, pelo canto do olho, a cintura fina da moça, assim como os cachos de cabelos que tocavam suavemente os seus ombros.

Não tiveram muito tempo de prostrar-se desta vez, já que Raimundo, primo e irmão adotivo de Tidinha, logo entrou na venda à procura da moça, informando-a que a Periquita, sua mãe, estava feito um bicho à sua procura e que ele ia ficar lá fora, esperando Tidinha ir embora.

A moça, assustada, bem sabendo que sua mãe era, de fato, uma fera, apressou-se, deixando cair o seu bocapio, quando os embrulhos e outros itens que ela havia comprado na feira também caíram no chão. Naquele momento, Glicério atravessou correndo o balcão para ajudar a moça. Abaixados e arrumando o bocapio, olharam-se muito de perto, trocando um olhar apaixonado. Foi quando ele tocou suavemente em sua mão, e ela, aproveitando o quanto antes aquela oportunidade, prontamente lhe falou baixinho:

- Espero por você, daqui a oito dias, no sábado que vem, naquele mesmo lugar e horário que lhe encontrei hoje.

Surpreso e entusiasmado com a atitude de Tidinha, Glicério balançou a cabeça num consentimento, vendo-a depois sair correndo, deixando a venda como um raio, indo ao encontro do seu irmão que lhe esperava do lado de fora.

Foi assim que Glicério conheceu e se apaixonou perdidamente por Tidinha, na certeza de que não existia no mundo uma moça mais faceira do que ela. Já Tidinha, por sua vez, jurava que não existiam olhos azuis mais lindos do que os de Glicério. E o sorriso? Para ela, era o mais perfeito que já tinha visto na terra.

Ao se encontrar com Periquita, Tidinha ainda flutuava nos seus pensamentos, que nem sequer ouviu as reclamações da mãe pela demora, tratando logo de

ajudá-la a juntar as sobras dos pacotes de doces que ela estava a vender na feira, pois o sol já começava a se pôr e os feirantes se arrumavam para voltar para suas casas ou roças, recolhendo seus pertences.

Embora tenha nascido e crescido na Carnaíba, Tidinha estava, naquela época, morando no Cumbe, juntamente com Periquita e Raimundo, numa pequena casa, localizada na Rua da Igreja. A casa foi herdada do seu pai, Ismael Augusto da Silva, que ela mal havia conhecido, já que, quando ele morreu, Tidinha tinha apenas um ano de idade. Viviam, anteriormente, cultivando produtos em um pequeno sítio, na localidade da Carnaíba. Somente depois da morte precoce da sua querida irmã Glorinha, nas condições muito trágicas de um suicídio, sua mãe decidiu deixar o local, fugindo das lembranças da morte da filha que, para sempre, estraçalhariam seu coração e sua alma.

Ainda que gostasse do Cumbe, Tidinha tinha muitas saudades da Carnaíba, onde costumava brincar e saborear os umbus, as mangas e pinhas deliciosas, debaixo de árvores frondosas, sempre na companhia de sua irmã e amiga querida Glorinha. Naquele dia, em especial, Tidinha desejou muito a presença da sua irmã, com quem confidenciava seus segredos mais íntimos. Queria lhe contar sobre o encontro com Glicério e como seu coração bateu forte no momento que ele tocou a sua mão. Lembrou-se, então, do dia em que Glorinha, muito feliz, relatou-lhe o mesmo sentimento, quando conheceu seu namorado, que, mais tarde, por conta da oposição de Periquita, foi proibida de continuar namorando, o que a levou à decisão de se suicidar, num ímpeto surpreendente da juventude, o que deixou marcas profundas na família.

Durante a madrugada, na escuridão do seu quarto, Tidinha acordou assustada com um sonho no qual sua irmã lhe aparecia, acariciando-lhe os cabelos, dizendo-lhe que o amor entre um homem e uma mulher era a coisa mais bonita do mundo e que ela seria muito feliz com Glicério. Sentada na cama, com o coração partindo de saudades da irmã, chorou baixinho, abafando um soluço, com receio de ser ouvida pela mãe e por seu irmão Raimundo. Só adormeceu novamente quando os primeiros raios de luz entraram pela sua janela, anunciando mais um dia. Logo, logo, foi despertada por Periquita, que a chamava para ir à missa. Mais tarde, mesmo sendo um belo domingo de sol quente, foi trabalhar na cozinha, ajudando sua mãe nos preparos de cocadas e outros doces que ela costumava vender

no Cumbe.

Durante a semana, além de entregar encomendas de doces, Periquita exercia a atividade de costureira e alfabetizadora de crianças, muito comum naquela época, já que as escolas eram raras na região. Isso complementava a renda familiar, obtida principalmente com a venda dos doces preparados por Periquita, uma doceira de mão cheia.

Enquanto Periquita dava aulas, Tidinha e Raimundo também procuravam ajudar, plantando e colhendo aipim, mandioca, milho e feijão, em um terreno da propriedade de Dedé de Justino, o qual havia disponibilizado uma área das suas terras para que a família de Periquita, de quem era muito amigo, pudesse plantar e usar como quisesse a produção deste plantio. Ele tinha algumas terras férteis na região, no Chão Vermelho e na Maria Preta, localidades próximas ao Cumbe onde ele produzia frutas, mel, farinha de mandioca, criava galinhas e ovelhas, além de fabricar tijolos em sua olaria. Era um homem generoso e muito empreendedor, sempre atento a novas oportunidades de negócios.

À noite, Tidinha costumava ralar os cocos que seriam utilizados por Periquita para preparar deliciosas cocadas, ou mexer os caldeirões de doce de banana umbu ou goiaba, que, ao ferverem na panela, costumavam respingar em suas mãos, causando pequenas queimaduras na sua pele. Tidinha já estava tão acostumada com aquilo que preferia mexer os doces a ter que ralar os cocos, atividade que ela detestava, pois sempre acabava com as mãos raladas e sangrando. Nas ocasiões, Periquita reclamava muito e, comparando-a com a irmã, dizia que ela nunca iria aprender a ralar coco como Glorinha, que, de fato, era muito jeitosa para fazer essa tarefa.

Enquanto mexia o caldeirão de doce, Tidinha suspirava, lembrando de Glicério, pedindo a Deus que ele não acabasse esquecendo o encontro que havia marcado com ela, no próximo sábado, dia da feira.

Mas, com toda certeza, Glicério não iria mesmo esquecer o encontro marcado com aquela jovem que ele não conseguia tirar um minuto sequer da cabeça.

Na Fazenda do Limoeiro, ele ordenhava as vacas e preparava a terra para o próximo plantio de feijão, para aproveitar a temporada de chuva que estava prestes a chegar e era tão escassa naquela terra seca e árida. Sonhava com o encontro tão esperado e também temia que Tidinha não comparecesse. Mas, como ela havia

lhe dito que estava morando pertinho da igreja, estava disposto até mesmo a procurá-la na sua casa, se por acaso ela não aparecesse. Lembrou, então, que marcou o encontro num horário muito cedo, antes do início de seu trabalho na Venda do Seu Detinho.

E se ela não acordasse e perdesse o horário? Não poderia bater à sua porta tão cedo. Teria que esperar acabar a feira para procurá-la, pois não poderia faltar ao trabalho. Já não bastava o atraso do sábado passado, quando ele perdeu a noção do tempo ao prostrar-se com Tíndia?

O rapaz estava ansioso, temendo que não pudesse encontrá-la, por não poder suportar ter que esperar mais uma semana para reencontrá-la. Planejava usar o seu chapéu novo de viés azul, a camisa xadrez, também azul, que sua mãe Dona havia costurado para ele, como costumava fazer para todos seus filhos. E a água de cheiro? Estava quase acabando, e seus irmãos poderiam gastá-la até o dia do encontro. Foi quando correu até a penteadeira de sua mãe e recolheu o pequeno frasco, levando-o para o seu quarto para escondê-lo debaixo do seu colchão.

E eis que finalmente chegou o grande dia! Glicério acordou cedo e se perfumou com a água de cheiro, cujo aroma invadiu o ambiente, o que fez com que seu irmão Ezequias, que também já arrumava seu jegue para seguir para a feira, se espantasse, indagando:

- Onde diacho achou essa água de cheiro, que eu pensei que já tinha acabado?? Cacei ela, ainda ontem, em tudo que é buraco desta casa!!

Não dando ouvidos ao irmão, Glicério saiu de mansinho para colocar os caçuás cheinhos de feijão no lombo do seu jegue. Era uma carga encomendada pelo Seu Detinho, que comercializava o feijão na sua venda.

Já lá no velho Cumbe, na pequena casa localizada na Rua da Igreja, encontrava-se Tíndia, que, aproveitando que Periquita e Raimundo tinham saído muito cedo para levar os doces para a feira, se arrumara, muito à vontade, vestindo o seu vestido rodado vermelho, que lhe marcava mais ainda a cintura, ajeitando os cabelos com capricho e também se banhando com a água de cheiro preferida da Periquita.

Saiu, então, em direção ao local do encontro, que, afinal, era muito perto da sua casa. Com o coração batendo que nem um tambor, viu de longe o Glicério, que ansioso lhe esperava, abrindo-lhe um belo sorriso, quando a avistou.

No primeiro momento do reencontro, os dois ficaram meio sem assunto, até que Glicério disse timidamente para Tidinha que ela estava muito bonita e que ele tinha passado a semana toda pensando naquele encontro. Não se contendo de felicidade, a moça também revelou que achava ele muito bonito, principalmente os seus olhos azuis, e que ela até invejava, de tão bonitos que eram. Foi quando ele disse que, se eles viessem a namorar e se casar, ele prometia lhe dar um filho com olhos dessa mesma cor. Sorrindo e muito encantada, Tidinha estendeu sua mão para Glicério, que suavemente a beijou, dizendo-lhe que desejava muito que ela aceitasse namorar com ele.

E foi assim que o namoro de Tidinha e Glicério começou. Os dois estavam apaixonados um pelo outro, e tudo indicava que se tratava de um caso de amor à primeira vista. Glicério estava decidido: era com ela que se casaria. Sentia que a vida era maravilhosa. Mas sabia também que precisava trabalhar para poder fazer planos de constituir uma família.

O tempo passou e o casal manteve os encontros semanais. Porém, Glicério sonhava em ver Tidinha todos os dias. Por isso, ele pediu ao Detinho para ficar trabalhando a semana inteira na sua venda, alegando que queria ficar no Cumbe para estudar na escola local, o que também era verdade.

Detinho, então, acolheu o rapaz na sua própria casa, que era anexa à venda, onde Glicério passou a ter um quarto e conviver mais de perto com os filhos de Detinho, com os quais consolidou uma grande amizade.

Em pouco tempo, o romance entre Glicério e sua amada Tidinha começou a ficar mais intenso, despertando os cuidados e a vigilância das duas viúvas: Periquita, a mãe de Tidinha, e Donana, a de Glicério. Ambas achavam que os filhos eram muito jovens, inexperientes, e que Glicério, afinal, nem sequer tinha uma profissão definida.

A cada interferência familiar, o amor dos dois ficava mais sólido e foi caminhando para o indissolúvel. Percebendo que os dois não se desgrudavam mais, a resistência de Periquita foi cedendo e, finalmente, ela e Donana se entenderam, deixando o casal mais livre, confiantes de que tudo poderia dar certo para os dois.

Periquita, no entanto, ainda se mantinha receosa, mas tinha decidido não implicar tanto com o namoro da filha, temendo que se repetisse o que aconteceu com sua outra filha, Glorinha. E foi assim que, com o “cabresto” mais solto, Tidi-

nha e Glicério começam a tomar mais liberdade, fugindo algumas vezes até o escurinho dos becos da Rua da Igreja, onde podiam namorar com mais ardor, longe da vigilância da Periquita e da constante espreita do irmão Raimundo.

Em um dia seco e quente, Tidinha, muito assustada e suando muito, percebeu que sua menstruação estava muito atrasada e que seu corpo estava ficando diferente. Constatando posteriormente que estava grávida, foi procurar Glicério para conversar sobre o assunto.

Embora ele tenha ficado atônito e preocupado com a notícia tão inesperada, tentou tranquilizar a namorada, dizendo-lhe que estava feliz em saber que iria ser pai. No fundo, no fundo, sua cabeça rodava como um peão, preocupado com o fato de que ainda não tinha condições financeiras de criar uma criança.

A notícia soou com uma bomba para Periquita, que já andava desconfiada de que alguma coisa diferente estava acontecendo, tanto no corpo, como no comportamento de sua filha. Sua primeira reação foi culpar a moça, acusando-a de descarada, leviana, batendo-a com furor. Revoltada com a atitude de sua mãe, e muito desesperada com aquela situação, Tidinha pensou na irmã Glorinha e, por um momento, pensou em fazer o mesmo que ela, ou seja, castigar a mãe, suicidando-se. Mas logo desistiu daquela ideia estúpida que não condizia nem um pouco com a sua personalidade forte e destemida. Amava por demais a vida e estava disposta a enfrentar qualquer dificuldade para ter seu filho e construir sua família ao lado de Glicério.

Mais tarde, ao ver sua filha muito triste, e lembrando-se da perda de Glorinha, Periquita chamou Tidinha para conversar, anunciando-lhe que iria providenciar o casamento dela com Glicério e que o casal poderia ficar morando na casa onde elas já moravam. Afirmou, ainda, que iria ajudar a filha a ter e a criar o seu neto ou neta. Foi quando ela, com os olhos cheios de lágrimas, olhou amorosamente para Tidinha sem, no entanto, ter tido a coragem de envolvê-la em um abraço, já que Periquita, embora amasse muito a filha, não sabia expressar isso com gestos de carinho.

O casamento de Glicério e Tidinha aconteceu com apenas a cerimônia religiosa, em um dia lindo de sol, na igrejinha da praça, bem pertinho da casa de Periquita. O vestido branco foi um presente da amiga Maria de Loló, esposa de Dedé de Justino, que era chamada carinhosamente de Dinha, e tinha costurado,

com muito carinho, o seu vestido de noiva.

Na cerimônia simples estiveram presentes, além de Periquita e Raimundo, Donana com todos os seus filhos, assim como os amigos de ambas famílias.

Consolidou-se, assim, a união dos dois jovens, com a formação da família Campos de Abreu. Por meio do santo padre, Deus abençoou o casal!

Capítulo 02

A NOVA VIDA DO CASAL

Após o casamento de Glicério e Tidinha, os dois passaram a ocupar o quarto onde Periquita dormia com o filho Raimundo, já que era mais amplo e assim acomodaria melhor os dois e, mais tarde, a criança que estava para chegar.

Raimundo, aborrecido, não se conformava com a mudança de quarto, o que deixava Periquita muito aperreada, pois ela fazia de tudo para não desagradar o menino.

Tidinha percebia, agradecida, o esforço que Periquita vinha fazendo para preparar tudo para o nascimento de seu filho e também de querer ajeitar a vida dela com Glicério. Verificava que sua mãe andava gastando quase o todo o dinheiro, que ganhava com as vendas das cocadas, com compras de cortes de tecidos para fazer lençóis e fronhas novas, assim como roupinhas para o bebê, que ela mesma costurava. Já os bordados infantis, era a própria Tidinha que fazia, o que tinha aprendido com a Maria da Loló e com a comadre dela, muito querida – Rizó.

Além das roupinhas delicadas da criança, Tidinha também bordava nos novos lençóis e fronhas as letras iniciais do nome dela e de Glicério, contornadas com flores coloridas. Em seus bordados, escrevia as iniciais “G” (de Glicério) e “H” (de Hilda), corrigindo assim o engano cometido pelo escrivão em sua certidão de nascimento, onde seu nome se iniciava equivocadamente com a letra “I”.

Glicério costumava sair cedo de casa para trabalhar na Venda do Seu Destinho e, antes de sair, Tidinha costumava chamá-lo para sentir o movimento da criança, seja passando a sua mão, seja colocando o ouvido dele na sua barriga, o que ele fazia meio sem jeito. Mas, quando percebia alguma coisa diferente, por mínima que fosse, era uma alegria danada, a ponto de fazê-lo sair assoviando, sentindo-se o homem mais feliz do mundo.

Ele costumava voltar para casa ao meio dia para almoçar com a esposa, que

sempre lhe preparava um prato saboroso, entre tantos que ele apreciava, tais como a carne do sol com farofa e a galinha caipira ao molho pardo.

Como naqueles últimos dias Tidinha andava enjoada e não podia ver nenhum sangue de galinha pela frente, as duas espécies pretinhas, criadas no quintal da casa, ciscavam tranquilas, sem serem incomodadas, exceto por Raimundo, que adorava dar algumas carreiras para cima delas, só para vê-las cacarejar, adentrando-se pela casa. Nestas ocasiões, poderia ocorrer que algumas delas pulassem sobre a mesa, virando copos ou quebrando algum prato, quando Periquita costumava gritar, lá de dentro, onde geralmente estava a costurar:

- Xô, galinha!! Deixa as bichas em paz, Raimundo!

Foi numa dessas, que Glicério, ao terminar de almoçar, viu seu copo cheio de água, o qual havia acabado de recolher da moringa de barro, se derramar sobre a mesa, por ação de uma das galinhas, que tentava fugir do cunhado Raimundo.

Muito zangado com o menino, que chegava correndo em seguida, aumentando mais ainda o rebuliço na cozinha, ele exclamou:

- Êta menino entojado! Sai daqui diacho!

Foi quando Raimundo, atrevidamente, respondeu:

- Home se assunte, que eu não vou sair da casa, que é minha. Quem devia sair daqui é você, que mora aqui de favor!

Tidinha, ouvindo aquele desaforo e vendo Glicério sair cabisbaixo, ficou triste e pensativa. Ele era um homem calado e dificilmente manifestava alguma raiva. Em diversas vezes, Raimundo o irritava com suas brincadeiras, sem que ele expressasse nenhuma reação. Periquita, que inúmeras vezes presenciava as provocações do filho direcionadas para o cunhado, preferia fingir que não via nada a ter que tomar uma atitude contra o menino. Isso fazia com que Tidinha acabasse tomando as dores do marido, brigando com o irmão, por não suportar o tratamento diferenciado que a mãe dava a ele.

O fato é que Raimundo tinha um jeito especial de tratar a Periquita e, mesmo sendo ainda uma criança, conhecia e explorava bem os pontos fracos dela. Costumava sempre abraçá-la e beijá-la, algo que nunca acontecia com Tidinha e a mãe, as quais se tratavam, algumas vezes, até mesmo com uma certa rispidez. Já com Raimundo, era bem diferente, uma vez que Periquita apresentava-se sempre muito receptiva aos chamegos do filho adotivo, o qual costumava sentar no

colo dela, enroscando-se no seu pescoço, a lhe pedir um cafuné, como um gato manhoso. Chamava-lhe de “mamãezinha querida” e de outros adjetivos que seduziam e derretiam a Periquita.

Neste aspecto, o jeito de Tidinha era bem diferente do de Raimundo, já que ela era meio arredia a excessos de demonstrações de carinhos, mesmo com o marido, ainda que ela fosse uma pessoa alegre, descontraída e desinibida.

Raimundo era um menino barulhento, brincalhão, espirituoso e criativo. Nos dias atuais, seria uma criança designada como “hiperativa”. Chegava em casa se anunciando, falando alto, fazendo graça com todos que via pelo caminho, botando apelidos ou fazendo rimas com os nomes das pessoas, repetindo-as todas as vezes que cruzava com elas, dando muitas risadas com suas próprias graças. Em geral, estas graças e rimas não agradavam muito ao Glicério, que sempre foi muito calado e discreto. Mas Raimundo nem ligava se ele gostava ou não de suas brincadeiras, saudando-o sempre da seguinte forma:

- Salve, salve Seu Glicério, cabra macho e muito sério!

Algumas saudações rimadas, que Raimundo direcionava para a mãe e/ou a irmã eram: “Bom dia, flores do dia!”; “Bom dia Dona Periquita, a minha mãe favorita!”; “Tidinha, flor de romã, minha beleza de irmã!”, entre outras que ele aprendia, sabe-se lá com quem!

Ao final da tarde, quando Glicério voltava do trabalho, Tidinha lhe esperava na janela, toda tomada banho e cheirosa, pronta para lhe servir um pratinho de aipim quentinho que Glicério tanto apreciava.

Mas, só depois que ele acendia os lampiões de querosene, colocando-os em pequenas prateleiras específicas da casa, especialmente instaladas para esse fim, é que ele ia saborear o aipim bem molinho e quentinho, untado com a deliciosa manteiga de garrafa, que escorria mansamente, derretendo-se sobre o prato. Algumas vezes, ela substituía o aipim por um delicioso beiju, feito na hora, também muito apreciado por Glicério.

Tanto o aipim, como a tapioca do beiju e a manteiga de garrafa, eram produtos que Glicério trazia do Limoeiro, quando ia visitar sua mãe e irmãos, sempre voltando de lá com os caçuás cheinhos de produtos da roça. O aipim, selecionado pela Donana, tinha que ser bem branquinho por dentro, o que ela verificava partindo-o no meio, quando garantia que este iria ficar molinho e saboroso, quando

cozinhasse.

Ela também selecionava os ovos de galinha para serem enviados para Tidinha, para ter certeza que não fossem ovos “galados”, ou seja, aqueles que apresentavam manchas de sangue na clara, o que indicava que os pintinhos já estavam prestes a se desenvolver. Para isso, ela sacudia levemente os ovos, colocando-os na altura do ouvido para perceber seu barulho e seu peso. Costumava também alertar o filho que, se Tidinha encontrasse e comesse algum ovo com duas gemas, ela certamente iria ter filhos gêmeos. Na oportunidade do início de sua vida de casado, ao ouvir esse alerta da sua mãe, Glicério respondeu:

- Por agora já tá de bom tamanho um filho só. Deixa para depois, quando minha vida melhorar, para eu ter meu bando de filhos.

Na época do umbu, que coincidiu com os primeiros meses da gravidez de Tidinha, ela costumava pedir ao marido para trazer do Limoeiro um caçuá cheio destes frutos. Nesse período, os umbus já estavam muito maduros, amarelinhos e muito moles, caindo facilmente do pé, o que deixava o chão repleto deles. Quando não eram recolhidos, vinham a se tornar alimento farto para pássaros, formigas, porcos e outros animais, também apreciadores deste fruto típico do sertão nordestino.

Para poder trazer, do Limoeiro para o Cumbe, os umbus e outros tantos outros produtos da roça, Glicério tinha que arrumar mais um jeguinho, já que, em apenas dois caçuás, a carga máxima de um jegue, não dava para acomodar tanta coisa. Sem falar que, no caso do seu jegue, esta carga já era considerada excessiva, uma vez que o animal não era mais tão jovem.

Glicério não podia deixar de levar todos os produtos selecionados para Tidinha, por sua mãe Donana e, em especial, os umbus, os quais iriam satisfazer os desejos da sua jovem esposa grávida.

Donana gostava muito de Tidinha e fazia de tudo para agradá-la. Ela era uma mulher que aparentava fragilidade por ser muito magrinha, embora fosse uma mulher forte e enérgica, muita rigorosa na educação dos filhos. Tinha ficado viúva muito jovem e educou os filhos sozinha, com muita dedicação. Seus olhos azuis demonstravam sempre muita generosidade. Ela não gostava que Glicério deixasse de atender os desejos da sua mulher grávida, alertando-o que, se isso acontecesse, a criança poderia nascer com a cara do objeto de desejo da mãe.

Mas, mesmo fora do período de “desejos” da gravidez, e também da época dos umbus maduros, Tidinha continuava pedindo ao marido para trazer da roça alguns desses frutos, verdes ou inchados, que ela gostava de cortar com uma pequena faca afiada, para remover os caroços e poder assim saborear melhor o gosto azedo da fruta.

Quando Glicério chegava do Limoeiro com um jegue adicional, ele tinha que arranjar um espaço para acomodá-lo, deixando-o preso o dia todo no fundo do quintal, até que aparecesse alguém que se oferecesse para levar o animal de volta para o Limoeiro. Para sua felicidade, Bambá, irmão adotivo de Glicério, vinha sempre ao Cumbe a pé, levando-o assim de volta, libertando-o, pelo menos temporariamente, daquele quintal, que muitas vezes era muito fedido. Isso porque ele dava acesso para um beco estreito onde, nos dias de feira, alguns feirantes, ou mesmo gente vadia, corriam para atender suas necessidades, transformando-o em uma espécie de mictório público.

Assim, nos dias de domingo, o beco amanhecia imundo, cheio de urina e fezes, que também chegavam a atingir o portãozinho que dava para o quintal da casa de Periquita. Nessas ocasiões, ela virava uma fera e, com ajuda de Raimundo pegava uma vassoura, um balde cheio de água e creolina, tratando de limpar logo tudo, praguejando sem parar:

- Cambada de porco! Eu te descunjuro seus demônios! Vão cagar lá no fogo do inferno!

Aquela ira toda de Periquita era, principalmente, pelo fato dela ser muito asseada e detestar sujeira. Nesse sentido, ela era muito rígida com todos da casa, o que fazia com que cada um dos moradores, logo cedo, ao levantar da cama, pegasse rapidamente seu urinol (penico) para descarregar seus conteúdos no mictório da casa, um quartinho localizado no quintal, fechado com uma portinha de tábua.

Este mictório consistia de uma fossa, contornada de cimento, que formava uma espécie de privada dos dias atuais, só que tinha mais ou menos um palmo de altura acima do nível do chão, o que obrigava as pessoas a ficarem de cócoras para atenderem suas necessidades fisiológicas.

Ao lado do mictório da casa, ficava outro quartinho que era utilizado como banheiro, onde existia uma gamela de madeira, uma cuia e uma vasilha pequena, rasa e redonda, que servia para colocar o sabão, o qual, em geral, era de coco, bem

branquinho. Na porta de tábuas, havia três pregos grandes, que eram utilizados para dependurar roupas e toalhas. No chão, havia sempre um pano de saco de farinha, que Periquita tinha reaproveitado para transformá-lo em pano de chão. Usava também este tipo de pano para fazer toalhas de prato, bordando-as com os nomes dos dias da semana, juntamente com o desenho de uma fruta ou algum acessório de cozinha.

A cozinha da casa possuía um fogão de lenha, prateleiras forradas de painhos bordados, cheia de panelas de barro ou alumínio, estas muito areadas e brilhantes, assim como mantimentos, pratos, talheres e copos. Uma mesa grande encostada em uma das paredes servia como balcão para preparar as comidas, tudo muito limpo, com muito rigor.

Uma das horas prediletas do dia de Glicério era o momento em que ele chegava em casa, após uma jornada cansativa de trabalho, quando Tíndinha, muito submissa, como costumavam ser as mulheres daquela época, lhe tirava os sapatos de couro cru, calçando-lhe uma sandália confortável.

Depois desse ritual, enquanto Tíndinha colocava a janta, ele seguia para o banho, reunindo-se, posteriormente, ao redor da mesa do jantar, com Raimundo, para saborear a última refeição do dia, que, em geral, consistia de uma boa carne de sol frita, acompanhada com farofa, seguida de um prato de mungunzá. A refeição era sempre finalizada com um pedaço de pão e uma xícara de café com leite, que Glicério também trazia do Limoeiro.

Tíndinha e Periquita costumavam servir Glicério e Raimundo e, só depois que eles terminavam de comer, elas se sentavam à mesa e se serviam.

Após a janta, Glicério costumava sentar com Tíndinha na porta da casa, sentindo o ventinho que se tornava mais frio durante a noite, bem diferente daquele vento quente e seco que soprava durante o dia. Algumas vezes, outras pessoas, vizinhos ou parentes, se juntavam a eles numa prosa agradável, enquanto Raimundo brincava na frente da casa com outras crianças. Mas logo, logo, o vento ficava mais frio e todos se recolhiam para dormir, quando Periquita obrigava Raimundo a lavar os pés antes de ir para cama, já que, àquela altura, estavam empoeirados, muito sujos, de tantas correrias pela rua.

Os dias passavam assim tranquilos, enquanto Tíndinha se sentia cada vez mais pesada, em virtude da aproximação da chegada do seu filho.

Capítulo 03

O NASCIMENTO DO PRIMEIRO FILHO

No dia 30 de agosto de 1948, Tidinha acordou de madrugada sentindo algumas cólicas, que iam e vinham em intervalos regulares, o que logo Periquita identificou como contrações, que anunciavam o momento do início do trabalho de parto. Pediu então para Glicério para ir chamar Dinha (Maria de Loló), que na época já vinha sendo reconhecida como uma boa parteira na região.

Ao chegar e percebendo que a hora do nascimento se aproximava, Dinha começou a preparar alguns materiais para o parto, tais como uma tesoura e toalhas limpinhas e fervidas. Não demorou muito para que Tidinha começasse a sentir dores cada vez mais fortes. Foi quando Dinha começou a pressionar a barriga da amiga para baixo, percebendo que a criança já apontava a cabeça para sair e chegar ao mundo.

Para sua surpresa, percebeu que o cordão umbilical estava enrolado no pescoço da criança, o que requeria habilidades por parte dela para evitar o perigo de asfíxia do bebê. Com a competência de qualquer obstetra dos tempos atuais, Dinha contornou bem a situação, conseguindo, com êxito, finalizar o parto, cortando o cordão umbilical de uma forma segura e tranquilizante para todos que, ansiosos, aguardavam o desenrolar dos acontecimentos lá fora, no pátio da Igreja, com muita tensão e expectativa.

Quando um choro forte da criança invadiu o ambiente, Glicério entrou no quarto nervoso e emocionado. Observando a cena, na qual Dinha estava a limpar a criança, enrolando-a e entregando-a a Tidinha para que ela a colocasse no peito, ficou extasiado, parado como uma estátua, como se estivesse paralisado. Foi quando Tidinha o chamou para perto dela, apertando com força a sua mão, dizendo-lhe que ele era pai de um menino. Nesse momento, Glicério beijou a cabeça do

bebê, pedindo a Deus que abençoasse para sempre o futuro do seu filho.

Depois desse momento tão especial para Glicério, os próximos dias seguiram com o resguardo de Tíndinha, quando ela era cercada de cuidados da Periquita, pois, naquela época, era muito comum que as mulheres recém-paridas permanecessem por quase um mês em repouso, alimentando-se com os tradicionais mingaus de paridas, os quais são preparados com farinha, alho, cebola bem picadinha e sal, obtendo-se assim um pirão que, segundo as parteiras, era muito forte, capaz de recuperar a energia perdida durante o parto. Esse pirão é também recomendado, até hoje, para fortalecer alguém debilitado por algum tipo de doença, caracterizando-se como um santo remédio revitalizador, pelas pessoas mais antigas.

Para estimular a produção do leite materno, Periquita oferecia para Tíndinha muito leite, mingaus de milho, entre outros alimentos. Ela estava muito feliz ao ver sua filha mãe de um menino, algo que ela sempre desejou. Esse fato a incentivou a adotar seu sobrinho Raimundo como seu filho, tomando-o nos braços logo que nasceu. Ao ver Tíndinha amamentar o menino, sentia-se realizada por meio da maternidade da filha. E, como não era muito de afagos, compensava essa sua dificuldade cercando a filha de atenções e cuidados, não permitindo que ela fizesse nenhum esforço, durante todo o período de pós-parto.

Enquanto Tíndinha descansava, Glicério providenciava tudo, para que nada pudesse faltar para sua família. Logo depois do parto foi ao cartório registrar seu filho com o nome que havia escolhido, em comum acordo com Tíndinha - José Hilcério Campos de Abreu.

O nome José foi uma recomendação do padre, em homenagem a São José que, para ele, havia protegido a criança de morrer asfixiada pelo cordão umbilical. Já o nome Hilcério, esse havia sido escolhido pelo casal por ser resultante da fusão dos nomes Hilda e Glicério. Como o nome ficou meio complicado, o menino logo passou a ser conhecido como o Zezinho da Tíndinha.

Após decidirem pelo nome do primeiro filho, Glicério e Tíndinha combinaram que todos os seus demais filhos iriam ter nomes iniciados com a letra “J”. Isso era uma prática muito comum naquela época, ou seja, os casais sempre definiam uma letra do alfabeto de que gostavam, para tomar com referência na escolha dos nomes dos filhos.

SEGUINDO EM FRENTE

Com o nascimento do primeiro filho, Glicério e Tidinha já faziam planos para o futuro, escolhendo novos nomes iniciados com a letra “J”, mesmo porque, era comum, no sertão nordestino, as pessoas terem famílias numerosas. Além deles, também os amigos e parentes buscavam novas opções de nomes, surgindo diversas sugestões, tais como: João, Jozildete, Jozélia, Janice, Jackson, Joilson, entre outros.

No batizado de José Hilcério, os padrinhos - Moisés, irmão de Glicério, e Terezinha, grande amiga de Tidinha, filha do primeiro casamento do Seu Detinho - receberam com alegria a notícia da nova gravidez de Tidinha, já também sugerindo novos nomes iniciados com letra “J”.

Capítulo 04

O NASCIMENTO DO SEGUNDO FILHO

O novo filho do casal, outro menino, nasceu, no dia 27 de novembro de 1949, de uma forma bem mais tranquila, sem o alvoroço que marcou a experiência do primeiro filho, sendo o parto também realizado por Dinha.

O novo rebento veio a se chamar João Campos de Abreu e encantava a todos, para o orgulho dos padrinhos, Purezinha, prima e amiga de Tidinha, que morava na Carnaíba, e Ezequias, irmão de Glicério que nunca havia se casado.

João era um garoto que não estranhava ninguém. Estava sempre disposto a ir para o colo de todos. Como Purezinha era anã e gostava muito de ficar segurando o menino, isso se tornou motivo de gracejos de Raimundo, que dizia que ela não aguentava segurar a criança robusta, que foi João, durante toda a sua fase de bebê. Naqueles momentos, usando suas rimas costumeiras, Raimundo repetia:

- Purezinha, Purezinha, segura direito o João, pois você não aguenta não!

Na oportunidade, recebia de imediato uma resposta, também rimada de Purezinha:

- Sai daqui seu entojado, que este aqui é meu afilhado!

Os dois filhos de Glicério e Tidinha, o Zé e o João, encheram a casa de alegria e logo se tornaram companheiros inseparáveis nas brincadeiras e traquinagens, exigindo, por isso, vigilância constante dos pais e da avó Periquita.

Raimundo se divertia com os dois meninos, ensinando-lhes as primeiras palavras, a bater palmas e, claro, a fazer muitas gaiatices, que sempre faziam Periquita se divertir muito. Durante as brigas e disputas, costumeiras entre duas crianças, ela sempre tomava a defesa de João, que, depois de Raimundo, se tornou o seu grande chamego, o que deixava Zé muito aborrecido, chorando e intensificando assim suas traquinagens e piraças ao irmão. Nesse período, a comadre Terezinha,

SEGUINDO EM FRENTE

madrinha do garoto, costumava tentar sossegá-lo, mantendo-se sempre presente na companhia de Tidinha, ajudando-a no que fosse preciso.

Nos dias de folga, Glicério também costumava levar os filhos para o Limoeiro para brincar com os filhos da sua irmã Judith com Silvino. No ambiente da roça, os primos brincavam livremente, sempre vigiados pela avó Donana.

Os passeios das crianças também incluíam a Fazenda da Maria Preta, para que elas pudessem usufruir da companhia dos filhos de Dinha (Maria de Loló) e Dedé de Justino, que também já vinham formando uma prole numerosa de filhos, de várias idades.

A vida seguia, assim, de uma forma despreocupada para Tidinha, mas não tanto para Glicério, que percebia que o dinheiro que recebia como balconista na Venda de Seu Detinho já começava a ficar insuficiente para manter a família. Sua preocupação aumentou quando recebeu a notícia de que Tidinha estava novamente grávida.

Capítulo 05

O NASCIMENTO DO TERCEIRO FILHO

O terceiro filho de Glicério e Tidinha marcou um momento muito significativo para o casal. A gravidez transcorreu tranquila e, segundo Periquita, com algumas características bem diferentes das duas gestações anteriores, principalmente no formato da barriga da filha.

Os movimentos do bebê também eram diferentes, já que não eram muito regulares, o que, para Tidinha, indicava que seria uma criança muito calma. Por essas e outras é que Periquita tinha o palpite que, daquela vez, viria a menina tão desejada por todos, chegando até a costurar antecipadamente dois vestidinhos para a futura neta.

E assim foi que, no ano de 1950, nasceu Jozildete, a primeira filha de Glicério e Tidinha. O parto foi rápido, para alegria da mãe, que estava ansiosa em saber se o palpite da Periquita tinha sido certo. Para todos que aguardavam a notícia, foi mesmo uma verdadeira festa quando foi anunciado o sexo da criança. Glicério não se continha de felicidade!

A menina tinha uma pele tão branca e fina, que chegava a ser quase transparente, deixando ver as marcas das pequenas veias que cortavam sua barriguinha, braços, pernas e mãos, como se fossem pequenos rios afluentes. Permaneceu de olhos fechados até o segundo dia de vida, o que era normal naquele tempo, bem diferente dos dias atuais, nos quais algumas crianças já nascem de olhos bem abertos.

E foi no momento que viu pela primeira vez os olhos da sua filha que Tidinha, não podendo se conter de alegria, gritou com muita euforia:

- Vixe Maria, vem ver minha gente, a menina tem o olho igualzinho ao do Glicério! Azul da cor do céu!

Nessa hora, Periquita deixou correndo a máquina de costura e foi constatar o fato. O tom azul intenso dos olhos da menina chamava mesmo a atenção, pois mais pareciam duas contas azuis, como Tidinha costumava descrevê-los, não se cansando de exibi-los para todos.

Glicério, por sua vez, estava muito feliz por ter finalmente cumprido a promessa que havia feito à sua esposa, quando a pediu em namoro. Sua satisfação era ainda maior quando todos diziam que a menina era muito parecida com ele, usando uma expressão muito utilizada na região, até os dias de hoje, pelo povo da roça: “É o pai toda, cagada e cuspidal!”

A pequena Jozildete encantava a todos que a viam. Os irmãos achavam até que ela era uma bonequinha viva e a cobriam de beijos. Raimundo tentava fazer rima com a cor dos olhos da menina, sem muito sucesso desta vez e Periquita se punha a costurar vestidinhos azuis para neta e a enfeitar com laços os seus cabelinhos finos, dourados e cacheados.

Sempre cercada de carinhos e cuidados, eis que, aos seis meses de idade, quando já sentava sozinha e batia palmas, a menina é acometida por uma diarreia, sem que ninguém pudesse descobrir a razão, o que deixou Tidinha muito nervosa. Periquita, como uma boa rezadeira de crianças que era, começou então a rezar a menina de hora em hora, utilizando ramos de plantas, que logo depois começavam a murchar, o que, para Periquita, era sinal de olhado. Começava então a reclamar com Tidinha por ela viver exibindo a menina para todo mundo.

Mesmo com as rezas de hora em hora, a diarreia da pequena Jozildete não cessava, fazendo-a perder peso rapidamente, o que fazia Tidinha lhe oferecer mais alimentos, receando que ela viesse a morrer por inanição. Mal sabia ela que aquilo agravava mais ainda a situação da menina, pois intensificava a diarreia, o que promovia uma desidratação gradativa.

Periquita, angustiada, experimentava remédios e chás recomendados por curadoras bem conceituadas da região, já que médicos naquele lugar eram bem raros. Certamente que, se já houvesse a ampla disseminação da informação sobre a forma de preparar e aplicar o famoso soro caseiro, como existe atualmente, esse seria o remédio recomendado para curar a pequena Jozildete. Felizmente, nos tempos atuais é muito raro algum registro de morte infantil provocada por desidratação. Mas, como tudo era bem diferente e difícil no velho Cumbe, no ano

em que Jozildete nasceu, a pequena menina veio mesmo a falecer.

Quando Tíndinha viu sua filha desfalecida, tornando-se cada vez mais pálida e fria, começou a chorar desesperada, tentando animar a pequena, que àquela altura já estava morta. Ao se dar conta da situação, pela primeira vez, Glicério se entregou a um choro copioso na frente de todos. Abraçando o corpinho da filha, o casal chorou muito, vendo se desfazer, com a morte da criança, o sonho realizado, que durou tão pouco.

O pequeno caixão azul que encomendaram para o enterro da filha possuía uma pequena janela de vidro e, portanto, mesmo fechado, se podia ver o rostinho da menina, que morreu com os olhos abertos, sem que ninguém tivesse tido a iniciativa de fechá-los para o enterro. Quem sabe isso tenha ocorrido para que os pais pudessem prolongar a visão daqueles olhos de contos azuis que tanto amavam.

Por muito tempo, uma foto tirada da criança morta ficou guardada na gaveta da penteadeira de Tíndinha, até que, um dia, não se sabe como, ela sumiu. Talvez o pequeno anjo, cansada de ver o sofrimento dos pais, todas as vezes que olhavam para aquela foto, tenha dado um jeito de levá-la para sempre.

Mesmo depois do sumiço da foto, e por muito tempo, Tíndinha costumava lançar um olhar perdido para o céu, repetindo:

- Ela deve estar lá. Foi levar mais um pouco de azul, para essa imensidão de céu...

Quanto a Glicério, mesmo com a alegria contagiante dos seus dois filhos, que corriam ao seu encontro todas as vezes que ele chegava em casa, ele não conseguia se animar. Permanecia triste e também muito preocupado com sua situação financeira. Não conseguia ver nenhum futuro em permanecer trabalhando como balconista na Venda do Seu Detinho. Precisava encontrar alguma forma de mudar de vida. Por outro lado, queria esquecer a dor da perda da sua filha e achava que uma mudança de emprego seria muito boa para ele.

Foi quando ele tomou a decisão de deixar o emprego para trabalhar de forma autônoma, distribuindo mercadorias adquiridas na sede do município nos povoados circunvizinhos. Para isso, juntou algumas economias, comprando um burro e duas mulas. Sonhava em se tornar um homem rico e poder ter muitos filhos. Poderia, assim, colocar todos para estudar para que pudessem adquirir uma boa profissão. E esse foi um dos motivos que o incentivou a tomar a decisão de sair

SEGUINDO EM FRENTE

viajando, em busca de um futuro melhor. Acreditava que isso seria o começo de um próspero negócio. Sendo assim, lançou-se com muita determinação na nova empreitada, ainda que Tíndia e muitas outras pessoas opinassem que o novo trabalho seria perigoso e não lhe ofereceria segurança.

Capítulo 06

AVENTURAS DE UM TROPEIRO

E foi assim que, mesmo sem a aprovação de Tidinha, Glicério decidiu se tornar um tropeiro, profissão de que passou a gostar muito, pois sempre conhecia muitas pessoas e aprendia coisas novas. Os resultados financeiros também eram bem melhores do que o salário de balconista e ele já podia fazer planos de comprar, em breve, a sua casa própria.

Cumprindo sua nova rotina, Glicério arrumava toda semana os seus caçuás, enchendo-os de mercadorias para seguir viagem em direção aos povoados vizinhos.

Viajava mata adentro solitário, apenas na companhia do seu burro e de uma mula, percorrendo trilhas estreitas, muitas delas abertas a facão pelas próprias comunidades. Quando o sol baixava e já conseguia avistar o próximo povoado aonde iria entregar mercadorias, ficava mais tranquilo e costumava diminuir o passo, aproveitando para observar a mata, os mandacarus e os pássaros. Nesses momentos, deixava-se embalar pelo compasso do trotar vagaroso e pesado dos animais, relaxando um pouco, até chegar ao seu destino.

Quando Glicério distribuía todas as mercadorias, voltava cansado para casa, onde permanecia descansando por dois a três dias, para depois voltar a recarregar os caçuás e a se embrenhar novamente pelas matas.

Num certo dia muito quente, daqueles em que o solo fica tão seco que as patas de qualquer animal, e até mesmo os passos de quem passa, fazem com que uma poeira fina suba pelo ar, Tidinha observava Glicério arrumando os caçuás para seguir viagem mais uma vez. Ela também olhava o céu, preocupada, pois diziam que a época das chuvas estava para chegar.

Eram os prenúncios das chuvas típicas do semiárido baiano. Embora raras,

elas sempre vinham e, quando apareciam após um longo período de estiagem, tomavam a forma de fortes aguaceiros de pequena duração, que se repetiam por um período de quase três meses.

Estas chuvas eram sempre recebidas como bênçãos pelos sertanejos, já que, após a estiagem, a mata ficava tão seca que tomava uma cor cinzenta, como se já tivesse morta, parecendo que, dali, o verde nunca mais pudesse brotar.

Mas eis que a chuva chegava e, como um milagre, fazia o verde das matas explodir, deixando o sertanejo feliz da vida, pois já podia preparar a terra molhada para o plantio, regando-a com a esperança, que sempre vinha junto com a chuva, bendita chuva!

Mas, naquele momento, enquanto observava o marido se preparando para mais uma viagem, Tíndinha pensava na chuva, não como uma bênção, mas sim como um motivo de grande preocupação. Ela poderia cair quando Glicério estivesse no caminho, o que poderia ser perigoso. Com a chuva, vinham também os raios e trovões... Estas eram coisas que passavam pela cabeça de Tíndinha, o que ela interpretava como um mau presságio. Dessa forma, tentou convencer Glicério a não seguir viagem.

Alegando que não poderia deixar de entregar suas mercadorias, não houve jeito de Glicério atender ao pedido da esposa, deixando-a muito apreensiva. Quando ele partiu, ficou com o coração apertado, a observá-lo da janela, até que ele sumisse ao longe, envolvido numa nuvem de poeira.

Durante a noite, Tíndinha não pôde dormir sossegada e, pela manhã, ao perceber que as primeiras gotas de chuva começavam mesmo a cair, seu coração ficou ainda mais apertado, deixando-a muito calada e triste. Foi quando os pequenos Zé e João entraram gritando:

- Óia a chuva! Óia a chuva!

Isso a fez esquecer um pouco as suas preocupações, envolvendo-se na alegria das crianças.

Enquanto isso, Glicério já ia longe, percebendo também a chuva, que engrossava pouco a pouco. Com isso, começou a se preocupar, primeiro com as mercadorias, que já estavam ficando molhadas, e depois com o cair da tarde, que logo traria a noite e uma escuridão medonha, que ele não gostaria de enfrentar na mata.

Começou, então, a procurar um pé de umbuzeiro frondoso, que sabia existir por ali, para se abrigar. Olhando ao redor, viu, com muita surpresa, o pé de umbuzeiro que procurava caído, rachado no tronco, como se um raio o tivesse partido ao meio. Triste em ver uma árvore tão bonita e forte destruída, uma das raras árvores que permaneciam frondosas mesmo nas longas estiagens, começou a ficar apreensivo, com receio de que um raio também viesse a atingi-lo. Resolveu prosseguir viagem, em busca de outro lugar para se abrigar. Foi quando se lembrou de um casebre abandonado que existia perto do povoado de Algodões, que estava bem próximo. Apressou o passo do burro, puxando também com mais força a corda da mula, prosseguindo em direção do casebre, enquanto a chuva engrossava cada vez mais.

Chegando ao local, Glicério entrou e amarrou os animais em uma pilastra de uma pequena varanda, decidindo que iria se acomodar em um vão da casa para passar a noite, já que constatava que a chuva iria demorar um pouco para cessar. Pegou na sua bagagem um casaco comprido de feltro grosso e uma rede, que pendurou em um dos armadores, que sempre existiam em qualquer residência daquelas redondezas.

Mais tarde, antes de se acomodar para dormir, acendeu um candeeiro, item que ele sempre trazia na sua bagagem, e tomou um café que ele mantinha na garrafa térmica, a qual ele abastecia onde passava, saboreando-o com as bolachas que Tidinha tinha colocado no seu bocapio.

Enquanto isso, lá fora, a chuva já estava muito forte e não cessava, trazendo consigo os relâmpagos e trovões, o que deixava os animais muito assustados. Foi assim durante toda a madrugada, o que preocupou e amedrontou Glicério, principalmente quando se deu conta de que a casa era povoada por morcegos.

A cada cochilada que ele conseguia dar, acordava sobressaltado, vendo sombras que passavam na sua frente, como se fossem morcegos gigantes que sobrevoavam a sua rede. Arrepiava-se a cada sobressalto, como se sentisse a presença de alguém a lhe espreitar. Nesses momentos, os animais rinchavam alto, emitindo um som pavoroso no ar. Glicério temia que eles acabassem quebrando as cordas que os mantinham amarrados e fugissem, de tão assustados que estavam. Lembrou, então, que sua mãe, Donana, costumava dizer que os animais eram sensíveis à presença de maus espíritos, o que o deixou ainda mais apavorado. Com a voz

trêmula, começou então a rezar o credo, em voz alta:

- Creio em Deus Pai todo poderoso, criador do céu e da terra e de todas as coisas. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo...

Aos poucos, como se a oração tivesse, de fato, surtido efeito, os relâmpagos cessaram, as sombras sumiram, fazendo Glicério dormir profundamente. Permaneceu assim até o dia amanhecer, quando despertou e, aliviado, percebeu que a chuva tinha cessado, deixando, porém, um chão lamacento, o que por certo iria dificultar sua viagem. Mas, como já estava bem perto do povoado dos Algodões, quase na fronteira do município de Tucano, se tranquilizou, pois achou que daria para chegar lá com segurança para entregar grande parte de sua carga. Foi, então, arrumar os animais para seguir viagem.

Quando estava pronto para sair, no entanto, Glicério viu uma tocha de fogo azulada que explodiu dentro da caatinga, assustando os animais, que começaram a rincar e a fugir em disparada, como se estivessem perseguidos por algo tenebroso. Desesperado, Glicério correu atrás dos animais, que carregavam todos os seus pertences. Correu por alguns minutos, arranhando-se nos mandacarus e cansações, até que, cansado e ofegante, escorregou no chão lamacento, caindo e batendo com cabeça numa pedra. Perdendo os sentidos, só foi voltar a si bem mais tarde. Sentindo-se exausto, não conseguia andar com agilidade, percebendo que teria que voltar para casa para se recuperar, pois se sentia tonto e muito fraco. Foi quando avistou seus irmãos Ezequias e Moisés, que estavam a procurá-lo a pedido de Tidinha, já angustiada com o atraso do retorno do marido. Não conseguia dormir, preocupada, certa de que havia acontecido alguma coisa. Questionado pelos irmãos sobre o que tinha acontecido, Glicério confessou que só se lembrava mesmo da noite pavorosa, dos animais fugindo em disparada pela manhã, e de sua corrida pela mata adentro, tentando alcançar os animais. Mencionou ainda que se recordava vagamente de um cão raivoso de olhos vermelhos perseguindo-o, rosnando e mostrando-lhe dentes pontiagudos, o que fez Moisés e Ezequias olharem um para outro, exclamando:

- Cruz credo! Misericórdia!

Após essa narrativa, soube que os irmãos tinham encontrado o seu burro e a mula, porém sem as cargas de mercadorias. Contaram-lhe também que o casebre abandonado onde ele passou a noite pertencera a um velho solitário que vivia com

um cachorro preto, e que ambos morreram no mesmo dia, sendo enterrados ali mesmo, no quintal.

Perturbado e desolado, Glicério ouviu aquilo tudo, partindo depois com os irmãos, de volta para o Cumbe, levando consigo os animais, únicos legados daquela noite assustadora. Enquanto seguia viagem, ia pensando em como iria se recuperar daquele prejuízo e lembrava também do cão preto, ficando na dúvida se aquilo existiu mesmo ou foi fruto da sua imaginação.

Ao ver Glicério chegar ao Cumbe, cheio de escoriações e abatido, Tidinha começou a chorar. Quando tomou conhecimento de tudo que aconteceu, implorou ao marido que ele deixasse aquela vida perigosa e sem futuro. Cabisbaixo e muito desolado, Glicério apenas respondeu:

- E de que iremos viver?

No dia seguinte, enquanto Glicério descansava, Tidinha, com seu jeito “despachado” e muito decidido de ser, foi procurar Belarmino Campos, conhecido como Belo, seu irmão por parte de pai. Naquele período, ele exercia o cargo de Coletor de Impostos Estaduais, um dos cargos mais importantes do lugar. Pretendia pedir-lhe que ajudasse a arranjar um novo trabalho para o marido.

Belo era uma pessoa muito influente e bem articulada, e tinha prometido ao pai, Ismael, quando ele estava no leito de morte, que iria sempre ajudar os irmãos. Assim, quando recebeu o pedido da irmã Tidinha, não pode lhe negar ajuda. Por saber que Glicério era um homem competente, com enorme habilidade de escrever e fazer operações matemáticas, foi muito fácil para ele encontrar uma colocação para Glicério como escrivão em uma Coletoria de um pequeno povoado do município de Jequié, denominado Três Morros.

Ao receber essa notícia, Glicério, ainda muito abatido por tudo que lhe havia acontecido, levantou da cama, animado, dizendo:

- Vou agora mesmo procurar Belo para saber o que preciso providenciar para começar logo a trabalhar!

Tidinha, porém, recomendou-lhe que descansasse mais um pouco, pois ele ainda estava se recuperando, e que deixasse para procurar Belo no dia seguinte. Imediatamente, Glicério respondeu:

- Nada disso, mué! Sou lá home de ficar na cama descansando?

E, vestindo rapidamente uma roupa, disse:

SEGUINDO EM FRENTE

- Essa pode ser a minha grande oportunidade de fazer o que sempre desejei: trabalhar como escrivão!

Capítulo 07

O NASCIMENTO DO QUARTO FILHO

Quando Tidinha e Glicério anunciaram para Periquita e Raimundo a necessidade da mudança da família para Três Morros, eles disseram que não iriam acompanhá-los, alegando que não queriam ir morar “naquele fim de mundo”. Mudaram, porém, de ideia, ao saberem que Tidinha estava novamente grávida e, assim, iria precisar da ajuda da Periquita. Toda a família, então, mudou-se para Três Morros, onde Glicério conseguiu usufruir do seu primeiro período de tranquilidade e equilíbrio financeiro.

Durante toda a sua gestação, Tidinha se manteve feliz, gostando muito da nova morada, onde conseguiu fazer muitos amigos. Aguardava, assim, tranquila o parto do seu próximo filho.

Tidinha desejou muito ter novamente uma menina e, como os sintomas e reações da gravidez eram idênticos à anterior, a cada momento, era como se estivesse revivendo a gravidez da filha que havia perdido, o que também lhe deixava um pouco melancólica.

Em Três Morros, Tidinha e Glicério consolidaram uma grande amizade com o casal Ulisses e Jamile, que os ajudaram muito quando eles chegaram para morar no povoado.

Jamile se tornou uma amiga inseparável de Tidinha, com quem dividia suas preocupações e trocava experiências sobre relações e problemas conjugais, assim como sobre a educação do filho José, que era muito traquino, sempre aprontando novidades que preocupavam os pais.

No dia 4 de julho de 1951, quando as dores do parto começaram, foi Jamile que foi correndo buscar uma parteira para Tidinha, ajudando-a também no momento em que deu à luz a filha tão desejada, compartilhando com ela essa grande felicidade. Dessa forma, Jamile e Ulisses foram os escolhidos para serem padri-

nhos da menina, que veio a se chamar Jozélia.

Diferente dos outros filhos de Tidinha, Jozélia, a Joza, como logo começaram a tratá-la, tinha pele morena e cabelos negros, o que causou muito espanto de todos, gerando, inclusive, um mal estar entre Tidinha e um dos irmãos de Glicério. Isso porque, quando ele conheceu a nova sobrinha, exclamou:

- Vixe Maria, que menina preta! Nem parece que ela é filha de Glicério!

Naquele momento, Tidinha, que não tinha papas na língua, muito ofendida com o comentário desprezioso do cunhado, disse:

- E de quem essa menina poderia ser mesmo filha? Até parece que os meus filhos têm que puxar tudo para os Abreus! Fique sabendo que eu, e muitos da família Campos, são morenos. E todos nós somos bem mais bonitos que vocês todos, tudo branco que nem aipim descascado!

Percebendo a situação embaraçosa criada pelo seu irmão, Glicério intercedeu dizendo:

- Finalmente um filho com a marca da família Campos. Ela vai ser a nossa princesa moreninha!

E assim foi! A pequena Joza parecia, de fato, uma princesinha, cercada de mimos pelos irmãos, a receber presentes dos tios e amigos, lindos vestidinhos, laços de fita, sapatinhos e tantas outras coisas de menina.

A vida em Três Morros foi, para Tidinha, segundo revelou tempos depois, o melhor período de sua vida de casada. Lamentavelmente, não durou muito a sua estada no lugar, já que o novo prefeito eleito de Jequié, com muitos amigos para acomodar na sua gestão, exonerou Glicério para oferecer o seu cargo a um desses amigos.

E foi assim que Glicério, sem emprego e muito triste com a situação, voltou com a família para Euclides da Cunha. A casa da Rua da Igreja começou, então, a ficar pequena para acomodar a família mais numerosa, composta de Periquita, Tidinha, Raimundo, Glicério, Zé, João e Joza.

Felizmente, naquela época, a competência de Glicério já era conhecida por todos e assim, através dos seus contatos, e novamente com ajuda do cunhado Belo, ele conseguiu uma nomeação para exercer um cargo interino de escrivão na Coletoria da cidade de Piatã, localizada na Chapada Diamantina. Desta vez, Periquita decidiu não acompanhar o casal, sugerindo que deixassem o pequeno João com

O NASCIMENTO DO QUARTO FILHO

ela, o que não agradou Glicério, já que ele não queria separar os filhos. Como percebeu que o menino, por ser muito apegado à avó, desejava ficar com ela, acabou atendendo ao pedido da sogra, prometendo que, quando tudo estivesse organizado na nova morada, viria buscar o menino.

Capítulo 08

A PASSAGEM POR PIATÃ

Piatã, que é uma pequena cidade localizada na Chapada Diamantina, foi outro lugar pelo qual Tidinha sempre demonstrou simpatia, embora comentasse que era muito frio, algo com que ela não era muito acostumada.

O frio se manifestava principalmente durante a noite, chegando a atingir 7°C no inverno. As crianças estranhavam a temperatura tão baixa e também os agasalhos que passaram a usar, inclusive meias, quase desconhecidas para eles, já que costumavam usar sandálias e brincar com os pés descalços. Tidinha, sempre cuidadosa com os filhos, temia resfriados e não permitia que eles tirassem os agasalhos, principalmente durante a noite. Segundo ela, o frio era tão grande que dava até para matar sapo.

Já para Glicério, o frio não incomodava muito e sua adaptação ao lugar foi muito rápida. Lá, ele construiu fortes laços de amizade com Jones, o coletor local.

Tidinha sentia muita falta do filho João, que Periquita insistiu tanto que ficasse sob sua guarda. Mais tarde, a própria Periquita ponderou a situação de ficar com essa guarda, já que ele veio a sofrer um acidente, quando estava sentado em seu colo, e uma chaleira de café recém-preparado virou sobre ele, causando-lhe uma queimadura na barriga. Periquita sentiu, então, o peso da responsabilidade de cuidar de João, pois certamente Glicério iria achar que ela não vinha sendo cuidadosa com a criança.

Felizmente, a queimadura cicatrizou, sem deixar marcas profundas na pele de João e, quando Tidinha e Glicério souberam do ocorrido, tudo já não passava de uma pequena mancha na barriga da criança.

Durante o período em que viveu em Piatã, Tidinha teve um forte sangramento, que foi identificado pelas bem conceituadas parteiras locais como um

aborto natural. Ela já tinha percebido um atraso no seu ciclo menstrual, mas, ainda assim, ficou surpresa com a gravidez e muito triste com perda de mais um filho, que nem sequer chegou a nascer. Ela não pôde sequer saber se teria mais um menino ou outra menina, o que ela desejava muito, pois queria dar uma irmã para a pequena Joza, que só podia contar mesmo com a companhia dos irmãos.

Enquanto Tidinha se restabelecia do aborto, pensou muito no filho perdido. Sua intuição é de que seria mais um menino, embora acreditasse que seus filhos homens gostavam de nascer no velho Cumbe. Tinha sido assim, até aquela data. Enquanto esses pensamentos tomavam sua mente, ela se tornava mais triste, lamentando o aborto. Apesar de saber que ainda teria oportunidade de ter outros filhos, sua forte vocação para ser mãe a fazia chorar pela perda de mais um filho, que ela nem sequer sabia que estava a caminho.

A passagem da família de Glicério por Piatã foi muito breve, pois rapidamente terminou o prazo da interinidade do seu cargo na Coletoria. Sendo assim, ele ficou mais uma vez desempregado. Decidiu, então, recorrer aos amigos políticos que tinha feito durante seus anos de profissão, conseguindo assim uma indicação para exercer outro cargo de escrivão interino, desta vez, na Coletoria da própria terrinha: Euclides da Cunha.

Voltar ao velho Cumbe agradava a família. Estavam todos ansiosos em retornar à velha casa da Rua da Igreja, exceto Tidinha, que, embora desejasse rever o filho João e gostasse muito da sua terra natal, era atraída por mudanças, pois gostava muito de novidades, coisa que ela sabia que não iria encontrar por lá.

Ao retornar para Euclides da Cunha, embora repleta de lembranças de Piatã, Tidinha se alegrou um pouco ao ver João, que foi correndo ao seu encontro. O mesmo não aconteceu em relação a Glicério, já que o menino estranhou muito o pai. Todas as vezes que ele se aproximava, corria para procurar o colo da avó, a dizer:

- O home! O home!

Esse fato deixou Glicério muito triste, dizendo para Periquita que nunca mais ele iria viajar sem seus filhos. Naquele momento, assustando-se com o pai, que aumentou momentaneamente a voz ao fazer aquela promessa, o menino se agarrou na saia de Periquita chorando muito.

Tidinha estava triste e, de uma forma incomum, até mesmo um pouco des-

motivada. Para ela, tudo estava lá exatamente como tinha deixado, como se o tempo tivesse parado por ali. Periquita continuava fazendo suas atividades como doceira, costureira e alfabetizadora de crianças, sempre cercando de atenções e mimos o Raimundo, que continuava com as suas inquietudes, pirraças, disputando as atenções da mãe adotiva até mesmo com o pequeno João, já que Periquita também lhe dedicava um tratamento especial.

Quanto a Glicério, ele sentia que as coisas, e até ele próprio, haviam mudado. O antigo balconista, e depois tropeiro do velho Cumbe, agora tinha uma família, era um homem reconhecido pela sua competência. Não conseguia ver nada como algo imutável, já que, para ele, tudo estava mudando o tempo todo. Mesmo ali naquele lugar pacato, as pessoas e as coisas mudavam, ainda que devagarinho. As crianças cresciam, as pessoas envelheciam, os jovens se tornavam adultos, cada um dando um passo a cada dia. Sentia-se assim: dando passos importantes, rumo aos seus objetivos. Era dessa maneira que costumava ver a dinâmica de sua vida. Sabia que nada mudaria de uma hora para outra. Precisava cultivar a paciência e prosseguir, acreditando que tudo iria melhorar.

Ao retornar para Euclides da Cunha, Tidinha, sem conseguir dormir durante a noite, preocupada com o futuro da família, chegou a comentar nervosa com o marido:

- Parece que estamos andando para trás, será que não vamos mudar de vida nunca! Eu não gosto disso! Quero é caminhar para frente!

Silencioso, Glicério não respondeu ou questionou o comentário da esposa. Naquele momento, o sol acabava de nascer, trazendo consigo o canto dos pássaros. Tidinha começou a brincar com Jozélia e, observando um sabiá que levava para o ninho o alimento para seus filhotes, aproveitou aquela visão para novamente comentar com o marido, desta vez mais calma:

- Temos que pensar nos nossos filhos e fazermos de tudo para que eles possam criar asas para poder voar e, assim, terem uma vida bem diferente da nossa. Precisamos continuar seguindo em frente! O que ficou para trás já foi! Agora é outra etapa, mesmo aqui no lugar que sempre estivemos e agora voltamos! A gente chega lá! Nossos filhos terão o futuro que desejamos para eles! Tenho certeza!

Glicério passou também a observar os filhotes do sabiá que abriam os bicos famintos para receber o alimento da mãe. Tidinha tinha razão. Seus filhos eram a

grande motivação para ele continuar acreditando que a cada etapa estava dando mais um passo, em busca dos seus objetivos. Lembrou então do momento em que partiu de Piatã com sua família, vendo o pequeno lugarejo se afastar cada vez mais. Com ar animado e quebrando desta vez o seu silêncio, respondeu a sua esposa:

- É isso mesmo! Vamos em frente!

Capítulo 09

O NASCIMENTO DO QUINTO FILHO

Com o passar do tempo, a tristeza que invadiu Tidinha durante seu retorno a Eulides da Cunha, ficou, de fato, totalmente para trás, dando lugar ao seu peculiar entusiasmo, mesmo com aquilo que não era mais novidade e que já fazia parte da sua rotina. Àquela altura, já estava esperando outro filho e isso a deixava muito animada.

E foi novamente a experiente parteira Dinha que, no dia 15 de junho de 1954, fez mais um parto de Tidinha, desta vez tão complicado quanto o do primeiro filho da amiga. Essa complicação, no entanto, não estava associada ao cordão umbilical, mas sim ao tamanho da cabeça da criança, que era muito grande. Tidinha sofria muito, gritava alto, assustando as crianças que esperavam lá fora, acompanhadas pela comadre Terezinha e mais alguns parentes de Glicério.

E eis que, com muito esforço, com a ajuda da competente Dinha, que precisou, dessa vez, da assessoria de Rizó, nasceu o menino “cabeçudo” que, em princípio, seria chamado Johilson, segundo a lista de nomes pré-selecionados pelo casal, iniciados com a letra “J”. Entretanto, em virtude da promessa de Periquita, que rezou muito para que tudo corresse bem durante o difícil parto e que não houvesse nenhum problema posterior com o seu neto, Tidinha e Glicério tiveram que quebrar a regra de escolher apenas nomes iniciados com a letra “J”. Isso porque, pegando-se com o anjo da cura Rafael, Periquita decidiu, juntamente com Dona-na, dar ao garoto o nome do personagem bíblico Tobias, que, segundo a Bíblia, sempre foi protegido por aquele anjo.

Para os padrinhos do pequeno Tobias, que passou a ter o apelido de Bibi, e posteriormente Bia, seus pais escolheram Rizó e o Zezé, que era marido de Lenir, filha de Dinha.

Na época do nascimento de Tobias, Glicério estava exercendo mais uma vez

um cargo interino e, muito mais consciente do seu potencial e do seu nível de conhecimento, decidiu estudar para prestar concurso público para escrivão. Com isso, queria também evitar ter que procurar mais tarde um novo emprego e ficar dependendo de favores. Tinha certeza de que o emprego público poderia lhe garantir sua estabilidade funcional.

Foi assim que ele conseguiu ser aprovado para o cargo de Escrivão Estadual de Coletoria. Esse episódio despertou em Glicério o valor dos estudos, o que, mais tarde, também se transformou em sua grande meta para os filhos.

Entusiasmado com sua aprovação no concurso público, convenceu o irmão mais novo Ezequias a seguir o mesmo caminho. Tempos depois, o agricultor Ezequias foi também aprovado no concurso para Escrivão Federal.

Naquela época, ser aprovado em concurso público era uma grande vitória, cujo mérito era reconhecido por todos, como continua sendo até hoje. Assim, muito animado, Glicério se sentiu mais confiante. Planejou continuar estudando e fazendo de tudo para oferecer todas as oportunidades possíveis para que seus filhos viessem também a estudar. Naquele período, Tidinha já estava novamente grávida. Certa de que, muito em breve, quando acabasse o período de cargo interino assumido pelo marido, ele já deveria estar sendo nomeado como escrivão estadual, sem que ninguém mais pudesse lhe tirar este cargo, ela pôde esperar com mais tranquilidade o novo filho, fazendo muitos planos para o futuro.

Capítulo 10

O NASCIMENTO DO SEXTO FILHO

Bem diferente do parto do Tobias, o sexto filho de Glicério e Tidinha veio ao mundo por meio de um parto tranquilo e muito rápido, no dia 13 de agosto de 1955. A criança era pequena e o formato da cabeça nada tinha a ver com a do irmão Tobias. Era uma cabeça comprida e delgada, além de se tratar de uma criança muito magrinha, o que facilitou o parto.

Quando Tidinha percebeu as primeiras contrações, imediatamente depois pôde sentir que estava dando à luz um menino. Nem deu tempo para que Dinha, já consagrada pelos filhos de Tidinha como Mãe Loló, mais uma vez pudesse demonstrar as suas habilidades como parteira. Sua participação nesse parto foi só mesmo para aparar a criança e cortar o seu cordão umbilical.

Ao se dar conta da rapidez em que tudo ocorreu, Dinha, muito surpresa, exclamou:

- Esse menino não nasceu! Foi cuspidão!

Como era de costume, lá fora, sentados no pátio da igreja, todos esperavam pela notícia do nascimento de mais um rebento da família. Para os meninos, esse momento era uma verdadeira festa e uma espécie de ritual muito interessante. Os pequenos João e Zé, muito alegres, estavam decidindo sobre uma aposta de palpite sobre o sexo da criança. Quem acertasse teria que entregar para o outro o dinheiro que os seus respectivos padrinhos costumavam lhes dar nos dias da feira na cidade.

Quando cada menino já ia definir o seu palpite da aposta, Dinha apareceu na porta de casa gritando que havia nascido um menino. Todos ficaram muito surpreendidos com a rapidez do parto e foram correndo conhecer a criança, enquanto Zé dizia para João: “Não deu tempo, mas eu ia dizer mesmo que ia ser um

'home!'. Foi quando João imediatamente respondeu:

- Oxe! Não foi 'home'! Dinha falou que foi um menino! Ninguém ganhou nenhuma aposta! Tá pensando que eu sou besta?!

Posteriormente, Tidinha anunciou o nome que havia escolhido para o mais novo filho. Como na ocasião do nascimento de Tobias a regra de nomes iniciados com a letra "J" já havia sido quebrada, ela não mais precisava escolher um dos nomes que figurava na lista que ainda guardava na gaveta de sua penteadeira, Seria Jackson, se tivesse que usá-la, mas assim não sendo, decidiu fazer uma homenagem ao seu pai, dando o nome do seu novo filho de Ismael, atendendo também assim ao pedido de Periquita. A ideia agradou Glicério, que sempre ouvia falar muito bem do sogro, caracterizando-o como uma pessoa generosa e muito ética.

Nos dias seguintes, Periquita ajudava Tidinha com o novo bebê e com as demais crianças, procurando manter a filha rigorosamente no seu resguardo pós-parto. Mas Tidinha era teimosa e tentava logo voltar às atividades do dia a dia, sempre freada por Periquita:

- Resguardo é resguardo!, afirmava ela.

Durante este resguardo, Periquita costumava fazer sozinha todas as demais tarefas da casa, sempre zelosa com todos os seus netos. Os cuidados com a criança recém-nascida eram sempre redobrados, até que o umbigo "caísse", ou seja, cicatrizasse. Até esse momento, a criança não podia tomar banho por completo, o que era feito no estilo de "banho de gato", quando o corpo do bebê era limpo, usando-se uma fralda úmida, levemente morna.

Precisava-se de muito jeito para dar esse tipo de banho em um bebê recém-nascido, tarefa que Periquita não delegava para ninguém, só mesmo para a experiente Dinha, que costumava ajudar muito Tidinha, tanto nessas ocasiões, como em diversas outras, numa demonstração da grande amizade e dedicação que tinha pela amiga.

Dinha recomendava que o cascão do umbigo fosse guardado com muito cuidado, para enterrá-lo num lugar seguro, pois, se o deixasse à toa, a criança poderia ficar louca. Nos tempos atuais, as pessoas também usam uma simpatia similar, que difere um pouco no tipo de recomendação, já que sugere-se um terreno de alguém muito rico e bem sucedido para enterrar o umbigo. Isso deve ser feito com o objetivo de garantir fortuna para a criança. Ou seja, no passado, a preocupação

dos pais era com a saúde mental dos seus filhos; na atualidade, essa preocupação é com a saúde financeira.

Periquita gostava muito de lavar as fraldas das crianças, deixando-as sempre muito branquinhas e bem passadas, já que, naquela época, estas eram de algodão fino e ninguém usava as famosas fraldas descartáveis dos tempos atuais. Ela gostava também de acalantar o pequeno Ismael, que ganhou o apelido carinhoso de Teté e posteriormente Teca. O menino costumava chorar muito e, para acalmá-lo, a avó cantava bonitas canções de ninar, o que o fazia adormecer tranquilo.

Para batizar o filho, Tidinha e Glicério escolheram Iaiá do Correio e Raimundo Tomaz, um bem sucedido comerciante de Euclides da Cunha, que era casado com Luti, irmã de Iaiá e também grande amiga de Tidinha. Durante o batizado do pequeno Teté o padre parabenizou Tidinha pelo nome escolhido para o menino, pois também já tinha ouvido falar muito bem do falecido Ismael.

Após o batizado, a avó Periquita, muito feliz, tomou o menino nos braços dizendo-lhe:

- Se você for igual ao seu avô Ismael, vai mesmo ser um grande homem!

Enquanto observava o neto, Periquita costumava lembrar do marido Ismael. Ela recordava sua juventude e da grande paixão que ele despertou no seu coração quando o conheceu. Pôs-se então a imaginar como ele ficaria feliz em ter um neto com o seu nome. Um turbilhão de pensamentos lhe veio à mente: lamentava não ter tido mais filhos com o marido; lembrava-se da filha Glorinha, que tinha perdido de maneira tão trágica e dos seus enteados, Adelina, Cecília e Lourival, filhos de Ismael com sua esposa anterior, Mariana, que havia morrido quando eles eram muito pequenos.

Periquita lembrava que, após a morte de Ismael, não pôde assumir a guarda dos seus enteados, já que não tinha condições financeiras de educá-los sozinha. Será que Ismael ficou muito decepcionado com ela? Será que não deveria ter tentado ficar com as crianças? Se pôde educar seu sobrinho Raimundo, por que não poderia fazer o mesmo com os filhos de Ismael? E se os filhos fossem dela? Não teria que arranjar um jeito de educá-los?

Lembrou então de Adelina, que nunca mais tinha tido visto, desde que Edgar e Onézima, ambos irmãos de Ismael, a levaram para morar no Rio de Janeiro. Mais tarde, a menina ingressou num colégio de freiras, localizado em Guaratin-

guetá, no estado de São Paulo, vindo a adquirir o diploma de professora e a se tornar uma freira.

Como se estivesse a procurar algo que pudesse amenizar o sentimento de culpa que a sufocava, Periquita lembrou que, naquela época, expressou para os irmãos de Ismael que queria ficar com Adelina, mas eles não atenderam o seu pedido, deixando-a muito triste. Lembrou-se que, no momento da partida de Adelina, trancou-se no quarto chorando, pois já tinha se apegado muito à menina e não queria vê-la partir. Dessa forma, concluía que foram mesmo os parentes de Ismael que efetivamente tinham definido os destinos dos seus enteados, e não ela.

Sobre Lourival, coube a Belo, que era filho do primeiro casamento de Ismael e, na época, já estava casado, ficar com a guarda do irmão mais novo, que posteriormente ingressou na Marinha Naval. Sobre Cecília, a Ceci, Belo decidiu deixá-la sob a guarda de uma das suas tias. Mais tarde, por não se adaptar na casa dessa tia, Ceci foi morar na casa de Iaiá do Correio, com quem passou a viver.

Periquita sempre carregou consigo muita culpa que, naquele instante, se tornava tão intensa a ponto de não poder mais conter suas lágrimas.

Quando Tidinha, entrando no quarto onde sua mãe se encontrava, se deparou com ela chorando, indagou, muito preocupada:

- O que foi? Está lembrando novamente de Glorinha?

Naquele momento, Periquita saiu porta a fora, como se quisesse fugir dos seus próprios pensamentos, deixando Tidinha muito triste, preocupada e solidária com o sofrimento da sua mãe. Foi quando Glicério entrou animado, anunciando:

- Acabo de saber que saiu minha nomeação! Vou começar a trabalhar como escrivão na Coletoria de Itapura. Nossa vida agora vai melhorar muito e assim poderemos planejar um futuro melhor para os nossos filhos.

Aquela notícia foi o suficiente para afugentar os pensamentos tristes de Tidinha e fazê-la vibrar. Finalmente, não haveria o perigo de Glicério vir a ficar desempregado, já que o cargo que exerceria tinha sido conquistado por meio de concurso público. Nesse sentido, pensava, ela só tinha que agradecer e se alegrar!

Capítulo 11

A VIAGEM PARA ITAPURA

A pesar de gostar muito da novidade, Tidinha ficou meio apreensiva com a necessidade de viajar, já que o pequeno Ismael, o Tetezinho, era ainda muito novo e o número de filhos já era grande, o que tornaria a mudança mais trabalhosa e muito cansativa para as suas crianças. Como Periquita não quis mais uma vez acompanhá-la, permanecendo com Raimundo em Euclides da Cunha, sabia que seria muito mais difícil viajar sem poder contar com a ajuda da mãe.

A mudança para Itapura com cinco filhos pequenos foi, de fato, muito trabalhosa. O lugar era um povoado distante, localizado do município de Miguel Calmon, o qual está inserido na microrregião da encosta da Chapada Diamantina.

O trajeto de Euclides da Cunha até Miguel Calmon foi feito numa velha marinete. Os pequenos Zé e João, na época com nove e oito anos, respectivamente, ajudavam os pais a acomodar os filhos menores e se divertiam muito ao longo da viagem olhando as paisagens, muito animados com a mudança de moradia.

De vez em quando, a marinete passava por boiadeiros que conduziam manadas de bois e o carro era obrigado a parar para dar passagem aos animais. Naquele momento, Zé e João imitavam alegremente os gritos dos boiadeiros:

- Eh boi! Eh boi!

E, se fosse pelo gosto da criançada, a passagem dos animais poderia ser a mais demorada possível, para dar tempo de elas apreciarem melhor cada animal que cruzava a estrada. Observavam atentos as cores do pelos e dos olhos dos bois e, para aqueles que ao longo do trajeto iam deixando suas fezes, os meninos faziam o mesmo comentário:

- Êta boi cagão!

Após um desses comentários, a pequena Joza perguntou:

- Quem limpa a estrada papai?

Naquele instante, Glicério sorriu e respondeu para filha:

- Deus sempre dá um jeito de limpar tudo! A sujeira do boi se espalha no chão e a terra come tudo. Quando isso acontece, a terra fica bem forte e adubada, boa para plantar.

Glicério também costumava sempre inserir, nas respostas que dava para as perguntas de seus filhos, informações adicionais, o que ele fazia visando aproveitar todas as oportunidades de ensinar algo de novo para eles. Quando as perguntas não vinham por parte das crianças, ele costumava provocá-las apontando ou citando algo que achava importante que eles aprendessem, dizendo:

- Vocês sabem o que isso?

As crianças costumavam ouvir Glicério com muita atenção. Ele sempre tinha uma resposta para tudo. Nesse sentido é que Tidinha, quando era questionada pelos filhos, sempre esperava que o marido respondesse por ela. Quando acontecia que ele não estava presente, ela mesma tentava responder. Mas, em geral, sempre terminava recomendando-lhes:

- Depois, vamos perguntar isso também para seu pai, pois é capaz dele saber mais coisas do que eu falei.

Quando a resposta recebida era alvo de muita curiosidade das crianças, logo que Glicério chegava em casa elas corriam ao seu encontro para bombardeá-lo com perguntas.

Tidinha admirava a inteligência do marido e se sentia muito orgulhosa de ter alguém como ele para lhe ajudar na educação dos filhos. Assim, rezava que todos “puxassem ao pai”. Ou seja, que herdassem as suas características. Já Glicério admirava Tidinha pela sua capacidade de resolver as coisas da forma mais prática possível. Ela era ágil, dinâmica do tipo “despachada” e sempre conseguia a ajuda das pessoas, que em geral, se mostravam dispostas a lhe servir. E como Glicério era tímido, costumava se apoiar na esposa para resolver problemas que dependessem da ajuda dos outros. Rezava então que seus filhos “puxassem a ela”.

Ao longo da viagem, as crianças iam fazendo muitas perguntas sobre o lugar em que iriam morar. Às vezes, ficavam cansadas, por conta do calor, e começavam a se irritar, chorando por qualquer coisa.

Eis que, ao cair da tarde, a família chega finalmente em Miguel Calmon,

onde tiveram que permanecer por três dias em um pequeno pensionato, já que Glicério precisava comparecer à sede da Coletoria local para receber as instruções sobre as funções que iria exercer no povoado de Itapura. Adicionalmente, precisavam providenciar jegues e uma carroça para seguirem viagem até lá, uma vez que o percurso até o local só podia ser feito dessa forma.

Como Tíndinha era muito comunicativa e tinha muito carisma, rapidamente ela conseguiu fazer amizade com os donos do pensionato, conquistando-os. Eles aparentemente tinham a mesma idade dela e gostaram muito do jeito da nova hóspede, que logo se mostrou muito prestativa, ajudando nos afazeres diários, seja lavando pratos, seja ajudando a lavar os lençóis do pensionato. Assim, o casal ficou muito grato a ela e ofereceu que um dos seus filhos levasse toda a sua família até Itapura, além de conseguir dois jegues e uma carroça para a viagem, sem cobrar nada em troca por este valioso favor.

A família segue, então, a viagem para Itapura. A pequena Joza, juntamente com Tobias, João e Zé, se instalaram na boleia da carroça, que estava carregada de pertences da família, acomodando-se num espaço protegido por travesseiros e algumas redes estendidas. A carroça era conduzida pelo filho do casal proprietário do pensionato, tendo ao lado Tíndinha, que carregava o pequeno Ismael em uma tipóia improvisada. Glicério seguia montado num jegue, ao lado da carroça, em constante vigília, observando e zelando pela segurança da sua família.

Prosseguiram assim a “trupe” de Tíndinha e Glicério, rumo à nova moradia. Na passagem por um dos povoados, algumas crianças, que brincavam na porta de uma pequena casa, ao avistarem o grupo que seguia viagem, gritaram:

- Olha os ciganos! Olha os ciganos!

Naquele instante, a pequena Joza, na inocência dos seus seis anos de idade incompletos, perguntou para Glicério:

- O que é cigano, papai?

Glicério, sempre disposto a transmitir novos ensinamentos para os filhos, demonstrando assim sua cultura oriunda de muitas leituras, respondeu:

- São pessoas nômades, ou seja, aquelas que vivem sempre mudando de lugar.

Tíndinha, achando que o marido tinha usado uma palavra muito difícil para uma criança tão pequena entender, resolveu ser mais objetiva, complementando:

- Cigano é gente que nem a gente, que vive viajando por aí em busca de uma nova vida!

A menina, satisfeita com resposta da mãe e sem dar muita atenção à palavra difícil que o pai queria ensinar para os filhos, alegremente exclama:

- A gente é cigano! A gente é cigano!

Capítulo 12

O NASCIMENTO DO SÉTIMO FILHO

Em Itapura, Tidinha e Glicério foram morar em uma pequena casa alugada e, como não tinham trazido muita bagagem, foram adquirindo e organizando os móveis e utensílios domésticos aos poucos. O fogão de lenha, uma mesa, quatro cadeiras e uma prateleira velha, que já existiam na casa, além de alguns colchões de capim adquiridos no povoado e as redes que haviam trazido foram os primeiros itens da nova residência.

As crianças logo se adaptaram à nova morada, fazendo rapidamente amizade com outras crianças vizinhas. Glicério começou a trabalhar num local próximo da casa e Tidinha se concentrou nas tarefas domésticas e nos cuidados com os filhos, tratando de fazer novos amigos. Logo que chegou, conheceu Ametista, com quem consolidou uma grande amizade. Ela era sua vizinha e se mostrou muito prestativa ajudando-lhe a cuidar das crianças. Ambas tinham características de personalidades semelhantes e isso criou uma afinidade muito grande entre elas.

Alegre, simpática e despachada, Ametista não era, porém, uma mulher bonita. Muito branca, magra e alta, ela tinha um aparência desengonçada, embora isso não ficasse muito evidente, pois sua simpatia ofuscava qualquer outra característica negativa que ela pudesse ter.

Uma das marcas mais forte da personalidade de Ametista era mesmo a sinceridade exagerada que expressava, mesmo quando havia risco de ofender ou magoar as pessoas. Ela também não levava desaforo para casa e gostava de dar palpite em tudo.

Glicério confiava muito em Ametista, uma vez que sabia que ela nunca mentia e, assim, costumava consultá-la toda vez que vivenciava algum fato importante, perguntando-a:

- Então Ametista? Qual é mesmo seu palpite sobre esse assunto?

Era quando ela, de uma forma muito eloquente, apresentava seu ponto de vista, sempre acompanhado de alguns conselhos para o casal amigo.

Foi a amiga Ametista que, um dia, ao observar melhor Tidinha, chamou-lhe a atenção sobre o fato de que ela estava mais gorda, com os quadris mais largos e seios fartos, perguntando assim se a amiga estava grávida. Tidinha, meio confusa, confessou que costumava se perder ao tentar usar o método contraceptivo “da tabela”, o único que ela aplicava naquela época. Calculava que, em média, era sempre uma semana antes e uma semana depois da menstruação que estaria mais segura para “não pegar uma gravidez”.

Quando Ametista fez tal questionamento, foi que Tidinha se deu conta de que, nos últimos meses, não vinha considerando o período mais seguro e que, de fato, sua menstruação já estava atrasada por mais de um mês. Posteriormente, ao constatar que estava realmente grávida, isso a deixou muito preocupada, pois pretendia organizar sua vida em Itapura e esperar Ismael crescer mais um pouco para poder ter outro filho.

A nova gravidez também preocupou Glicério, pois àquela altura ele já achava que não deveria ter tantos filhos, pensando que ficaria difícil para o casal dispor de recursos financeiros para educar todos eles. Apesar dessas ponderações, toda gravidez de Tidinha lhe alegrava, assim como aos irmãos, que ficavam muito ansiosos para chegar logo o dia de conhecer mais um membro da família.

Considerando que todos os filhos do sexo masculino do casal tinham nascido em Euclides da Cunha, que Jozélia havia nascido em Três Morros e que a família estava morando em um novo lugar, todos opinaram que iria nascer uma outra menina. Nesse sentido, ninguém quis arriscar um palpite diferente, evitando qualquer tipo de aposta.

Quando se aproximava do nono mês de gestação, Tidinha teve um sonho no qual lhe anunciavam que iria, de fato, ter uma menina e aquilo lhe deixou muito animada, já que desejava muito ter outra filha. Naquela mesma semana, Ametista acertou com a parteira mais experiente de Itapura para fazer o parto de Tidinha, recomendando-lhe para que ficasse de sobreaviso, pois a qualquer momento a amiga poderia parir.

No dia 24 de janeiro de 1957, quando Tidinha começou a sentir as primeiras contrações, foi a própria Ametista que foi correndo buscar a tal parteira, ficando

muito apreensiva quando a encontrou adoentada, com febre alta, alegando que não se encontrava em condições de fazer o parto da sua amiga.

Ametista, muito nervosa, não tinha noção de quem poderia lhe ajudar naquele momento. Dessa forma, teve que aceitar a sugestão da parteira de levar a filha dela, que vinha sendo treinada para ajudá-la ou substituí-la na função. Ao ver a moça tão jovem, temeu pela segurança da sua amiga. No entanto, não tinha outra alternativa.

Ao chegarem à casa de Tidinha, ela já estava num trabalho de parto avançado e com contrações cada vez mais fortes e constantes. Era visível o nervosismo da jovem parteira, que, percebendo que o bebê já apontava, começou a apertar a barriga de Tidinha tentando facilitar o parto. Felizmente, foi um parto rápido, constatando-se logo depois que o palpito de todos estava certo: era mesmo uma menina! Tidinha, já totalmente restabelecida das dores que antecederam aquele momento, não podia se conter de felicidade!

Quando, porém, a jovem parteira foi cortar o cordão umbilical, a felicidade de Tidinha foi bruscamente interrompida, uma vez que se iniciou um momento de muita tensão e angústia.

O corte do cordão umbilical provocou uma hemorragia muito intensa na criança o que fazia a jovem parteira tremer muito, sem saber o que fazer. Ao ver as fraldas utilizadas para limpar o umbigo da menina encharcadas de sangue, e percebendo que o choro dela se tornava cada vez mais fraco, Tidinha ficou desesperada, temendo que sua filha viesse a morrer. Naquele momento, lembrou-se da imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, que sua irmã religiosa, Adelina, havia lhe enviado de São Paulo. Apesar de ter se separado da irmã quando tinha apenas um ano de idade, sem nunca mais tê-la reencontrado, recebia de vez em quando suas notícias. A imagem da Virgem estava associada à Congregação Religiosa a que Adelina havia se integrado como freira, para a qual recomendava a irmã muita fé e devoção.

No momento do desespero, Tidinha pediu a Ametista para buscar a imagem da Virgem que estava na gaveta da sua penteadeira. Ao tomar a imagem nas mãos, demonstrando uma fé ardorosa, exclama:

- Valei-me, Nossa Senhora Auxiliadora! Não permita que minha filha morra!

Ametista, ao lado da amiga, decide, então, dar um palpite:

- Faça uma promessa para a Virgem, Tidinha! O pedido vai ficar mais forte!

Concordando com Ametista, Tidinha complementa sua súplica:

- Virgem Maria Santíssima, entrego-lhe minha filha para protegê-la, adotando-a como uma afilhada nesta terra. Prometo que, se receber a graça que Vos peço, ela se chamará Maria Auxiliadora e criará os cabelos até os dezoito anos em homenagem a sua santa imagem.

Ao ouvir a promessa feita pela amiga, Ametista arregalou os olhos, surpreendida. Resolveu, porém, se conter, deixando de emitir qualquer palpite a respeito, para não interrompê-la na sua prece. Acompanhou, então, Tidinha durante a prece da Ave Maria, pedindo também fervorosamente pela saúde da criança.

Os momentos seguintes foram angustiantes. Periquita rezava o terço e Glicério andava de um lado para o outro e já pensava em viajar para Miguel Calmon para procurar um profissional experiente para ajudar a conter a hemorragia da filha.

Mas eis que, como um milagre, o sangue que fluía do umbigo da menina foi estancando aos poucos, o que fez a jovem parteira se tornar mais confiante, a ponto de conseguir fazer um perfeito curativo no umbigo do bebê, sem sequer tremer as mãos. Posteriormente, ao perceber que a criança chorava baixinho, tomou-a nos braços, conduzindo-a até o colo da mãe, solicitando para que ela amamentasse a filha.

Ao perceber que sua filha sugava o seu seio com muito vigor, enquanto sentia o leite fluindo do seu peito, Tidinha começou a chorar, olhando agradecida para imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, dizendo:

- Muita obrigada, Virgem Santíssima! Sei que vai continuar protegendo a minha filha! Ela será para sempre sua afilhada aqui na terra!

Nos dias seguintes, a menina ainda se apresentava muito fraquinha, sem abrir por completo os olhos, como se eles pesassem muito e ela não tivesse forças para mantê-los abertos. Sua pele muito branca lhe dava um aspecto pálido, como se faltasse sangue no seu pequeno corpo. Tinha as pernas muito compridas e muito finas, e os cabelos eram ralinhos e lisos, o que lhe dava uma aparência de fragilidade excessiva.

Enquanto amamentava a filha, sendo observada por Ametista, Tidinha co-

mentou:

- Ô minha filhinha, você ainda está muito fraquinha... Tadinha da minha bichinha!

E, acariciando docemente a cabeça da menina, disse:

- Mas bonitinha ela tá! Não é mesmo Ametista?

Foi quando a amiga, inicialmente meio indecisa, resolveu responder:

- Minha amiga, você sabe que eu não sei mentir. Só lhe peço que não fique zangada comigo, pois eu vou lhe dizer uma coisa, com muita sinceridade: de bonitinha sua filha não tem é nada! A verdade é que essa menina é feia de doer! É mesmo que estar vendo uma rã branca na minha frente!

Ouvindo aquilo, Tidinha, com ar de ofendida, repreendeu Ametista:

- Mué, se assunto que a menina ainda é muito pequena! Tenho certeza que ela vai crescer logo e se tornar muito formosa, com os cabelos bem compridos e mais lindos que alguém possa ter!

Aproveitando que Tidinha mencionou o assunto dos cabelos compridos, Ametista faz outro comentário que estava ansiosa para fazer:

- Pois esse negócio de cabelo comprido é outra coisa que quero também lhe falar com toda sinceridade: sua promessa da menina criar cabelo até dezoito anos foi a promessa mais doida que eu já vi alguém fazer para uma filha! Você faz a promessa e é ela que tem que cumprir?! E se ela não gostar ou não ficar bem de cabelo comprido? E se o cabelo for feio e duro? Ela vai ter que criar mesmo assim? Mué, você parece que é doida mesmo! Devia ter feito a promessa para você cumprir, e não a menina!

- Mas quem vai ser protegida pela Virgem é ela! Perante Nossa Senhora o mais certo é que seja ela mesma a cumprir a promessa!, argumentou Tidinha.

- Mas foi você que fez o pedido a Virgem, mué!, insistiu Ametista.

Naquele instante, a discussão das mulheres foi interrompida pelo chorinho da criança, e Tidinha correu para amamentá-la. Jozelia entrou no quarto, juntamente com os irmãos, para ficar um pouco com Dorinha, que todos diziam que ainda estava muito fraquinha. O Zé, observando bem a nova irmã que tentava abrir os olhos como se quisesse também conhecer os irmãos, resolveu fazer o seu comentário:

- Essa menina é muito esquisita. Até parece que é filha de Ametista!

Capítulo 13

MOTIVAÇÕES PARA RETORNAR AO CUMBE

Com o passar dos dias, a filha mais nova de Glicério e Tidinha foi se tornando mais gordinha e ficando mais rosada, embora ainda conservasse uma aparência raquítica e frágil. Seus olhos cor de mel já estavam bem abertos e vivos, acompanhando tudo que via ao redor.

Tidinha estava contente com o nascimento da nova filha, gostando dela do jeito que ela era. Afirmava que o que mais desejava para todos os seus filhos era muita saúde, coisa que a pequena Dorinha, como passaram a chamá-la, estava adquirindo aos poucos.

Estava, portanto, feliz, embora o fato de morar em Itapura não estivesse lhe agradando muito. Um dos motivos para isso era que Zé e João já estavam na idade de frequentar uma escola e a única que existia no lugar não era muito boa. Joza, por sua vez, já vinha sendo alfabetizada e também, em breve, também teria que frequentar uma escola.

Adicionalmente, quando Tidinha morou em Itapura, houve uma incidência de barbeiros no povoado, com alguns registros de casos da Doença de Chagas, e aquilo a preocupou muito. Como na região existiam muitas casas de taipa barreada, onde os insetos gostavam de se alojar, era fácil encontrá-los em alguns lugares.

Certa vez, Tidinha encontrou um barbeiro no quintal da sua casa e, a partir daí, passou a viver procurando os barbeiros por todos os cantos. Não deixava os filhos irem para a cama antes de verificar todas as frestas do quarto e dobras dos lençóis. Para tranquilizá-la, Glicério tentava lhe explicar que nem todos os barbeiros transmitiam a doença tão temida por ela, pois, para isso acontecer, o inseto precisava estar hospedando o *Trypanosoma cruzi*, o verdadeiro causador da doença, que ele eliminava pelas fezes.

Ao ouvir estas explicações do marido, Tidinha questionou:

- E quem vai saber se o bicho hospeda ou não esse diacho?? Para mim todo barbeiro é perigoso!

Para não angustiar mais ainda a esposa, Glicério evitava falar do nível de incidência da doença na região, assim como sobre os sintomas que demoravam muito a se manifestar, chegando a só acontecer na idade madura da pessoa infectada, quando o coração começava a crescer, a ponto de levá-la à morte. Mudava de assunto quando Tidinha comentava sobre isso e quando também ela manifestava a vontade de voltar para Euclides da Cunha.

Na verdade, ele também tinha a mesma vontade da esposa, pois percebia que os filhos sentiam falta dos primos, da avó Donana, dos finais de semana na roça, da velha casa da Rua da Igreja. Ele também sentia falta de tudo isso e pedia a Deus que pudesse voltar à sua terra natal muito em breve. Isto o incentivou a formalizar o seu pedido de transferência para o velho Cumbe, sem, no entanto, informar a Tidinha sobre sua iniciativa. Ele preferia esperar que o pedido fosse aprovado para evitar que ela ficasse muito ansiosa ou viesse a se frustrar, caso o pedido fosse negado.

Nas ocasiões que Tidinha argumentava que queria voltar para Euclides da Cunha por causa dos barbeiros, Glicério dizia que aquilo era uma bobagem, pois aqueles insetos estavam espalhados em quase todo o Brasil, até mesmo no Cumbe.

Sempre assustada com os barbeiros, Tidinha procurava eliminá-los. Vivia espalhando inseticidas nos cantos da casa, e em constante vigilância, apavorada com a possibilidade de que um dos seus filhos pudesse vir a contrair a doença do barbeiro.

Certa vez, Tidinha foi à feira deixando as crianças aos cuidados de Ametista, a qual decidiu dar um banho em Dorinha, com quem tinha adquirido uma relação quase maternal. Queria vesti-la com um lindo vestido que ela havia comprado de presente para criança. Era um vestidinho branco bordado com pequenos besourinhos de asas pintadinhas de preto que, de tão bem feitos, pareciam de verdade.

Logo depois, ao verificar que o vestido coube certinho em Dorinha e a deixou muito graciosa, exclamou:

- Vixe Maria que essa menina está muito faceira! Sua mãe vai ficar besta de ver essa beleza toda!

Ao verificar que Tíndinha acabava de chegar no portão da casa, foi correndo colocar a menina no berço e, no intuito de fazer-lhe uma surpresa, escondeu-se atrás de uma porta para aguardar a reação da amiga.

Quando Tíndinha entrou no quarto e se deparou com Dorinha no berço, começou a gritar feito louca, fazendo Ametista estremecer e correr ao encontro da amiga, que exclamava:

- Valei-me, Nossa Senhora Auxiliadora! Dorinha está coberta de barbeiros! Acuda aqui, Ametista! Vamos tirar esses bichos da menina, antes que eles mordam ela toda! Misericórdia Senhor!!

Naquele momento, Ametista, vendo o descontrole da amiga, segurou-a pelo braço e, censurando seu comportamento, indagou:

- Você tá doida Tíndinha?! Não tá vendo que não tem nenhum barbeiro na menina e que são apenas bordados no vestido de sua filha? Tá maluca mué?? Parece que não pensa em outra coisa, a não ser nesses bichos!

Ao observar melhor o vestido da filha, Tíndinha se deu conta do seu desatino, questionando:

- E que diacho de vestido é este, que eu nunca vi??

Ametista, então, mais calma e até já achando graça daquela confusão toda, contou sobre o presente que ela deu à menina.

Agradecida com gesto de carinho da amiga, e utilizando sua usual franqueza, Tíndinha disse:

- Obrigada, Ametista! O presente é muito bonito! Mas eu prometo que, enquanto eu estiver morando aqui em Itapura, Dorinha não vai usar este vestido! Vou guardá-lo escondido num baú para ela só vestir nos lugares que não tenham esses bichos, pois eu não sei se vou aguentar outro susto igual a este que eu tive hoje!

Mais tarde, quando Glicério chegou do trabalho, Tíndinha lhe contou sobre o ocorrido. Ele achou tudo que aconteceu muito engraçado. Mas, ao mesmo tempo, isso lhe trouxe algumas reflexões, pois o fato revelava o excesso de zelo que a esposa tinha para com a família. Admirava essa sua característica, pois sentia que os filhos estavam protegidos. Ela se mantinha em total estado de alerta diante de qualquer situação que pudesse colocar de risco a segurança dos seus filhos. Os barbeiros de Itapura, que afinal não eram tantos assim, eram, para Tíndinha, como

SEGUINDO EM FRENTE

monstros presentes em toda parte, prestes a atacar seus filhos, o que lhe tirava a paz e a deixava em vigília constante.

Interrompendo suas reflexões, Glicério resolveu contar para Tíndinha a boa notícia:

- Acho que não carece guardar o vestidinho de Dorinha no baú não! Pode ter certeza que ele vai poder ser usado muito mais cedo do que você possa imaginar! A gente vai embora de Itapura! Hoje eu soube que meu pedido de transferência para a Coletoria de Euclides da Cunha foi aprovado e vamos voltar a morar na nossa terrinha!

Como ela ainda nem sequer sabia que o marido estava aguardando essa aprovação, ficou muito surpresa e feliz com a notícia. Glicério também lhe informou que havia, mais uma vez, recebido a ajuda do cunhado Belo para agilizar sua transferência, o que fez Tíndinha suspirar muito agradecida, dizendo:

- Não sei como poderei agradecer a ele por tantos favores que já me fez! Deus abençoe o meu irmão!

Posteriormente, muito entusiasmada, Tíndinha anunciou:

- Vou começar agora mesmo a arrumar nossa bagagem para viajar! Graças a Deus, vamos voltar para a nossa verdadeira casa!

Ao ver a euforia da esposa, Glicério brincando, recomendou:

- Muito cuidado quando for arrumar a bagagem para não levar nenhum barbeiro no meio das roupas!

Sorrindo e a se benzer, Tíndinha respondeu:

- Cruz credo! Deus livre e guarde!!

Capítulo 14

OUTRO RETORNO AO VELHO CUMBE

A saída da família de Tidinha e Glicério de Itapura foi marcada pelas lágrimas dos amigos que lá fizeram. Ametista fez questão de acompanhar a família até Miguel Calmon e de levar Dorinha presa junto ao corpo, amarrada numa espécie de tipoia. Já sentia a saudade a lhe apertar o peito. Respirou fundo, procurando segurar o choro.

A viagem transcorreu sem problemas, sendo saudados ao longo do caminho pelas mesmas crianças que os chamaram de ciganos, na viagem de ida para Itapura. Agora, voltavam os ciganos, rumo ao seu local de origem, para onde acabavam sempre voltando.

Tidinha imaginava que os ciganos eram como povos sem terra ou sem raízes e, pensando dessa forma, não se sentia cigana. Estava voltando para sua terra natal, que ela tanto amava, e achava que nunca iria perder esse vínculo. Embora gostasse de mudanças e de novidades, tinha uma ligação afetiva muito grande com Euclides da Cunha e sabia que aquilo seria para sempre. Desejava também que seus filhos tivessem o mesmo sentimento por aquele lugar, mesmo Jozélia e Dorinha, que haviam nascido em outra localidade. Para ela, todos seus filhos eram filhos e amigos da cidade de Euclides da Cunha.

Lembrou, então, do momento em que retornava para Euclides da Cunha, após sua breve passagem por Piatã, quando se sentiu triste e desmotivada e chegou a comentar com o marido que parecia que estava andando para trás. Foi um dos seus raros momentos de desmotivação, o que se deveu ao fato que o marido havia perdido o emprego e estava voltando para exercer mais uma função interina, sabendo, portanto, que havia grande possibilidade de ele ficar novamente sem emprego. Felizmente, a situação de Glicério naquele momento era totalmente diferente. Ele tinha um emprego fixo e seguro lhe esperando na terra natal e,

afinal, ele não estava voltando por forças das circunstâncias e, sim, para realizar um desejo de toda a família, ou seja, voltar para o aconchego do velho Cumbe. O lugar, por sua vez, vinha mudando e certamente teria novidades para a família, o que Tidinha mais gostava. Ela também se sentia feliz em saber que iria encontrar os parentes e amigos queridos que havia deixado no Cumbe.

Na passagem por Miguel Calmon, a família se alojou no mesmo pensionato em que ficaram hospedados anteriormente. Para o casal proprietário do estabelecimento, Tidinha levou como presente meia dúzia de lençóis, que foram costurados por ela própria, dos quais o casal gostou muito.

No dia seguinte, a família seguiu para o velho Cumbe. Ametista se despediu da família em prantos, abraçando com carinho a pequena Dorinha, como se despedisse da própria filha.

Ao chegar a Euclides da Cunha, a família foi recebida com muita festa, em especial por Periquita. Todos queriam conhecer Dorinha e matar a saudade da família. Dedé de Justino e Dinha, em companhia da prole numerosa de filhos, aguardavam o casal com ansiedade. Leci, uma das filhas do casal, que tinha a mesma idade de Joza, abraçou a amiguinha com muita euforia. Como ambas estavam na fase de troca dos dentes e riam muito, isso motivou um comentário provocativo do pequeno Zé:

- Êta que hoje é dia do encontro das banguelas!

Sem sequer se darem conta da provocação do menino, as duas correram para o quarto, pois Leci queria mostrar a boneca de pano que Rizó tinha feito para Joza. Era uma bonequinha feita de tecido marrom claro que, segundo Leci, Rizó fez para imitar a pele morena da pequena Joza.

Os demais filhos de Dinha e de Dedé de Justino reuniram-se em torno da família de Tidinha, fazendo muito barulho, enquanto chegavam à velha casa da Rua da Igreja outros amigos e parentes que vinham dar as boas vindas à família. Chegaram também os filhos de Judith e Silvino, que já formavam um grande grupo com idades compatíveis com as dos filhos de Tidinha.

O dia prosseguiu com muita alegria e movimento na casa. Muitos daqueles que chegavam para cumprimentar a família puseram-se a trabalhar arrumando as bagagens e a casa, que rapidamente ficou ordenada. Posteriormente, todos puderam saborear uma deliciosa refeição preparada pela querida Dinha.

Nos dias seguintes, a vida da família se normalizou e Glicério começou a trabalhar como escrivão na Coletoria local, onde seu cunhado Belo também trabalhava. Tudo corria bem para ele, que passava a ser cada vez mais reconhecido por todos como um profissional competente e dedicado.

Num belo domingo de sol, foi realizado o batizado de Dorinha, cujos padrinhos foram escolhidos por Glicério - seus irmãos Josué e Maria. A cerimônia reuniu quase toda a família na igreja da praça, inclusive Donana, que gostava muito de participar dos batizados dos seus netos.

Durante o batizado, os comentários eram que Dorinha tinha “puxado” para a família Abreu, pois tinha a marca registrada desta família: muito branca, cabelos e olhos claros, lábios finos. Não puderam deixar de comentar sobre a beleza da irmã Joza, que, para todos, tinha “puxado” para a família Campos, com sua pele morena, cabelos sedosos e escuros, lábios grossos. Era costume do povo fazer comentários desse tipo. De maneira geral, todos enalteciam a beleza dos filhos do casal, mas sem se deterem muito em Dorinha, que continuava muito raquítica.

Durante o batizado da filha mais nova, Glicério decidiu anunciar uma novidade, que já estava ficando tão corriqueira que não mais conseguia surpreender ninguém: Tidinha estava novamente grávida!

Capítulo 15

O NASCIMENTO DO OITAVO FILHO

Para não quebrar a regra, nasceu em Euclides da Cunha mais um menino, filho de Tidinha e Glicério. O nascimento ocorreu no dia 22 de fevereiro de 1959, cerca de dois anos após o nascimento de Dorinha.

Naquela época, o velho Cumbe vivia uma fase de tranquilidade e progresso. O prefeito era Antonio Batista de Carvalho, conhecido como “Vaqueiro do Canché”. Ele era oriundo de Canudos e chegou à cidade como conciliador das correntes políticas que viviam em pé de guerra.

Durante o período que antecedeu o nascimento do menino, tudo indicava que seria mais um homem da família que nasceria na terrinha e, provavelmente por isso, os pais definiram apenas um nome masculino – Francisco -, o qual foi sugerido pela irmã de Tidinha, Ceci, que gostava muito de rezar a oração de São Francisco.

E foi também esta oração que foi pronunciada pelo padre que batizou o Francisquinho, um menino de faces rosadas, olhos cor de mel e cabelos fininhos e louros, que posteriormente recebeu o apelido de Chico. Para batizá-lo os padrinhos escolhidos pelos pais foram Dalzinha e Aluísio Batista, o qual era marido da comadre Terezinha, a madrinha de Zé.

Dalzinha era uma grande amiga da família que chegou a namorar com Raimundo. Ela estava muito feliz de ter sido escolhida como madrinha de Chico e vivia cercando o menino de mimos, dizendo para todos que ele era o filho mais bonito que Tidinha já tinha tido. Ela costumava frequentar muito a casa da família e, por meio de Periquita, tinha notícias de Raimundo, que tinha ido para o Maranhão conhecer o pai e pedir-lhe apoio para estudar. Ele sempre escrevia cartas e contou que o pai dele tinha o recebido muito bem, porém exigido que ele fosse

servir o exército para poder cumprir suas obrigações de cidadão, prometendo-lhe que, só depois disso, ele iria ajudá-lo nos estudos.

No período em que Chico nasceu, Raimundo já tinha cumprido essa obrigação civil e estava trabalhando e estudando no Maranhão, sendo apoiado pelo pai. Já havia avisado para Periquita que estaria voltando em breve para Euclides da Cunha e que ele tinha alguns planos para ela. Isso preocupou Tidinha, pois ela não tinha ideia do que o irmão estava planejando para a mãe. Dalzinha, por sua vez, alegrou-se muito com a notícia, pois queria muito rever Raimundo.

Mas, enquanto Raimundo não voltava, Periquita rezava por ele. Muito religiosa, ela havia se tornado a presidente do Apostolado do Coração de Jesus de Euclides da Cunha e, nos dias de sexta-feira, promovia as novenas na sua casa. Na oportunidade, as integrantes do Apostolado faziam orações para o pequeno Chico, abençoando-o com as suas preces.

Periquita prosseguia se dedicando aos netos, em especial ao pequeno Chico, sendo usualmente assessorada por Joza, que costumava ajudar a mãe e a avó em tudo. Embora ainda muito pequena, a menina já assumia algumas responsabilidades nas tarefas da casa, a exemplo de vigiar os irmãos mais novos.

Naquela época, Zé e João já estavam frequentando a Escola Paroquial São José, dirigida pelo temido Padre Jackson, que se tornou mais tarde Dom Jackson Berenguer Prado. Joza estudava no velho Prédio Escolar, onde ainda se separavam os meninos das meninas. Tobias, Ismael e Dorinha começaram a ser alfabetizados com a avó.

Quando os irmãos mais velhos chegavam da escola, eles iam correndo se reunir com os irmãos menores, com os quais se divertiam muito, ensinando-lhes brincadeiras novas.

Na companhia de Leci, Joza gostava muito de brincar com suas bonecas de pano, confeccionadas por Tidinha, Periquita ou Rizó. Usando caixinhas de papelão e outros itens, como latas, frasquinhos de perfume vazios, tampinhas, as meninas faziam o mobiliário da casa das bonecas nos cantinhos reservados para essas brincadeiras. Permaneciam, porém, muito atentas, pois, de vez em quando, a pequena Dorinha chegava curiosa, querendo pegar em tudo, fazendo a maior desordem, o que deixava Joza muito chateada. Muitas vezes, ela preferia brincar no pátio da igreja para ficar longe de Dorinha e dos demais irmãos menores, que

também costumavam perturbar as suas brincadeiras com a prima e amiga Leci.

E foi neste ambiente de relativa tranquilidade da família que o pequeno Chico nasceu e foi crescendo aos poucos. Porém, antes mesmo de começar a andar, ainda na sua fase de bebê, o menino teve que experimentar mais uma mudança da família. Tidinha e Glicério, que achavam que iriam usufruir por muito tempo do aconchego da terra natal e da companhia dos parentes e amigos, tiveram que mudar de planos para novamente se preparar para colocar o “pé na estrada”.

Ao receber a notícia de Glicério, Tidinha, muito surpreendida, curiosa e apreensiva, sentou-se ao lado do marido, para ouvir dele os reais motivos da mudança anunciada.

Capítulo 16

RIBEIRA DO AMPARO E CALDAS DE CIPÓ

Glicério teve que deixar a Coletoria de Euclides da Cunha por causa de uma imposição legal já que, ao final de 1959, a norma referente aos cargos públicos mencionava o tema nepotismo, proibindo parentes de trabalhar na mesma instituição. Sendo assim, ele e o cunhado Belo ficariam impedidos de exercer seus cargos, simultaneamente, na mesma Coletoria, e a única solução seria uma nova transferência de Glicério. O lugar indicado foi a Coletoria de Ribeira do Amparo.

Glicério já conhecia o lugar e sabia que lá não dispunha de boas escolas. Muito preocupado com a educação dos seus filhos mais velhos, que já estavam frequentando a escola em Euclides da Cunha, Glicério decidiu instalar a residência da sua família em Cipó, localizada a cerca de 15 km de Ribeira do Amparo, onde existia uma boa escola. Assim, passou a se deslocar todos os dias, de bicicleta, para o seu trabalho, na Coletoria de Ribeira do Amparo,

Os preparativos que antecederam a mudança da família foram marcados por muita tristeza das crianças, que nem sequer ainda tinham matado a saudade dos primos e já eram obrigados a se mudar novamente.

Tempos depois, quando já estavam instalados em Cipó, receberam a visita de Raimundo, que já tinha retornado para Euclides da Cunha com muitas histórias para contar e muitos planos para colocar em prática. Com o seu jeito envolvente de tratar Periquita, e confiante de que ela o apoiaria em qualquer circunstância, propôs que ambos se mudassem para Recife, onde pretendia morar com seu dois irmãos. Lá, ele pretendia trabalhar, tendo o suporte e a companhia de Periquita, que poderia lhe ajudar costurando e fazendo seus tão apreciados doces para vender.

Quando Raimundo anunciou estes planos, Tinha se posicionou imediata-

mente contra e tentou convencer a sua mãe que aquilo era uma aventura na qual ela não deveria “embarcar”. Mas nada convenceu Periquita, que jamais negava um pedido ao seu querido filho.

Tidinha estava preocupada e também muito ressentida com a mãe, já que ela iria deixá-la sozinha na companhia de tantos filhos pequenos, tendo optado por atender os desejos de Raimundo. Para completar, descobriu que estava novamente grávida e, sendo assim, iria precisar muito da companhia da mãe naquele período. Ficou muito ressentida e nervosa e, na hora da partida de Periquita, nem a oração de São Francisco conseguiu atenuar sua mágoa para com a mãe e o irmão.

Os dias prosseguiram tristes para Tidinha. Joza, percebendo a tristeza da mãe, procurava ajudá-la nos afazeres domésticos, um pouco mais do que era de costume. As demais crianças também estavam melancólicas, recusavam-se a se alimentar e até o Francisquinho, que não era muito de chorar, passou a fazer isso com mais frequência, deixando Tidinha mais nervosa e impaciente.

Glicério prosseguiu desenvolvendo suas atividades de escrivão com muito entusiasmo, fazendo diariamente, de bicicleta, a “ponte” Ribeira do Amparo - Caldas de Cipó, a qual se constituía de uma trilha mato adentro com direito a cobras, lagartos, espinhos e pneus furados.

Depois de um longo dia, no qual ele pedalava cerca de 30 km diários, Glicério chegava sempre em casa muito cansado, o que não o impedia de se interessar pela rotina dos filhos, em especial pelo desempenho escolar daqueles que já frequentavam a escola.

Nos finais de semana, ele costumava promover momentos de lazer para os filhos. A situação financeira já lhe permitia comprar brinquedos para as crianças, tais como uma boneca de plástico para Joza e carrinhos do mesmo material para os pequenos Teté e Bibi, que em geral brincavam com carrinhos feitos com latinhas de sardinha, que eram puxadas por um cordão.

Glicério também sempre comprava um relógio de pulso para cada um dos seus filhos, logo que eles aprendiam a ver as horas. Nessas ocasiões, as crianças ficavam felizes da vida, passando a informar as horas para todos que estavam e chegavam na casa.

O grande momento de Zé e João em Cipó foi quando aprenderam a andar com a bicicleta do pai. Os irmãos menores queriam pegar carona na garupa, o

que foi terminantemente proibido pelos pais já que, verificando que os garotos estavam ainda muito “verdes” na condução da bicicleta, queriam preservar a segurança dos filhos.

Glicério gostava muito de levar os filhos para passear e Cipó era uma cidade ideal para isso, pois se tratava de uma estância de águas hidrominerais, que mais se assemelhava a um oásis em pleno sertão nordestino. Isso porque, de uma forma atípica para uma região árida localizada em plena caatinga nordestina, a água era abundante por lá.

Localizada na margem direita do Rio Itapicuru, Cipó se destacou na década de 1950 como ponto turístico. Em 1952, foi construído o Grande Hotel Caldas de Cipó, cuja obra arquitetônica exuberante demorou cerca de oito anos para ser concluída. O grande cassino instalado no lugar e as águas consideradas medicinais estimulavam cada vez mais o fluxo de turistas na cidade.

Antes da década de 1950, em 1935, o local já tinha sido instituído como uma Estância Hidromineral muito procurada por pessoas que buscavam a cura de doenças de pele e outros males que as águas tinham o poder de curar.

Conta-se que, em 1930, um bando chefiado por Lampião, o rei do cangaço, andou pelas redondezas de Cipó, o que afastou os banhistas do lugar e prejudicou enormemente a economia local. Com a morte de Lampião, a cidade voltou a atrair turistas em busca de suas águas medicinais, impulsionando o progresso da cidade.

Nos dias atuais, os resquícios do passado glamoroso de Caldas de Cipó estão ainda presentes nos hotéis da cidade, embora, quase todos estejam fechados e mal conservados, transformados em prédios públicos.

No passado, o Grande Hotel era um lugar muito frequentado pela alta sociedade da cidade. Embora Glicério não tivesse um poder aquisitivo à altura das pessoas que frequentavam o lugar, por meio da indicação de pessoas importantes que confiavam na sua forma de conduzir a educação dos seus filhos, ele conseguiu carteirinhas que serviam como “passes livres” para a família frequentar o hotel. E, assim, ele costumava levar os filhos para tomar banhos de piscina, em especial Zé, João, Bibi e Teté.

No Grande Hotel, os meninos podiam se divertir no parque de diversões e usufruir de muito espaço para passear de bicicleta, inclusive com direito a dar voltas ao redor da grande piscina com cascatas. Numa dessas ocasiões, Zé discutiu

com João e o empurrou, com bicicleta e tudo, na piscina, o que deixou Glicério muito aborrecido, fazendo com que ele deixasse de levá-los ao hotel por alguns finais de semana.

Adicionalmente, ao chegarem em casa, os meninos receberam os tradicionais “bolos” de palmatória, a qual Tíndinha considerava como uma eficiente aliada para educar os filhos. Esse objeto, no entanto, nunca foi usado por Glicério, que nem sequer dava uma palmadinha de leve nos filhos. Bastava apenas um olhar duro por parte dele para fazê-los entender a sua mensagem de repreensão, que tinha o poder de cessar qualquer travessura por parte das crianças.

Todos os filhos temiam muito contrariar o pai e a simples ameaça da mãe em contar para ele qualquer travessura, realizada ao longo do dia, já era suficiente para eles melhorarem o comportamento.

Sempre silencioso, Glicério costumava também pedir a Tíndinha para repassar para as crianças qualquer recado seu mais severo. Preferia que ela fizesse isso, pois não gostava muito de contrariar as crianças, tendo, porém, plena consciência que deveria ser duro e exigente para com elas, de forma que fossem educadas nos princípios éticos e morais que ele preservava e aplicava na condução de sua vida.

Entre travessuras, olhares e recados duros de Glicério, além do uso intensivo da palmatória por parte de Tíndinha, o tempo foi transcorrendo rápido, promovendo também muitos bons momentos em Cipó, o que fazia com que a família gostasse cada vez mais da nova morada.

A casa era muito espaçosa e no fundo tinha uma varanda onde havia uma grande mesa, na qual Tíndinha costumava servir as refeições da criançada. No meio da tarde, quando cada um estava fazendo os deveres da escola ou mesmo brincando, ela colocava uma tábua na mesa, onde, com ajuda de uma faca e um pequeno martelo, partia em pequenos quadrados a rapadura que era servida como merenda para os filhos. Ao ouvir o barulho familiar da mãe cortando a rapadura, a criançada gritava:

- Hora da rapadura!

Saíam, então, todos correndo em direção à mesa para tentar garantir um pedaço maior de rapadura e, assim, poderem usufruir por mais tempo o sabor da iguaria nordestina, tão apreciada pelas crianças.

Todos os dias, era a mesma coisa. Tíndinha separava a quantidade exata de

pedaços, de acordo com o número de filhos, sempre buscando cortá-los do mesmo tamanho para evitar as disputas por pedaços maiores, atitude que ela condenava veementemente. Ela também não perdoava aquele que, querendo tirar “uma de sabido”, pegava mais de um pedaço, se apoderando assim do pedaço que estava reservado para um outro irmão. Quando havia uma ocorrência dessa natureza, a palmatória era logo acionada por Tidinha, visando corrigir a falta do culposo.

Capítulo 17

O NASCIMENTO DO NONO FILHO

Após cerca de seis meses da partida de Periquita e Raimundo para Recife, eis que Tíndia recebe uma carta da mãe informando-a que ela estava voltando com Raimundo, e que ambos iriam tornar a viver com a família, em Cipó. Mencionava que os poucos meses de moradia em Recife já tinham sido suficientes para constatar que a experiência tinha sido desastrosa.

Apesar de ter gostado muito da notícia, uma vez que iria poder contar novamente com a valiosa ajuda da sua mãe, sabia que a vinda de Raimundo iria também provocar as costumeiras desavenças com ela.

Recordava o momento da partida da mãe, quando, ressentida, se despediu dela, dizendo-lhe:

- Agora, a senhora vai para o paraíso com o seu Deus Raimundo!

Recebeu, então, a resposta de Periquita:

- Vai ser bom para todos! Você vai poder viver em paz com seu marido e filhos, sem ter que ficar implicando com ele. Espero que não sintam nossa falta!

Foi neste clima um tanto hostil que ambas se despediram. Naquele momento de lembranças, suspirando fundo, Tíndia rezou para que sua mãe pudesse voltar em paz, e que a sua relação com Raimundo pudesse ser harmoniosa. E, de fato, assim foi. A chegada de ambos em Cipó trouxe muita alegria para as crianças. Zé gostava muito de Raimundo, pois se divertia com suas brincadeiras. João estava contente, pois iria poder contar novamente com a atenção especial de sempre, que sua avó lhe dedicava, da qual ele sentia muita falta.

Glicério recebeu muito bem o cunhado e a sogra, e fez questão de levá-los para passear na cidade. Raimundo ficou fascinado pelo cassino e pelo requinte do Grande Hotel. Embora ele tivesse arranjado um trabalho em Cipó, decidiu, dias

depois, voltar para o Maranhão e lá tomar o rumo da sua vida sozinho, comunicando essa decisão para a família.

No dia 22 de dezembro de 1960, em Caldas de Cipó, como previsto por todos, nasceu outra filha do casal Glicério e Tidinha. Desta vez, o parto foi acompanhado por uma enfermeira experiente, muito amiga de Glicério, de quem se dizia, em comentários maldosos, que era apaixonada por ele. Tidinha, mesmo tendo conhecimento das fofocas que rondavam sua família, manteve-se discreta e altiva, certa da sua superioridade sobre tudo isso.

A nova filha já nasceu muito linda. Era gordinha, loirinha, branquinha e rapidamente abriu os olhos, que tinham um tom verde claro. Tidinha já havia escolhido previamente o nome da menina, informando a todos que seria Maria do Socorro. O nome escolhido era parte de uma promessa que ela tinha feito para a Virgem Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que, segundo ela, tinha lhe concedido uma importante graça. A outra parte da promessa é que a menina teria que usar as cores do manto da virgem - azul e branco - durante sete anos consecutivos. Era mais outra promessa estranha de Tidinha! Como se não bastasse a promessa direcionada para Dorinha, de manter os cabelos sem cortar durante dezoito anos, lá vinha ela novamente com promessas esdrúxulas. Felizmente, o crescimento dos cabelos de Dorinha era muito lento, já que, mesmo aos três anos de idade, eles continuavam curtos.

Após a viagem de Raimundo de volta para o Maranhão, Periquita se dedicou a cuidar dos netos e, durante o resguardo de Tidinha, passou a assumir todas as tarefas da casa. Severa como sempre, cuidava com abnegação deste resguardo, o que era contestado pela filha.

Para Tidinha, era um grande exagero querer mantê-la como uma pessoa doente, só porque tinha acabado de parir. Ela já conseguia pensar assim, uma vez que mulheres da cidade de Cipó já não mais mantinham esse resguardo tão rigoroso e, ainda assim, continuavam muito saudáveis. Em Cipó, sempre apareciam mulheres estrangeiras que vinham para o Brasil realizar trabalhos sociais voluntários, e ela soube que uma americana, que estava morando na cidade, havia dado à luz uma criança e, no dia seguinte, já estava fazendo feira. Ao contar isso para Periquita, ela, incrédula, exclamou:

- Só pode ser alguém que tem parte com o demônio! Misericórdia!

Atendendo à imposição da sua mãe sobre a manutenção do resguardo rigoroso, Tidinha planejava realizar o batizado de Socorro, logo que aquele período terminasse. Já havia avisado a Detinho e a sua esposa Matilde que eles seriam os padrinhos da menina e o batizado seria também uma oportunidade de eles virem passar uns dias em Cipó com a família.

Glicério tinha uma gratidão muito grande ao casal que o acolheu em sua casa quando ele começou sua vida profissional. Tinha saudade do tempo em que trabalhava na Venda de Seu Detinho, e do convívio com os filhos dele, cuja amizade procurava conservar, mesmo de longe.

Após três meses do final do resguardo de Tidinha, foi realizado o batizado de Socorrinho, quando a menina, vestida de azul e branco, foi alvo da admiração de todos, pois era uma grotinha muito risonha e cada vez mais linda.

Um ano depois, Cipó começou a se preparar para o carnaval, quando iriam ser realizados muitos bailes no Grande Hotel. Glicério tinha prometido levar os filhos e a esposa para o baile infantil de carnaval. Já Socorrinho e Chico iriam ficar em casa, sob os cuidados da avó, por serem muito pequenos para participar da festa. Glicério também relutava em levar Dorinha, mas a menina de quatro anos de idade, que adorava dançar e cantar, não se conformava em perder a festa, fazendo com que o pai repensasse a sua decisão.

Durante o baile infantil de carnaval no Grande Hotel, Tidinha e Glicério vigiavam a criançada o tempo todo e se divertiam muito com Zé que, usando uma pistola de plástico e um chapéu de couro, saía dando carreira em todos, anunciando-se como Lampião. João levou um apito para usar especialmente quando tocasse a marchinha “índio quer apito, se não der, pau vai comer!”, que ele gostava muito.

Dorinha permaneceu quase o tempo todo no colo do pai, meio assustada com o barulho. Depois de se acostumar mais com o som da banda, começou a se divertir, tampando e destampando os ouvidos, balançando-se toda, ao lado do pai.

Ao chegar em casa, todos cansados, encontraram Socorrinho chorando muito, já que ela estava passando por um período no qual Tidinha tentava lhe tirar a chupeta. Assim, o choro da pequena se devia ao fato dela sentir falta do seu “consolo”, como era chamado esse acessório infantil naquela época, em alusão ao fato de servir de consolo para o choro das crianças.

Por ainda se encontrar na fase de começar a formular as primeiras frases, Socorrinho se referia a esse acessório como “meu côio”, o que queria dizer “meu consolo”. Dessa forma, o choro da menina era intercalado com o pedido, que ela repetia sem parar:

- Quelo meu côio! Quelo meu côio!

Contagiado pelo espírito de carnaval, ao ver a menina chorando e pedindo seu consolo, Zé começou a cantar e dançar uma versão da marchinha de carnaval “mamãe eu quero mamar”, da seguinte forma;

*“Mamãe eu quero, mamãe eu quero,
Mamãe eu quero mamar,
Me dá meu “côio”, me dá meu “côio!”
Me dá meu “côio” pro bebê não chorar!
Ma ma ma mãe, eu quero, mamãe eu quero
Mamãe eu quero mamar
Me dá meu “côio” dá meu “côio!”
Me dá meu “côio” pro bebê não chorar”*

Foi assim que os irmãos, de tanto ouvirem o pedido tão repetitivo e insistente da irmãzinha e a marchinha que Zé começava a cantar, toda vez que ouvia a garotinha chorar, implorando pelo seu “côio”, resolveram apelidá-la de “Côio”.

Embora a menina tenha abandonado mais tarde o hábito da chupeta, ou seja, do uso do seu “côio”, o apelido que havia ganhado dos seus irmãos permaneceu para sempre.

Côio passou a ser a filha mais mimada pelo pai, que não escondia de ninguém que ela era o seu grande chamego. Ao chegar do trabalho, ele ia direto para o quarto para pegar a menina no colo, a lhe cobrir de beijos e lhe fazer cócegas nos seus pezinhos. Como era uma criança muito risonha, ela divertia muito Glicério com suas risadas dobradas, que costumava dar quando ele passava os bigodes na sua barriga, fazendo sons engraçados, só para fazê-la rir.

No final do ano de 1961, Zé já havia concluído o curso primário e prestou o tão esperado Exame de Admissão ao Ginásio, o qual tinha o objetivo de avaliar o aluno quanto aos conhecimentos adquiridos durante os cinco anos do curso

primário. Glicério estava tão ansioso quanto o filho ao aguardar o resultado do exame, cuja prova ele fez no Colégio do Padre José Gumercindo, o Seminário São José, localizado em Tucano, o único município da região onde era oferecido o curso ginásial.

José foi aprovado, sendo classificado num honroso primeiro lugar, o que deixou Glicério muito orgulhoso. Sua alegria só não foi completa pois veio misturada à preocupação com a mensalidade que teria que assumir para o filho fazer o seu curso ginásial, uma vez que o Ginásio do Padre Gumercindo era pago. Além disso, o menino teria que ficar estudando num regime de internato, fazendo com que a mensalidade aumentasse consideravelmente.

Glicério tentou afastar sua preocupação, mas logo lembrou que, no próximo ano, seria João a enfrentar o exame de admissão e a ingressar no curso ginásial. Seu salário não seria suficiente para pagar duas mensalidades de alunos internos. Como poderia manter os dois filhos internos estudando em Tucano? Ao compartilhar sua preocupação com Tidinha, que, naquele momento, amamentava a pequena Côio, ela simplesmente respondeu:

- A hora não é de preocupação e sim de comemorar! Deus vai dar um jeito!

Naquele momento, Côio abre um sorriso lindo que emociona Glicério e lhe dá a certeza de que, de fato, tudo se iria se ajeitar, o que o fez afirmar intimamente para si mesmo: “Deus proverá!”

Capítulo 18

A MUDANÇA PARA TUCANO

Durante o seu primeiro ano de ginásio, o pequeno Zé permaneceu internado no Seminário São José, localizado em Tucano, enquanto sua família manteve-se morando em Cipó.

Em Tucano, o novo ginasiano reencontrou parte daqueles que foram seus colegas em Euclides da Cunha, na Escola Paroquial São José, do Padre Jackson, tais como Antonio Hércio, José Dionísio Nóbrega, Celso Amorim, entre outros.

No internato, o menino dividia espaço com os seminaristas que eram liderados pelo visionário Padre Gumercindo, assim como com as meninas, que faziam parte da Congregação Feminina Círculo Divino Mestre.

Conta-se que o escritor Vargas Llosa, quando esteve na região de Tucano, recolhendo material para seu livro “A Guerra do Fim do Mundo”, que iria abordar a Guerra de Canudos, conheceu o Padre Gumercindo e se impressionou muito com sua personalidade, descrevendo-o como um personagem “saído de Canudos”.

De fato, o Padre Gumercindo soube imprimir sua personalidade obstinada nos seus discípulos seminaristas, sendo tão convincente e persuasivo quanto Antônio Conselheiro, protagonista da Guerra de Canudos. Com muito rigor, conduzia o Seminário São José, o qual tinha como lema: Ação, Reação e Oração.

No Ginásio do Padre Gumercindo, embora estudassem tanto meninos como meninas, as turmas não eram mistas. Assim, os meninos estudavam pela manhã e as meninas pela tarde, o que impedia que houvesse um encontro entre eles, algo muito desejado pelo menino Zé, àquela altura já um rapazinho.

A verdade é que Zé, muito inteligente e desinibido, nunca tinha receio de criar oportunidades para abordar as meninas e também era um dos poucos da sua turma que tinha coragem de contestar as rígidas regras do Padre Gumercindo, as-

sim como de discutir com ele os mais diversos assuntos. Muitas vezes, seus pontos de vista e suas ideias eram até mesmo postos em prática no Seminário.

Enquanto Zé prosseguia seus estudos em Tucano, a família continuava sua rotina em Cipó. O pequeno Tobias, já alfabetizado pela avó, se preparava para ingressar na escola primária, enquanto João estudava muito para prestar o Exame de Admissão para ingressar no curso ginásial, no Seminário São José, em Tucano.

Meses depois, quando Glicério e Tidinha, muito ansiosos, souberam que João tinha sido aprovado no Exame de Admissão, que funcionava como uma espécie de vestibular dos tempos atuais, saíram anunciando com muito orgulho para todos o excelente desempenho do filho no tão temido exame. Zé, que vinha sempre nos finais de semana para casa, passou para os pais todas as informações sobre o Seminário, indicando os itens que deveriam ser providenciados para a matrícula, assim como para a viagem do irmão para Tucano, onde teria que também estudar no regime de internato.

Mas não foi bem isso que aconteceu, já que Glicério, após fazer muitos cálculos das despesas que teria que assumir para manter dois filhos estudando em Tucano, e confrontando-as posteriormente com o seu salário, verificou que não poderia pagar duas mensalidades de alunos internos. Assim, decidiu que seria mais econômico e melhor para toda a família passar a morar em Tucano. Mesmo porque, muito em breve, Joza teria que ingressar no curso ginásial. Adicionalmente, em Tucano, existiam muitas escolas públicas que ofereciam bons cursos primários para os filhos que já começavam a sair da fase de alfabetização no ambiente doméstico.

Glicério, no entanto, teria que permanecer trabalhando em Ribeira do Amparo e, assim, passaria a ir para casa somente nos finais de semana. Tidinha, embora muito apreensiva, entendeu as razões da decisão do marido, sempre pensando no que seria melhor para os filhos, e não para ela. Sabia que seria difícil ficar sozinha, sem o marido, durante toda a semana. Ainda bem que podia contar com ajuda fiel da sua mãe Periquita, pensava ela.

E foi assim que aconteceu mais uma mudança da grande família. Glicério alugou uma casa em Tucano, em frente ao Ginásio São José, e para lá se mudou com toda a família. Sua moradia, no entanto, passou a ser dividida entre a residência em Tucano, para onde se dirigia todos os finais de semana, e Ribeira do

Amparo, onde permanecia ao longo da semana exercendo suas atividades profissionais na Coletoria local.

Em Tucano, os meninos iam crescendo rapidamente e se adaptando à nova cidade. Nesse período, a família circulava entre Tucano e Euclides da Cunha, para onde as crianças costumavam ir passar as férias, dividindo-se entre Carnaíba, Limoeiro e Maria Preta, na companhia dos primos e da família amiga, sempre presente, de Dedé de Justino e Dinha.

Capítulo 19

A VIDA DA FAMÍLIA EM TUCANO

Da mesma forma que Cipó, Tucano era um município rico em águas termais que apresentam propriedades medicinais e chegam a atingir 48° C. Dizem que é a melhor água termal do Brasil, cuja qualidade é comparável às melhores do mundo, tal como Vichy, na França, cuja temperatura chega apenas aos 36° C.

A casa alugada por Glicério para a família morar em Tucano era muito ampla, localizada perto do ponto de referência da cidade - a grande Caixa D'Água. Tidinha começou a fazer bolos confeitados de encomenda, atividade que lhe ajudava a pagar as despesas da família. Já Periquita continuava costurando muito, principalmente para a própria família. Os pijamas masculinos eram sua especialidade, muito procurados até mesmo pelos comerciantes, que os encomendavam para revender.

Os meninos costumavam ter um conjunto de pijamas que eram diferenciados um do outro apenas pelo tamanho, já que eram todos iguais, no tecido e no modelo. Para os demais itens do vestuário das crianças, ninguém podia dizer que uma camisa, por exemplo, era de fato sua, pois seria usada por todos que nela coubessem. Nesse caso, só Joza podia usufruir do luxo de ter roupas só suas, pois Côio e Dorinha, por serem mais novas que ela, não podiam ter o seu manequim.

Os lençóis das camas eram também costurados por Periquita, todos com o mesmo tecido de chita estampado. Certo dia, após todos os meninos estarem vestidos com os pijamas listrados idênticos, como se fossem uniformes da grande prole masculina de Tidinha, Chico, já com os seus quase cinco anos de idade, começou a marchar como se fosse um soldado, dizendo:

- Nós somos irmãos! De camas iguais e pijamas iguais!

Foi quando Zé, achando muito engraçado o gracejo do pequeno irmão,

começou a simular um ensaio de uma tropa de soldados, colocando todos em fileirados, marchando e fazendo continência, entoando a frase introduzida por Chico. Sob gargalhadas, todos buscavam fazer uma entonação e compasso único. Foi quando Glicério, entrando no quarto e não podendo conter seu riso, acabou inibindo um pouco a brincadeira dos filhos.

Morando em Tucano, as crianças costumavam aguardar ansiosamente as férias, pois podiam viajar para Euclides da Cunha, onde permaneciam na roça, seja no Limoeiro, com a avó Donana ou a tia Judith, seja na Maria Preta, com Dinha, e sua prole numerosa.

A festa da padroeira de Euclides da Cunha, Nossa Senhora da Conceição, realizada no dia 8 de dezembro, era também muito esperada pela família. Trata-se de uma festa para a qual, até os dias de hoje, toda a população reserva as suas melhores roupas. Assim, Periquita tinha que caprichar nas suas costuras, pois as crianças precisavam estar bem alinhadas para a festa, da qual Glicério gostava muito de participar.

Certa vez, Periquita tinha costurado, com antecedência, um lindo vestido cor de rosa, de cassa bordada, para Joza vestir na esperada festa, o qual ela guardou cuidadosamente no guarda-roupa.

Faltando mais ou menos duas semanas para a festa, Belonaide, filha de Detinho, que tinha a mesma idade de Joza e era muito sua amiga, vindo para Tucano participar de uma festa de 15 anos, convidou-a para ir com ela. Como o único vestido arrumado de que Joza dispunha era aquele reservado para a festa do dia 8 de dezembro, Tidinha permitiu que ela o usasse, recomendando-lhe, porém, muito cuidado, pois ela não iria fazer outro para a festa da padroeira de Euclides da Cunha se, por algum motivo, o vestido não estivesse em bom estado de uso.

As duas meninas ficaram muito lindas e arrumadas, e seguiram muito felizes para a festa de 15 anos, acompanhadas pelos pais da amiga de Belonaide. Ao voltarem da festa, quando Joza passava pelo portão da casa, um prego prendeu no seu vestido causando-lhe um grande rasgão. Ao ver o vestido rasgado, Joza abriu num choro nervoso só de imaginar a reação de Tidinha diante do ocorrido. Belonaide, também nervosa, tentava consolar a amiga, sem sucesso. Por muito tempo, ficaram as duas sentadas na calçada, em frente à casa, sem coragem de entrar. Nesse ínterim, Tidinha, já preocupada, foi até a porta se deparando com a

filha em prantos. Ao saber das razões de tanto choro, ela, muito zangada, mandou as meninas entrarem anunciando que Joza não iria poder ir para a festa do dia 8 de dezembro. Informou ainda que por não ter com quem deixá-la em Tucano, ela mesma, também seria impedida de viajar. Aquilo deixou Joza muito triste e se sentindo culpada, pois sabia que a mãe também gostava muito da festa da padroeira.

Ao saber do ocorrido e da decisão tomada por Tidinha, percebendo a grande tristeza da filha, Glicério decidiu comprar um novo corte de tecido para Periquita fazer outro vestido para Joza.

Embora aceitando que a filha pudesse ter um novo vestido e ir à festa, Tidinha achou que o ocorrido não poderia passar em branco e que a menina deveria receber uns bolos de palmatória para aprender a ser mais cuidadosa.

O rigor de Tidinha na educação dos filhos era, de fato, em algumas situações, muito exagerado. Em outra ocasião, foi a vez de Tobias ser castigado de forma inusitada por Tidinha.

Certa vez, chegaram a Tucano os caminhões do Programa Alimentos para a Paz, enviados pelo governo dos Estados Unidos. Eles distribuíam latas de leite em pó para cada criança que aparecesse na praça principal. Todos os filhos de Tidinha já tinham ido receber as latas de leite, por iniciativa de Joza, que viu naquela oportunidade uma forma da família economizar na compra de leite. Apenas Tobias não tinha ido, pois ficou dormindo em casa. Quando ele soube que todos já tinham recebido as suas respectivas latas de leite, ficou muito decepcionado por não ter também recebido a sua. Como a praça principal da cidade, onde estava sendo realizada a distribuição, não ficava longe de casa, o menino resolveu ir até lá sozinho, sem avisar a ninguém sobre isso. Achava que a mãe iria ficar contente em dispor de mais uma lata de leite na casa.

Quando chegou na praça, parecia que todas as crianças da cidade estavam lá, pois havia uma multidão delas querendo receber as latas. Decidido, Tobias se meteu no meio da multidão, enfrentando um grande empurra-empurra, o que, num certo momento, o deixou apreensivo, pois chegou a sentir falta de ar, espremido que estava no meio de tantas outras crianças. Disposto a desistir, tentou sair daquele lugar e, sem conseguir, ficou cada vez mais aflito. Foi quando se lembrou de uma frase que a avó Periquita costumava falar: “Nos momentos de aflição, olha para o Alto e pede ao Pai, que a solução virá”.

Naquele momento, olhou para o Céu pedindo a Deus que lhe mostrasse um jeito de sair dali. Ao fazer esse movimento, recebeu uma lata de leite na testa, o que lhe provocou um corte que começou a sangrar muito. Aquilo deixou as pessoas assustadas e logo apareceu alguém para tirar o menino daquela confusão, levando-o dali para receber um socorro. Conduzido por uma senhora, foi parar num posto de saúde, onde recebeu um curativo e, posteriormente, foi levado para casa.

Ao longo do caminho, o menino pensava na solução que veio do Alto, achando que Deus bem que poderia ter arranjado uma solução melhor. Tinha certeza de que Tidinha ficaria muito zangada e certamente iria castigá-lo por ter saído sozinho sem avisá-la. E foi exatamente o que aconteceu.

Mesmo sensibilizada pelo gesto de solidariedade da mulher que trouxe o menino para casa e preocupada com o corte dele na testa, Tidinha tomou a palmatória e deu três bolos no filho, repetindo a cada um que ela dava a seguinte frase:

- Isso é para você aprender a ser mais responsável e nunca mais sair de casa feito um João sem dono!

Algumas vezes, Glicério repreendia a mulher por esse tipo de atitude, mas ela, muito firme, respondia:

- Um dia, eles vão me agradecer por tratar eles desse jeito!. E você também! O que estou fazendo é para ajudar esses meninos a tomarem um rumo certo na vida!

- Tidinha não é mole, não!, dizia sempre sua sogra Donana, admirando a forma que sua nora conduzia a educação dos seus netos.

Como já era de costume, desde que a família morava em Euclides da Cunha, Donana costumava enviar presentes da roça para Tidinha. Por meio de um portador que veio para Tucano, mandou quatro filhotes de peru para ela criar e assar nas festas de natal e ano novo.

Chico adorava animais e, muitas vezes, acabava matando asfixiados os pintinhos que Tidinha criava no quintal, de tanto pegá-los e apertá-los, o que deixava sua mãe muito zangada, proibindo-o rigorosamente de se aproximar das avezinhas. Quando os quatro filhotes de peru chegaram na casa, o menino curioso queria muito tomá-los nas mãos, o que a mãe não permitiu de jeito nenhum!

Quando Chico se aproximava do quintal, sua mãe o seguia atenta, observando todos os seus passos. Rondando os perus, ele tentava se aproximar, recebendo

imediatamente uma advertência da mãe:

- Francisco, você não pode pegar nesses perus!

O menino dava meia-volta, mas logo depois voltava sorrateiramente, indo na direção dos perus. Novamente, Tidinha advertia:

- Francisco, você não chegue perto desses perus!

Ao perceber que todas as suas tentativas de pegar as avezinhas eram abortadas, em virtude da vigilância infalível da sua mãe, o menino foi ficando muito aborrecido e frustrado. Foi quando, aproveitando um rápido momento de distração de Tidinha, foi com tudo em direção aos perus, acertando um forte chute em um deles, que rodopiou no ar, caindo, logo depois, morto no chão. Ao ver aquilo, Tidinha tomou o menino pelo braço, levando-o até o seu quarto, onde ela mantinha a palmatória dependurada atrás da porta. Chorando muito, antes mesmo de receber os bolos de palmatória, o menino gritava desesperadamente, o que fez Tidinha desistir de lhe dar mais do que um bolo. O único que recebeu fez o menino gritar, muito exaltado:

- Eu só queria ver como ele era!

No dia seguinte, a palmatória já tinha sido esquecida pelo garoto, que acordou cedinho e foi direto para o quintal para ver os pequenos perus. De forma muito ágil, conseguiu pegar um deles, tomando-o nas mãos com muito cuidado, apenas tocando-o de leve nas suas penugens e no bico. Ao perceber que a mãe já havia acordado, foi correndo para o seu quarto, enrolando-se no lençol como se nada tivesse acontecido. Feliz da vida e sentindo-se realizado, dormiu profundamente.

Capítulo 20

A DECISÃO DA GRANDE MUDANÇA

Em Ribeira do Pombal, onde Glicério permanecia ao longo da semana trabalhando e longe da família, ele aproveitava as noites para ler. No entanto, nos dias de segunda-feira, logo depois de retornar de Tucano, onde usufruía do aconchego da família e do contato com os filhos, ele não conseguia se concentrar nas leituras, absorvido pelos seus pensamentos. Preocupava-se com o futuro, pois sabia que não teria condições de pagar o ginásio de todos os filhos em Tucano e, mais cedo ou mais tarde, todos precisariam se submeter ao exame de admissão, ingressar no ginásio e, posteriormente, frequentar uma universidade, o que era seu grande sonho. Assim, todas as vezes que Glicério retornava de Tucano, chegava melancólico, fato que era percebido pelos seus colegas de trabalho. Certa vez, um deles comentou:

- Êta Manga Rosa! Até parece que você vai buscar tristeza em Tucano! Isso é saudade da família ou tem algum problema por lá?

Glicério, com seu jeito discreto e reservado, não era muito de compartilhar seus sentimentos com outras pessoas. Mas, naquele dia, resolveu expressar sua preocupação com o colega que, ouvindo-o com muita empatia, lhe aconselhou que começasse a buscar uma transferência para a capital, Salvador, pois somente lá poderia dispor de escolas públicas e boas oportunidades de estudos para seus filhos. Na verdade, Glicério já vinha pensando nisso há algum tempo, mas ponderava em tomar essa iniciativa, pois sabia que não seria fácil educar tantos filhos na cidade grande. O custo de vida era elevado e ele temia que seu salário não fosse suficiente para atender às necessidades básicas da sua família. Dessa forma, ficava matutando sobre o assunto, principalmente quando Tidinha lhe informava sobre o desempenho dos filhos na escola: Zé e João eram muito elogiados pelo Padre Gumercindo; Jozélia se empenhava nos seus estudos preparando-se para se sub-

meter ao exame de admissão; os filhos menores aprendiam rapidamente a ler e se desenvolviam gradativamente. Tinha certeza de que todos poderiam atender às suas expectativas em relação a se darem bem nos estudos.

Quando, um dia Glicério, decidiu compartilhar também suas aspirações com seus irmãos, quase todos foram contra ele tentar uma transferência para a cidade grande. Alguns opinaram que aquilo era uma grande loucura, pois os filhos poderiam até passar fome, de tão cara que era a vida na capital. Isso deixava Glicério mais indeciso e pensativo.

Num final de semana com sua família em Tucano, Tidinha observava o marido pensativo, entendendo perfeitamente as razões de ele se encontrar daquele jeito. Foi quando sentou ao seu lado e de, uma forma firme e convincente, falou:

- Ainda que a gente chegue a passar fome na cidade grande e que venha a enfrentar todas as dificuldades que tiver que enfrentar, precisamos fazer o que tiver que ser feito para oferecer oportunidades de uma vida melhor para os nossos filhos.

E, segurando firme no braço do marido, completou:

- Deixa de ficar aí matutando home! Avia! Toma logo uma decisão que eu vou lhe apoiar e lhe ajudar! Pede logo sua transferência para a capital! Vai dar tudo certo!

Naquele momento, Glicério, como se estivesse só esperando aquela atitude da mulher, anunciou que iria oficializar seu pedido imediatamente e que também iria viajar para Euclides da Cunha para conversar com seu cunhado Belo para lhe pedir mais uma vez ajuda, tanto para a obtenção como para a agilização dessa transferência.

E foi assim que Glicério, com o apoio do cunhado e de amigos influentes que ele tinha feito ao longo de sua vida profissional, conseguiu a transferência pretendida para Salvador.

Em dezembro de 1963, após tantas mudanças percorrendo trajetos a pé, de bicicleta, em lombo de burro e em carrocerias de caminhão, os onze membros da família Campos de Abreu receberam a notícia de que já poderiam se preparar para uma nova mudança. Desta vez, para um destino cercado de mistérios e fascínio para todos. Nesse sentido, principalmente as crianças bombardeavam os pais de perguntas. Queriam saber como era a cidade grande, como seria a casa em que

iriam morar, se tinha água encanada e luz elétrica, se escola era longe da casa, entre outras questões.

Logo que Glicério recebeu a notícia da sua transferência, ele viajou para Salvador para procurar um lugar para morar com a família. Um dos pré-requisitos para a escolha desse lugar era que fosse perto de uma boa escola pública e também do ginásio dos filhos mais velhos. Sabia que seu salário não seria suficiente para pagar o aluguel de uma casa confortável como era a casa em Tucano e que o preço variava muito, a depender do bairro. Assim, depois de pesquisar muito, escolheu um pequeno apartamento localizado no final de linha do bairro de Engenho Velho de Brotas, na época considerado um bairro muito pobre de Salvador. A rua sem calçamento possuía um terreno baldio que servia como depósito de lixo. Do apartamento onde a família iria morar, era possível ver e sentir o cheiro fétido do pequeno lixão. Absolutamente, aquele lugar não era bem o que Glicério desejava para sua família, mas o fato do valor do aluguel ser baixo e do prédio ser vizinho de muro de uma boa escola pública, compensava alguns aspectos negativos do lugar.

Quando tudo estava já encaminhado, com a data de início de suas atividades profissionais em Salvador definida, Glicério foi buscar sua família em Tucano. Ao chegar lá, ajudou Tidinha e Periquita a organizarem tudo para a viagem, recomendando-lhes que não poderiam levar muita bagagem, pois iriam viajar de ônibus. Para tranquilizá-las, informou que iria comprar, aos poucos, na cidade grande, os acessórios da nova casa. Como elas já vinham atendendo suas recomendações para a venda dos móveis da família, foi mais fácil arrumar as roupas e alguns pertences de que ainda dispunham.

No dia tão esperado da partida da família, Periquita acordou cedo e se deparou com Francisquinho no quintal, olhando, pela fresta do muro da vizinha, um velho galo que cantava alto como se estivesse tentando despertar a todos. Naquele momento, o pequeno Francisco perguntou:

- Vai ter um galo deste na cidade grande para acordar a gente?

Foi quando Periquita sorrindo levou o menino para se juntar aos demais que começavam a acordar fazendo muito barulho, todos ansiosos para seguirem viagem. Zé, João e Joza ajudavam os pequenos a se arrumarem. Alguns vizinhos também começaram a chegar para ajudar a família e lamentavam sua partida, em

especial de Tidinha, que era muito amiga de toda a vizinhança, sempre prestativa e atenciosa com todos.

Após todos tomarem café, Glicério entregou a chave da casa para uma das vizinhas que era proprietária do imóvel onde moravam. Alguns itens que ainda restavam, tais como cama, uma mesa e cadeiras iriam ficar com ela, o que permitiu uma redução na última mensalidade do aluguel da casa.

Posteriormente, cada um pegou uma sacola ou saco de bagagem e seguiram para o ponto de ônibus da Viação Real Nordeste. A cena era típica de uma família de retirantes que partiam para cidade grande em busca de oportunidades melhores. Os onze membros deste grupo, no entanto, nada tinha a ver com as figuras magrelas e tristes que costumavam representar os retirantes nordestinos. Todos estavam saudáveis, bem alimentados, limpos, penteados e muito felizes, exceto Tidinha, que chorava ao se despedir dos vizinhos, pedindo-lhes que rezassem pela sorte da família. Glicério, por sua vez, mantinha-se calado, tentando não revelar a tensão e ansiedade que guardava no peito, ao tempo em que rezava baixinho para que tudo desse certo na cidade grande.

Eis que a família avistou o ônibus que se aproximava, assustando a crianças pelo tamanho. Enquanto Glicério arrumava as bagagens no compartimento externo, Tidinha e Periquita entravam no ônibus para acomodar as crianças nas grandes cadeiras, sendo auxiliadas por Zé, João e Joza. Cada um dos filhos menores deveria viajar no colo dos pais, ou da avó ou dos irmãos mais velhos.

Glicério foi o último a entrar no ônibus, olhando para a grande placa que sinalizava o destino da viagem. Benzeu-se então, com discrição, pedindo a Jesus, o grande Salvador, que protegesse a sua família nesse seu novo destino. Viajaram, então, para o lugar que mudaria para sempre o destino da família.

Capítulo 21

A CHEGADA À CIDADE GRANDE

O percurso da viagem de Tucano para Salvador era longo, com duração de quase sete horas, nas quais enfrentava-se muito calor e uma estrada sem asfalto, repleta de buracos. Depois de certo tempo, as crianças começaram a ficar cansadas e enjoadas. Algumas vomitavam como consequência do embalo excessivo do ônibus, durante as tentativas do motorista de driblar os buracos. Tíndinha e Periquita buscavam se revezar nas poltronas para atender os filhos, em especial os menores, que começavam a ficar irritados, chorando muito. Socorrinho, no entanto, preferia ficar no colo de Glicério, não o abandonando um minuto sequer, e ele, muito paciente, tentava acalmar a pequena garota.

De vez em quando, o ônibus fazia algumas paradas e todos queriam descer para ir ao banheiro ou matar a curiosidade de conhecer o lugar. Zé e João e Joza mantinham a vigilância segura sobre os irmãos mais novos, embora estivessem tão curiosos, agitados e cansados quanto eles.

No meio da tarde, quando o ônibus se aproximava da grande cidade, Glicério anunciou que estavam chegando. Naquele momento, todos queriam se aproximar da janela do ônibus para perceber o ambiente que começava a ficar muito diferente daqueles por onde haviam passado.

Glicério recomendou à família que, ao chegarem na rodoviária, procurassem ficar todos juntos e seguissem todas as suas orientações. Avisou que iriam pegar outro ônibus mais simples, o qual iria transportá-los até o bairro onde iriam morar.

A antiga rodoviária era localizada no Bairro das Sete Portas, onde posteriormente, após a construção de um Terminal Rodoviário mais moderno na cidade, passou a funcionar um entreposto de abastecimento de alimentos.

Ao chegarem ao local, o movimento de pessoas circulando era intenso. Para

aquelas crianças acostumadas com o movimento de povoados das pequenas cidades de interior, tudo era muito diferente. Isso as deixava muito admiradas e, ao mesmo tempo, assustadas. Enquanto Glicério pegava as bagagens, conferindo o número de sacolas e sacos e entregando-as a cada um dos membros da sua família, o pequeno Ismael aproximou-se do pai e lhe perguntou:

- Por que tem tanta gente aqui papai? É alguma festa?

Glicério sorriu e lhe disse que, a partir daquele momento, todos deveriam se acostumar a ver muita gente, pois isso era normal em qualquer lugar da cidade grande. Assim, advertindo a todos, acrescentou:

- Fiquem todos atentos a tudo, pois tem muita gente por aqui e vocês podem se perder nesta multidão!

Naquele momento, Ismael, muito assustado, agarrou na mão do pai e não quis mais soltá-la. Quanto aos demais filhos mais novos, seguraram na mão de Tidinha, de Periquita ou dos irmãos mais velhos, todos igualmente assustados, de olhos grudados em Glicério, que apontou o caminho a ser seguido em direção ao ponto de ônibus que os conduziria para o bairro do Engenho Velho de Brotas.

Ao chegarem ao ponto de ônibus, Glicério pediu a atenção de todos, explicando que a entrada do ônibus ficava na porta do fundo, e que havia um homem, o cobrador, recebendo o dinheiro das passagens, sentado atrás de uma borboleta, denominação dada na época à catraca do ônibus. Orientou que deveriam passar por aquela borboleta, pois ela registrava quantas passagens tinham sido pagas e que as crianças, a partir da idade de Tobias, não precisavam pagar. Elas deveriam, portanto, passar por debaixo da borboleta, para que não fossem registradas suas passagens.

Enquanto Glicério assim explicava, as crianças olhavam uma para outra sem entender direito que borboleta era aquela que o pai mencionava. No imaginário de cada um deveria, por certo, haver imagens diferentes desta tal “espécie”. Para a pequena Dorinha, por exemplo, seria uma espécie gigante que abriria as asas para que ela passasse por baixo. E se ela fosse brava?, pensava a menina. Tudo aquilo a deixava muito ansiosa e cada vez mais assustada.

Quando o ônibus chegou, todos entraram pela porta traseira, deparando-se com uma velha catraca de ferro. Naquele momento, Dorinha ficou momentaneamente parada, antes de obedecer ao comando do pai para passar por debaixo da-

quilo que ele apresentou como a tal borboleta. Muito decepcionada, percebeu que ela não era tão bonita, colorida e ao mesmo tempo assustadora como a imaginara. Desapontada e triste com o que viu, foi sentar quietinha no colo de Tíndia. Mas, ao longo do caminho, ao ver através da janela tantas paisagens estranhas, carros e muita gente caminhando apressada pelas ruas, esqueceu seu desapontamento e, juntamente com os irmãos, começou a comentar e dar muitas risadas de tudo que via.

Finalmente, a família chegou ao final de linha da rota do ônibus e todos desceram curiosos, deparando-se com o bairro pobre onde passariam a morar. Seguiram a pé até o pequeno prédio. Ao ver o depósito de lixo localizado próximo a sua nova morada, Joza comentou:

- Não vai ser nada bom morar perto de tanto lixo.

Percebendo o olhar repreensivo do pai, meio sem graça, resolveu então mudar o foco do seu comentário dizendo:

- Tem muito lixo na cidade grande. Também, com toda essa gente!

Ao entrarem no pequeno apartamento, as crianças correram pelos aposentos afora, olhando tudo. Ligavam e desligavam repetidamente as luzes, abriam as torneiras, davam descargas sucessivas no vaso sanitário, chegavam às janelas para ver o que podiam enxergar do outro lado, exploravam, enfim, tudo que podiam, encantando-se com a infinidade de novidades.

O apartamento era muito pequeno para a família numerosa e estava quase completamente vazio. Existiam apenas uma mesa com seis cadeiras e um fogãozinho marca Jacaré de duas bocas, um bujão pequeno de gás, alguns pratos, xícaras, talheres, colchões bem fininhos, além de outros pequenos itens, tais como panos de prato, lençóis, toalhas de mesa e banho, todos novinhos, visto que Glicério os tinha comprado semanas antes, para receber a família.

Mais tarde, quando a família já tinha “supervisionado e explorado” tudo que podia, Tíndia ordenou que todos fossem tomar banho, começando pelos menores, uma vez que estavam muito sujos e suados. Decidiu, então, dar o banho deles na própria lavanderia para liberar o único banheiro da casa para os filhos mais velhos. Enquanto isso, Glicério foi com Zé na padaria próxima comprar alguns itens para o café da noite. Ao longo do caminho, ele orientava o filho mais velho a se localizar na rua, informando-lhe tudo que já havia descoberto sobre o bairro.

Após estarem todos limpos, com os meninos, como de costume, já vestidos de pijamas iguais listrados, a família tomou uma sopa nutritiva preparada por Periquita, acompanhada de pães fresquinhos. Glicério anunciou, então, que o dia seguinte iria ser reservado para levar os filhos para conhecer as escolas onde eles iriam estudar, pois na próxima semana as aulas iriam começar. Ele, por sua vez, teria que iniciar suas atividades na Coletoria. Já tinha providenciado antecipadamente a matrícula dos filhos: Zé e João iriam dar continuidade ao ginásio no Colégio Góes Calmon; Jozélia iria prestar o exame de admissão no Colégio Pamphilo de Carvalho, que fazia parte da rede de ensino particular, pois Glicério não tinha conseguido vaga para a filha prestar esse exame em uma escola pública. Sabia que, caso ela fosse aprovada, o orçamento familiar iria ficar sacrificado com essa despesa adicional, mas a menina não poderia ficar sem estudar. Quanto aos filhos menores, eles iriam estudar na Escola Landulpho Alves, que era vizinha de muro do prédio onde moravam. Da janela de um dos quartos do apartamento, era possível ver o pátio desta escola que era bastante espaçosa e bem estruturada, o que deixou Tidinha muito satisfeita. Ao constatar que apenas um muro separava a nova morada da sua escola, Tobias exclamou:

- Acho que vou pular todo dia o muro para ir chegar mais rápido na escola!

Imediatamente foi repreendido pela mãe:

- E quem já viu menino civilizado pular muro? É bom lembrar que vocês agora moram na capital e precisam se acostumar com isso!

Nesse momento, Glicério sorriu, sabendo que ainda teria muita coisa a ser assimilada por toda sua família até que todos pudessem se sentir, de fato, como gente da cidade grande.

Capítulo 22

EXPLORANDO A CIDADE GRANDE

No dia seguinte, Glicério acordou cedo chamando os filhos mais velhos, Zé, João e Joza, para saírem com ele. Como já tinha avisado, pretendia levá-los para conhecer o colégio onde iriam estudar, além de outros lugares, já que queria que eles fossem se familiarizando com a cidade.

Joza estava meio assustada e tímida. Embora desejasse conhecer a cidade, não se sentia muito a vontade de sair apenas com o pai e irmãos mais velhos. Queria que a mãe fosse também, embora não expressasse seu desejo, com receio de que o pai ficasse zangado. Assim, obediente, foi logo se arrumar.

O pequeno Francisco, que sempre estava de pé muito cedo, pediu para ir junto:

- Eu também quero conhecer a cidade! Quero ver se tem lugar mais bonito que esse aqui, que é feio e fedorento!

Logo depois, foi a vez de Tobias, Ismael e Dorinha acordarem e pedirem também para acompanhar o pai. Diante do barulho, Socorrinho acordou chorando, chamando por Glicério. Enquanto ele corria para atender a menina, anunciou:

- Vocês não vão poder sair comigo hoje! Precisam descansar da viagem e ajudar sua mãe e avó a arrumar as coisas! Vão ter muito tempo para conhecer a cidade. No sábado e domingo, vou ter mais tempo para levar vocês para passear. Tenham calma!

Enquanto fazia um café no pequeno fogão de duas bocas, Tíndinha ouvia tudo e reclamava da noite mal dormida em colchões finos que, segundo ela, era o mesmo que estar dormindo no chão duro. Dessa forma, opinava para Glicério:

- A primeira coisa que você tinha mesmo que fazer era comprar umas camas e colchões bons para todos. Aproveite o dia para olhar umas camas beliches e uma

de casal com colchões de mola para poder comprar!

Demonstrando aborrecimento, Glicério respondeu:

- Vamos ter que dormir por algum tempo nesses colchões, pois o dinheiro não vai dar para fazer isso agora. Se Jozélia passar na admissão, teremos que pagar o colégio, que é particular e, até conseguirmos a vaga dela na escola pública, teremos que fazer alguns sacrifícios. A prioridade agora são os estudos dos nossos filhos!

Enquanto isso, Periquita preparava um cuscuz, ovos fritos e a mesa para servir o café das crianças. Reclamava também de dores nas costas e da noite mal dormida e, de forma semelhante a Tidinha, enquanto falava, ia trabalhando, fazendo tudo com agilidade. Algumas vezes, Glicério se punha a comparar as duas mulheres e chegava à conclusão de que ambas se pareciam muito, especialmente na forma prática de realizar suas tarefas e também no modo de educar os filhos. Certamente, foi com Periquita que Tidinha tinha aprendido a usar a palmatória e castigar os filhos por motivos, muitas vezes, irrelevantes. Ela mesma se queixava das constantes reclamações da mãe, descrevendo-lhe as inúmeras surras que já tinha tomado dela por motivos banais.

Depois de todos tomarem café, Glicério saiu com os filhos mais velhos, deixando Francisquinho e Socorrinho chorando muito, pois queriam ir com o pai. Quanto aos demais filhos - Tobias Ismael e Dorinha - depois de ajudarem a mãe e avó na organização da casa, puderam se distrair descendo as escadas do pequeno prédio, observando as pessoas que passavam, sob a vigilância de Periquita, que olhava as crianças da sacada da janela.

Como era período de férias escolares, a rua estava repleta de crianças e logo algumas se aproximaram fazendo perguntas, procurando conhecer os novos moradores.

O pequeno Ismael se encantou com a brincadeira de um menino que empinava pipa e foi ao encontro dele, perguntando-lhe como poderia conseguir também uma daquela. Foi quando soube que aquela brincadeira era denominada “empinar arraia”. O menino também disse para Ismael que poderia fazer uma arraia daquela para ele e lhe ensinar como “temperar” a linha com pó de vidro para que pudesse cortar as linhas de outras arraias. Mostrou então a que ele usava, que era tão afiada que poderia até cortar o dedo de alguém.

Muito admirado com aquilo tudo, Ismael fazia mais e mais perguntas buscando aprender o máximo sobre aquela brincadeira. O menino, por sua vez, ficou muito espantado ao perceber que ele não conhecia uma arraia e também passou a lhe fazer muitas perguntas sobre o lugar de onde ele vinha.

Ficaram assim conversando por quase uma hora, enquanto Dorinha e Tobias também já conversavam animadamente com outras crianças.

Enquanto isso, Glicério seguia andando com os seus filhos mais velhos até o Colégio Pamphilo de Carvalho, que ficava localizado na Boa Vista de Brotas, onde Joza iria fazer o exame de admissão. O lugar não era tão longe, mas considerando que o trajeto era feito a pé, tratava-se de uma boa caminhada. Como Glicério sabia que nem sempre os filhos iriam ter dinheiro para pagar a passagem de ônibus, precisava ensinar-lhes a realizar o percurso daquela forma. Pretendia, porém, voltar de ônibus para que eles pudessem também fazer isso, quando fosse possível e necessário.

Após apresentar aos filhos à escola e obter as informações sobre o dia e horário do exame de admissão, Glicério explicou para Joza tudo que ela deveria levar para realizar a prova. A menina estava muito assustada e perguntou timidamente se o pai não iria com ela no dia do exame. Foi quando ele, percebendo a insegurança da filha, tentou acalmá-la, dizendo:

- Claro que vou lhe levar! Mas só no dia do exame! Depois terá que aprender a vir sozinha para escola.

Nesse momento, Zé ponderou:

- Isso se ela passar no exame de admissão!

De uma forma muito firme, Glicério respondeu:

- Ela vai ter que passar!

Naquele momento, os irmãos Zé e João olharam para Joza com ar de quem ratificavam a imposição do pai, o que deixou a menina mais assustada ainda. E se não fosse aprovada no exame?, pensava ela. Certamente iria receber uma surra da mãe e o pai, por sua vez, iria ficar muito zangado com ela.

Enquanto seguiam a caminhada, desta vez rumo ao Colégio Góes Calmon, Joza se mantinha muito calada olhando para o chão, enquanto Zé e João conversavam e comentavam tudo que viam ao longo do caminho.

Ao chegarem ao Colégio Góes Calmon, ficaram muito admirados com seu

tamanho. Glicério aproveitou para fazer um comentário dirigido para Joza:

- É nesse colégio que você também vai estudar, depois que fizer seu primeiro ano de ginásio no Panphilo de Carvalho. Só não vai ser este ano, pois não consegui vaga para que pudesse fazer seu exame de admissão aqui.

A menina balançou a cabeça dizendo:

- É muito bom mesmo esse colégio...

Após irem à secretaria, onde obtiveram informações sobre o dia de início das aulas, fardamento e material escolar, seguiram todos para o ponto de ônibus, já que Glicério iria orientar os filhos sobre como proceder para fazer o roteiro de ônibus de volta para casa.

Enquanto esperavam o ônibus, Jozélia pensava com temor nos novos desafios e nas mudanças que estavam surgindo na sua vida. Não eram apenas as mudanças associadas à nova moradia que a assustavam, mas também aquelas que se revelavam no seu corpo de pré-adolescente. Os primeiros sinais de mulher já começavam a aparecer. A menstruação era algo muito incômodo para ela, o sutiã que passou a usar a incomodava, assim como o olhar curioso dos irmãos, que percebiam e comentavam essas mudanças, em especial Zé e João. Eles também sentiam no corpo as mudanças típicas de meninos que vivenciavam a fase da puberdade, tais como o nariz e a voz engrossando, com periódicas desafinações, além dos pelos que se espalhavam pelo corpo. Como a privacidade era algo de que nunca podiam usufruir, já que sempre estavam com os demais irmãos, tudo isso deixava os rapazes muito irritados e briguentos. Era como eles quisessem, por meio das brigas constantes, dar voz ao turbilhão de sentimentos confusos que a idade e as mudanças físicas traziam. Além do mais, eles precisavam “defender seus territórios de machos”, já que o “machismo”, naquela época, era algo muito forte no comportamento dos homens.

Zé e João não poderiam deixar de adotar esse comportamento, copiando principalmente o modelo do pai que, entre outras demonstrações de “machismo”, exigia submissão e obediência de Tidinha, além de não expressar muito seus sentimentos, para não parecer ser fraco.

Uma das formas que os garotos usavam para demonstrar que eram realmente “machos” era usar de autoridade com a irmã Joza, subestimando-a, muitas vezes. A própria Tidinha apoiava e reforçava o comportamento dos filhos, exigindo

que a filha fizesse as camas dos irmãos e a ajudasse a lhes servir as refeições.

Apesar de gostar muito dos irmãos, Joza ficava com muita raiva deles por acatarem e tirarem proveito daquele modelo machista que os pais adotavam. Enquanto esperava o ônibus, na companhia do pai e dos irmãos, ela pensava nisso tudo. Naquele momento, sua raiva se misturava com o medo de não atender à imposição do pai e irmãos de ser aprovada no exame de admissão. Será que estava preparada para vencer esse desafio?, pensava ela. Estava vindo de uma escola simples do interior, na qual o sistema de ensino não era eficiente. O medo de desapontar sua família a dominava, e ela tentava evitar chorar para não evidenciar aquele sentimento que lhe invadia a alma.

Quando o ônibus chegou, subiu apressada e se posicionou em uma cadeira próxima à janela. Deixou-se então envolver com as paisagens, o que afugentou um pouco seus pensamentos e medos. Gostava de ver as pessoas passando, as ruas e tudo que era novidade para ela. Afinal, nem tudo era ruim no conjunto de mudanças que ela estava vivenciando, pensava. A cidade grande a atraía e não via a hora de chegar o final de semana, já que o pai tinha prometido que iria fazer um passeio com toda a família pela cidade. Como ela, todos os demais filhos de Glicério estavam ansiosos por isso: desvendar os mistérios e fascínios da cidade grande!

Capítulo 23

SUSTO DURANTE UM PASSEIO

Finalmente chegou o dia de domingo, quando as crianças amanheceram muito agitadas, ansiosas pelo passeio que Glicério tinha prometido à família.

Glicério decidiu que Tidinha iria acompanhá-lo e que Periquita ficaria em casa com Socorrinho, que era muito pequena para ir com os irmãos ao passeio. Os filhos mais velhos foram também alertados pelo pai para ajudar a tomar conta dos menores - Francisco, Dorinha, Ismael e Tobias. O roteiro do passeio seria a Praça Castro Alves, o Terreiro de Jesus, onde iriam conhecer a Igreja de São Francisco e, posteriormente, desceriam o Elevador Lacerda. As crianças faziam muitas perguntas, muito interessadas nas informações que o pai passava para elas. Estavam ansiosas para conhecer o mar, que Glicério já tinha descrito como uma espécie de açude gigantesco, de águas salgadas e em constante movimento, formando ondas que iam e vinham. Quanto mais perguntavam e obtinham as respostas do pai, ficavam mais curiosas e ansiosas. Queriam muito tomar banho de mar, mas Glicério informou que iriam apenas conhecê-lo de longe, deixando o banho para outro final de semana, no qual ele estava planejando levá-los à praia.

Enquanto Periquita brincava com Socorrinho, buscando distraí-la para que ela não percebesse a saída da família, todos seguiram em direção ao ponto de ônibus, rumo à Praça da Sé. Logo atravessaram a catraca (a não mais misteriosa borboleta), procurando se acomodar nas poltronas próximas às janelas. Quando, por meio delas, visualizaram o mar imenso da Baía de Todos os Santos, com suas águas azuis e serenas, ficaram todos muito agitados, ansiosos para descer do ônibus e apreciar melhor aquela imensidão de água que eles tanto sonhavam em conhecer.

Já estavam todos debruçados na muralha da Praça da Sé, de onde podiam

avistar, além do mar, a Ladeira da Montanha e a Cidade Baixa. De tão felizes e encantados que estavam, mal se deram conta do monumento do poeta Castro Alves, que, do alto, parecia abençoá-los e dar-lhes as boas vindas. Foi Glicério que chamou atenção sobre ele, aproveitando para falar desse grande poeta, justificando a homenagem que a cidade lhe prestou com a construção daquele monumento. Apresentou também o edifício Sulacap, assim como outros locais, sempre trazendo informações adicionais sobre eles, demonstrando assim muito conhecimento sobre a cidade.

Tidinha ficava impressionada em perceber o quanto seu marido era instruído, o que ela atribuía ao fato de ele gostar muito de ler. Naquele dia, em especial, ela estava muito feliz e agradecia a Deus por estar usufruindo daquele lugar tão bonito. Apaixonou-se pelo mar, acreditando que toda aquela água não tinha mesmo fim. Repetia a todo instante que era a coisa mais linda que ela tinha visto no mundo. Era como se estivesse tomada por uma grande paixão à primeira vista.

Depois de permanecer por alguns minutos na Praça Castro Alves, a família prosseguiu em direção do Terreiro de Jesus, parando por alguns minutos na Praça Municipal, para apreciar o prédio da Prefeitura e o Elevador Lacerda, no qual todos estavam ansiosos para descer. A vista do lugar era esplêndida, com uma nova visão da Cidade Baixa, sendo possível avistar, o Mercado Modelo e, mais distante, a Ponta do Humaitá e a Igreja do Bonfim. Tudo parecia imenso, tanto quanto a alegria e entusiasmo que a família sentia.

Glicério decidiu comprar alguns refrigerantes para celebrar aquele momento, conferindo preliminarmente se havia dinheiro suficiente. Comprou apenas quatro garrafas de Sukita. Divididos equitativamente entre todos, esses refrigerantes foram saboreados como se fosse a melhor bebida do mundo.

O próximo roteiro foi a Igreja de São Francisco, onde o pequeno Chico estava muito admirado com o ouro que revestia o altar do santo que havia inspirado a escolha do seu nome. Nesse sentido, exclamou:

- O meu santo é muito rico! Vou rezar para eu ser igual a ele quando crescer!

Após observarem tudo com atenção, olhando as imagens e dando muitas risadas ao verem os anjos barrocos despídos, eis que Glicério chamou todos para voltar ao Elevador Lacerda, para descerem até a Cidade Baixa, o momento mais esperado do passeio!

Glicério orientou que todos ficassem muito atentos, pois o lugar era muito movimentado. Explicou que o elevador tinha duas portas, uma para as pessoas entrarem e a outra para as pessoas saírem. Recomendou aos três filhos mais velhos que prestassem muita atenção ao entrarem no elevador, para não atravessarem a outra porta, procurando se acomodar perto dele e de Tidinha, enquanto os quatro filhos menores não poderiam soltar, de jeito nenhum, as mãos dele e da mãe.

Enquanto Glicério falava, João parecia distante, inebriado com tudo que via, sem prestar muita atenção naquilo que o pai dizia. Foi assim que, quando o elevador chegou, trazendo outras pessoas que saíam pela porta da frente, ele atravessou a cabine acompanhando-as. Assim, não desceu com a família, permanecendo no pavimento de cima do elevador, na Cidade Alta.

Durante a descida do elevador, ninguém percebeu a ausência de João, exceto Zé, que, por se encontrar espremido no meio das pessoas, o que não lhe permitia o acesso direto aos pais, permaneceu quieto, sem poder sinalizar para eles a ausência do irmão.

Quando o elevador desceu e abriu a porta, Glicério e Tidinha se deram finalmente conta da falta de João, constatando que ele tinha acompanhado as pessoas que saíam do elevador e, portanto, havia ficado no pavimento de cima.

Desesperado, Glicério orientou à família que não saíssem dali até ele voltar, pois ele iria subir o elevador para buscar o filho.

Tidinha, muito nervosa, começou a chorar, enquanto Zé e Joza, tentando se manter tranquilos, buscavam acalmá-la, sem soltar as mãos dos irmãos menores.

Enquanto isso, com o coração apertado e muito ansioso, Glicério subia pelo elevador, com a impressão que aquele trajeto era o mais longo que ele já tinha percorrido na sua vida. Milhares de pensamentos lhe chegavam à mente: não tinha certeza se o menino saberia informar para outras pessoas onde morava, caso ele viesse a se perder; planejava ir a polícia avisar o desaparecimento do filho; preocupava-se com Tidinha e os filhos lá embaixo lhe esperando, sem saberem o que fazer; visualizava imagens do filho perdido na rua, sendo perseguido por bandidos, e tantos outros pensamentos ruins, que só foram interrompidos quando o elevador deu o pequeno solavanco que caracteriza a sua parada. Correu então até o local onde o filho teria ficado. Para seu alívio, lá estava ele, imóvel, com ar apavorado, olhando ao redor, esperando sua família vir buscá-lo.

Se fosse pela vontade de Glicério, abraçaria chorando o filho, já que seu coração parecia que ia explodir ao constatar que ele estava bem e que tinha adotado a melhor ação para esse de tipo de situação, ou seja, permanecer no mesmo lugar onde se perdeu. No entanto, contendo sua emoção, olhou duro para o filho, dizendo-lhe:

- Vamos embora, menino! Quer matar sua mãe do coração? É isso que dá não prestar atenção ao que eu falo!

De cabeça baixa, João seguiu ao lado do pai, contendo também sua emoção e as lágrimas, que insistiam em descer. Novamente, entram no elevador. Desta vez, com Glicério segurando firme o braço do filho.

O encontro de João com a mãe e os irmãos foi marcado com muitos beliscões e puxões de orelhas dados por Tidinha, embora, no fundo, ela também desejasse abraçar o filho, acolhendo-o junto a si, de forma a curar toda a angústia que ela havia passado naqueles últimos instantes.

Logo depois, Glicério anunciou que o passeio tinha acabado, pois ele estava muito aborrecido. Voltaram então todos muito calados para casa. João fungava engolindo o choro, enquanto lágrimas compridas e longas escorriam no seu rosto.

Ao chegarem à igreja, Tidinha ajoelhou-se em frente à imagem do Deus Menino, agradecendo-lhe e pedindo-lhe fervorosamente que seus filhos jamais viessem a se perder na cidade grande.

Capítulo 24

A NOVA ROTINA NA CIDADE GRANDE

Após a primeira semana de adaptação da família na nova moradia, a rotina diária começou a se consolidar. Todos da casa acordavam cedo e cada um passou a também criar a sua própria rotina.

Glicério saía às sete horas para trabalhar, levando uma pequena marmita, pois almoçava na própria Coletoria; Joza, que já havia passado no exame de admissão, saía cedo para o colégio, juntamente com os irmãos João e Zé.

A rotina dos filhos menores era um pouco diferente, pois eles estudavam no turno da tarde, na escola vizinha ao prédio onde moravam, exceto Socorrinho, que ainda não estava na fase escolar.

Ismael, Tobias, Dorinha e Chico faziam as tarefas escolares pela manhã e costumavam acordar muito cedo para fazer isso, de forma que sobrasse tempo para brincar um pouco. Tidinha não deixava que eles saíssem durante a semana, mas permitia que ficassem brincando na frente do prédio, onde ela podia avistá-los da janela. Mas isso só depois deles terminarem as tarefas escolares, sempre realizadas sob sua vigilância.

Nos finais de semana, Ismael passava quase o dia todo empinando arraia, o que ele gostava muito. Aos poucos, o menino ganhou habilidade na brincadeira e passou a ser temido por todos que também a praticavam, já que ele sabia cortar outras arraias como ninguém. Como ele era magrinho e baixinho, recebeu o apelido de “Pequeno”, tornando-se muito popular no bairro.

Já Tobias, em virtude da sua cabeça grande, ganhou o apelido de “Cabeção”. Ele ficava muito aborrecido com o estilo de corte de cabelo que Glicério decidiu adotar como padrão para os filhos menores, pois realçava mais ainda o seu cabeção. Era todo raspado, apenas com um pequeno topete, bem no meio da cabeça.

Esta era uma estratégia que seu pai utilizava para não ter que levar os filhos regularmente ao barbeiro e, assim, poder economizar.

Quanto ao cabelo dos filhos maiores, eles ficavam muito bravos quando o pai insistia que adotassem o mesmo estilo de corte dos irmãos mais novos. Por se sentirem já rapazes, costumavam dizer que aquele corte era para “menino ‘véio’ bestão”, o que deixava os irmãos menores muito aborrecidos, principalmente Ismael, que, adicionalmente, costumava receber uns petelecos nas orelhas, dados pelos seus irmãos mais velhos. Isso porque suas orelhas eram muito abertas, do tipo “orelha de abano”, convidativas, de fato, para um bom peteleco. E a cada vez que recebia um, o menino chorava, solicitando a intervenção da mãe ou avó. Posteriormente, isso se tornou tão constante, que elas não mais davam ouvidos às queixas do garoto.

Quanto a Dorinha, ela continuava com seus cabelos compridos, desejando muito cortá-los, embora soubesse que teria que mantê-los longos até a idade de dezoito anos, já que estava cumprindo a promessa da sua mãe, feita na época do seu nascimento. Sabia que teria que esperar! Como ela era muito pequena e raquítica, os cabelos pareciam querer lhe engolir e as pessoas costumavam dizer que eles lhe roubavam a vitalidade. Mas isso, de fato, era o que não lhe faltava, já que ela era inquieta, alegre e muito traquina, o que a fazia receber constantes bolos de palmatória de Tíndia.

Logo que chegou a Salvador, Dorinha desenvolveu um cisto externo no pescoço que tinha um aspecto de um pequeno buraco, de onde fluíam, eventualmente, secreções. Isto passou a ser um motivo de grande preocupação dos seus pais, já que, durante uma consulta médica, houve a recomendação de uma cirurgia. Na escola, a menina passou a ser motivo de brincadeiras dos seus colegas, que a chamavam de “pescoço de buraco”. Era o famoso “bullying” dos dias atuais, que, no entanto, não perturbava muito a garota, uma vez que ela era muito descontráida e levava tudo na brincadeira, ignorando as provocações dos colegas. Mesmo depois da cirurgia, ela manteve uma cicatriz no pescoço, o que fez com que os colegas passassem a lhe chamar de “pescoço costurado”. Ainda assim, em nenhum momento, a menina desejou usar roupas de golas longas para esconder sua cicatriz.

Em outro período, foi a vez de Ismael passar por uma pequena cirurgia, já que ele desenvolveu um caroço atrás do joelho que crescia muito e já estava

atrapalhando sua locomoção, fazendo-o mancar. Naquele período, ele estava com quase nove anos e Tidinha era obrigada a carregá-lo nos braços para levá-lo ao médico. Ia de ônibus, descendo na Praça da Sé e seguindo a pé até a Praça Castro Alves, no edifício Sulacap, onde o médico tinha seu consultório.

Embora a recuperação de Ismael da cirurgia tenha sido rápida, Tidinha ainda teve que levar o filho diversas vezes para o médico, para fazer curativos e revisões, sempre carregando-o no colo.

Em Salvador, Socorrinho começou a ter crises sucessivas de garganta, exigindo também cuidados médicos. Felizmente, a família podia contar com uma boa assistência médica, à qual os funcionários públicos tinham direito e que também incluía tratamentos dentários.

Socorrinho também continuava cumprindo a promessa da sua mãe de usar azul e branco até completar oito anos. Como sempre foi o chamego de Glicério, era para ela que o pai se dirigia ao voltar do trabalho, enchendo-a de beijos e agraços. De vez em quando, ele trazia um saco de chocolates para os filhos e sempre a maior porção era reservada para ela. Nessas ocasiões, Dorinha e Chico costumavam chamar a irmã para brincar de “esmoler”, uma brincadeira que consistia de uma interpretação na qual a pequena Socorro fazia o papel de uma mulher muito rica, que costumava ser muito generosa para dois indigentes que iam lhe pedir esmolas, os quais eram interpretados por Dorinha e Chico. Nessas circunstâncias, ela oferecia os chocolates que Glicério tinha trazido para ela. Assim, essa brincadeira era uma forma que os irmãos encontraram de arrebatar os chocolates adicionais que a irmã menor costumava ganhar. Como Socorrinho era muito ingênua, não percebia a verdadeira intenção dos irmãos e chegava até mesmo gostar daquela brincadeira, que perdurou até que Tidinha descobriu, dando uma boa surra em Dorinha e Chico, alertando-os de que aquilo era uma atitude muito vergonhosa, pois era uma forma de querer se aproveitar da ingenuidade dos outros e que ela não perdoava comportamentos daquela natureza.

Na cidade grande, Tidinha ainda mantinha o hábito de usar a palmatória para bater nos filhos, todas as vezes que ela achava que eles mereciam.

Com o objetivo de ajudar os filhos que não estavam tendo um bom desempenho na matemática, decidiu promover uma sabatina de tabuada nos sábados. Dessa forma, estabeleceu que, durante a semana, os filhos teriam que decorar uma

operação matemática (somar, subtrair, multiplicar e dividir) associada a um número específico entre um a dez. Caso eles cometessem algum erro, levariam um bolo de palmatória.

As manhãs de sábado eram, portanto, temidas por aqueles que iriam participar da sabatina, fazendo com que, ao longo de toda a semana, eles buscassem decorar a operação matemática referente ao número previamente estabelecido por Tidinha. A operação de multiplicação era a mais temida, principalmente quando envolvia números superiores a cinco. A tensão era muito grande quando Tidinha escolhia o primeiro a ser sabatinado.

Certa vez, Joza não havia conseguido decorar totalmente a operação de multiplicar envolvendo o número oito. Assim, estremeceu quando Tidinha a escolheu para ser a primeira a responder as perguntas daquele dia. Ela torcia para ser a última, para poder ganhar tempo e tentar decorar o que ainda não tinha decorado.

Ouviu, apreensiva, a primeira questão de Tidinha:

- Quanto é oito vezes quatro?

Joza, muito aflita, fez uma tentativa de acertar na resposta:

- Vinte e quatro!

Tidinha deu mais uma chance à filha:

- Vou repetir a pergunta, pois acho que você não entendeu: quanto é oito vezes quatro?

Novamente a menina tenta acertar na resposta, sem sucesso:

- Trinta e oito!

Constatando que Joza não tinha estudado o suficiente ao longo da semana, Tidinha tomou a palmatória e deu um bolo na filha, que logo começou a chorar, dizendo:

- Pode me dar logo todos os bolos que quiser, pois não tive mesmo tempo de estudar nessa semana e vou errar todas as perguntas!

Muito aborrecida com a declaração da filha, Tidinha questionou-lhe:

- E eu posso saber por que não teve tempo? Não foi essa semana que você foi para o colégio à tarde, dizendo que ia jogar baleado? Como é que teve tempo para isso e não teve para estudar?

Se tivesse coragem suficiente, Joza responderia que era muito melhor jogar baleado do que estudar tabuada, que ela detestava. Mas não teve, permanecendo

muda, olhando para o chão. Acabou levando cerca de seis bolos que deixaram as palmas de suas mãos inchadas.

No dia seguinte, a menina teve aula vaga e recusou o convite das colegas para jogar baleado, pois as mãos lhe doíam muito. Mas, no dia seguinte, lá estava ela, de novo, deixando a tabuada de lado para se entregar o prazer da sua brincadeira predileta.

Ao longo do jogo, no entanto, a cada vez que Joza “baleava” alguma colega, vinha-lhe à mente a sabatina do próximo sábado, o que a deixava ansiosa e até mesmo com raiva. Numa dessas, arrematou com tanta força a bola que partiu o colchete do seu sutiã, peça de vestuário à qual ela ainda estava se adaptando. Foi então ao sanitário tentar dar um jeito com uma presilha, mas acabou por danificar o sutiã, que era de tecido muito frágil, de baixa qualidade. Decidiu então ir para casa sem ele, abraçando seus livros para disfarçar aquela situação. Ao longo do caminho, pensava que aquilo tinha sido um castigo pelo fato de ter preferido jogar, em vez de estudar sua tabuada.

A religiosidade que Tidência tentava passar para os filhos era repleta de mensagens de pecados e castigos. Todos os finais de tarde, na hora dedicada à Ave Maria, ela costumava rezar o terço, na companhia de Periquita, chamando os filhos para se juntarem a elas naquele ritual religioso. Ao final, sempre pedia para que eles rezassem a oração do Santo Anjo do Senhor, para que os anjos da guarda de cada um pudessem protegê-los de todos os males e afastá-los dos pecados.

As crianças bem que prefeririam estar brincando nesse horário, mas ninguém se atrevia a recusar a participar daquele momento. Após o café da noite, Tidência permitia que elas fossem à casa do vizinho assistir televisão, que era uma grande novidade naquela época, considerada um luxo de equipamento doméstico para os padrões da família.

Seu Carlos era um dos poucos vizinhos que tinham uma televisão no bairro e, por ser uma pessoa muito simpática, permitia que a criançada da rua fosse assistir televisão em sua casa, que tinha uma sala dotada de janelas amplas, onde as crianças costumavam se amontoar do lado de fora para assistir a televisão. Algumas mais afoitas sentavam no chão da sala, espalhando-se com muita intimidade. Seu Carlos não se importava com isso e se divertia com o entusiasmo e alegria de todas elas. Em um determinado momento, porém, pedia que fossem embora,

pois ele precisava descansar. No caso dos filhos de Tíndinha, eles cumpriam rigorosamente o horário estabelecido pela mãe para voltarem para casa e, desta forma, nunca eram convidados para ir embora.

Ao chegarem em casa, iam direto para o banheiro, escovavam os dentes e seguiam para as camas. Àquela altura, Glicério já tinha comprado três pares de camas beliches para os filhos, uma de solteiro para Periquita e uma de casal para ele e Tíndinha, além de quatro camas de campanha dobráveis, que ficavam guardadas atrás das portas dos quartos ou debaixo das demais camas, para serem usadas pelos dois filhos mais velhos ou pelos hóspedes.

Naquela época, Glicério tinha também decidido receber um filho de um amigo de Piatã para morar com a família, pois ele havia ingressado na universidade em Salvador e não tinha onde morar na cidade. Glicério receberia um valor mensal para hospedar o rapaz e isso ajudaria nas despesas da casa. Assim, Jairo, um rapaz pacato, passou a usar uma das camas de campanha, que ele estendia na sala todas as noites para dormir.

Havia outros hóspedes frequentes na casa, geralmente eram os familiares, primos, tios que viviam em Euclides da Cunha e que costumavam vir para a capital para irem ao médico ou resolverem algum assunto específico. Nessas ocasiões, Tíndinha acompanhava-os pela cidade, ajudando-lhes no que fosse preciso. Ficava feliz em receber as pessoas na sua casa e, devido à sua costumeira solidariedade, não media esforços para atendê-los e servi-los em tudo. Sua casa estava sempre aberta para todos, em especial os doentes, que ela tratava com muito carinho. Não era à toa que o pequeno apartamento sempre tinha um hóspede, oriundo principalmente de Euclides da Cunha.

Tíndinha também recebia muitas visitas de parentes e amigos que passavam na sua casa para levar-lhe um presente, geralmente frutas ou outros produtos alimentícios. Na ocasião, passavam algumas horas com ela conversando, algo de que ela gostava muito.

Certa vez, Tíndinha recebeu a visita de sua Tia Lidinha, irmã de Periquita, que chegou juntamente com a filha Vilma e o genro Manuel Almeida. Trouxeram muitas laranjas e outros tipos de frutas do sítio onde moravam, em Feira de Santana. Na ocasião, Tíndinha relatou-lhes a dificuldade que a família vinha passando, já que a vida na capital era muito cara e o salário que Glicério ganhava na Coletoria

não era suficiente para suprir todas as necessidades da família. Foi quando Manuel Almeida informou-lhe que estava trabalhando como distribuidor de leite para pequenos estabelecimentos ou para pessoas que entregavam leite de porta em porta, nos bairros de Salvador. Naquela época, era comum a atuação do “leiteiro”, alguém que entregava o leite fresquinho, que vinha das fazendas, nas portas das casas. Para isso, q recebia o leite sempre reservava uma garrafa de vidro vazia e limpa para fazer a troca com a garrafa que chegava cheia de leite.

Ao ouvir o relato de Tíndia sobre as dificuldades financeiras da sua família, Manuel Almeida sugeriu que ela vendesse leite no bairro para ajudar o marido e aumentar a renda familiar. Ele forneceria o leite para ela, a preço de custo, já que ele vinha diariamente fazer entregas no bairro do Engenho Velho. A sugestão foi aceita com muito entusiasmo por Tíndia, que, por ser muito dinâmica e trabalhadeira, sempre estava disposta a trabalhar e aprender a fazer coisas novas.

Glicério também aceitou de bom grado a proposta, embora relutasse no começo porque teria que fazer um investimento inicial, referente à aquisição de uma geladeira, que a família ainda não possuía. Isso porque o leite teria que ser conservado refrigerado até que fosse totalmente distribuído. No entanto, como já estava planejando essa aquisição, antecipou-a para que a esposa e os filhos pudessem atuar como “leiteiros” no bairro.

A entrega do leite era sempre feita entre cinco e seis horas da manhã, com ajuda principalmente dos filhos mais velhos. Tíndia acordava cedo e logo Manuel Almeida, ou seu portador, passava para lhe entregar os grandes vasilhames de alumínio cheios de leite. Imediatamente, ela engarrafava o líquido em garrafas de 1 litro, etiquetando-as com os nomes dos destinatários. Era ela também que fazia o contato com os vizinhos para cadastrá-los como clientes, assim como a contabilidade e a gestão daquele tipo de negócio, atuando do jeito que podia, aprendendo com os seus próprios erros e acertos.

Eram, em geral, João e Zé que iam fazer a entrega do leite antes de seguirem para o colégio. Posteriormente, Tobias e Ismael passaram a ajudar os irmãos. Eles não gostavam de fazer isso, alegando que era por causa do cheiro enjoado do leite. Certa vez, Tobias não quis se levantar para fazer a entrega, o que fez Tíndia ficar muito zangada. Naquele dia, o menino confessou chorando que tinha mesmo era vergonha de fazer aquele trabalho. Naquele momento, a mãe, muito indignada

com a confissão do filho, exclamou:

- E desde quando trabalhar é motivo de vergonha? Pois aprenda de uma vez uma coisa: vergonha você tem que ter mesmo é de roubar ou de fazer algo que não esteja de acordo com princípios que eu e seu pai lutamos para passar para vocês! Trabalhar nunca foi, nem será nenhum motivo de vergonha!

E, puxando o filho da cama, disse:

- Anda, levanta! Vá fazer a entrega do leite, que trabalho faz muito bem para gente! Dá disposição e saúde!

Dorinha também ajudava eventualmente os irmãos na entrega do leite, mas Tidinha só permitia que ela fizesse isso nas casas mais próximas. No entanto, a menina, que era um pouco desobediente e gostava de tomar algumas iniciativas sem consultar ninguém, decidiu, certa vez, fazer a entrega do leite em algumas casas mais distantes, cuja incumbência tinha sido delegada para Ismael. Satisfeito com a proposta feita pela irmã para realizar o seu trabalho, ele aproveitou para passar na casa de um amigo para pegar um rolo de linha de arraia, que tinha levado para ser “temperado” com vidro.

Enquanto isso, Dorinha seguiu para fazer a entrega do leite. Chegando a uma das casas, ela entrou por um pequeno portão sem se anunciar, deixando a garrafa de leite sobre uma mesa na varanda, ao tempo em que pegou a outra vazia, que se encontrava sobre uma cadeira. Foi quando a menina percebeu um cachorro latindo, vindo em sua direção, o que fez com que ela saísse correndo em disparada. O cachorro então começou a persegui-la e, quando finalmente a alcançou, rasgou com os dentes a sua roupa, sem, contudo a morder, apenas lhe arranhando de leve os braços.

Chorando muito, a menina foi para casa, sendo obrigada a contar para mãe o ocorrido. Enfurecida, Tidinha aguardou Ismael chegar, com uma palmatória na mão.

Quando o menino entrou na casa e recebeu da mãe uns puxões de orelha, ficou assustado, sem entender o que havia acontecido, ao tempo em que via a irmã toda rasgada, chorando num canto. Depois de contar para o filho o ocorrido, Tidinha pegou a palmatória, solicitando que ele abrisse as mãos para receber alguns bolos. Quando começou a fazer isso, disse:

- Esse bolo é para nunca mais fazer o que não deve! Tome outro! Tome outro

e tome outro!

Depois de tomar a sua surra, considerada bem merecida por Periquita, Ismael foi para o banheiro chorando, enquanto Dorinha parou de chorar aliviada, por achar que não seria também castigada pela mãe, seguindo em direção ao quarto. Foi quando Tidinha a puxou pelo braço, dizendo:

- Não pense que você vai ficar sem apanhar também, mocinha! O cachorro já lhe deu o castigo, mas eu também preciso dar!

Naquele dia, os irmãos quase não almoçaram e seguiram cabisbaixos para a escola. Ismael consolava-se com o seu novo rolo de linha, muito afiada, já imaginando poder usá-la para empinar arraia no final de semana. Já Dorinha ainda ouvia o latido do cachorro no seu ouvido, assim como sentia o cheiro e o ardor dos arranhões no seu corpo.

Era com essa rigidez que Tidinha prosseguia conduzindo a educação dos seus filhos, achando que os bolos de palmatória não faziam mal a ninguém, muito pelo contrário, eles ajudavam os filhos a se manterem na linha! Foi assim que ela foi educada e era assim que reproduzia o modelo de sua mãe Periquita. Nesse aspecto, ela era totalmente diferente de Glicério, que nunca havia batido nos filhos. Constantemente, era recriminado por Tidinha por ter esse comportamento, embora percebesse que os filhos temiam e respeitavam muito mais a ele do que a ela.

Quando, um dia, Socorrinho teve uma das suas constantes crises de garganta, Glicério trouxe para a filha algumas peras, um tipo de fruta que era muito cara para os padrões da família. No entanto, pelo fato de ele achar que aquelas frutas apresentavam suavidade o bastante para não machucar a garganta da menina, não hesitou em comprá-las. Socorrinho, no entanto, não apreciou nem um pouco o sabor daquela fruta, que nunca havia provado. Ao ver a filha cuspiendo e fazendo caretas, Tidinha tentou dar uns tapas na menina, sendo impedida por Glicério. Naquele momento, Tidinha muito zangada, exclamou:

- Será que você não ver que está botando essa menina a perder, dengando ela deste jeito???

Tidinha também cobrava dos filhos que assumissem algumas obrigações nas tarefas domésticas. E todos acabavam oferecendo uma parcela valiosa de contribuição, tanto na gestão financeira, como operacional da casa.

Periquita, por atuar como costureira, já tendo conquistado muito clientes no

bairro, costumava trabalhar o dia todo na máquina de costura, embora também ajudasse muito Tíndinha nas tarefas domésticas e na educação dos filhos.

Jozélia e Dorinha ajudavam a mãe na cozinha e na lavagem das roupas. Já os filhos do sexo masculino faziam os trabalhos mais pesados, tais como fazer a feira no bairro das Sete Portas, trazendo, de ônibus, sacolas pesadas e cheias de verduras e frutas, principalmente quando a família não recebia a usual encomenda de Donana. Isso porque a avó aproveitava qualquer portador indo para a capital para enviar uma farta feira para Tíndinha, além de frangos, ovos e carnes selecionadas por ela própria, em especial a carne de sol, tão apreciada pela família. Nessas ocasiões, os irmãos não precisavam fazer a feira e, assim, torciam que as encomendas da avó Donana chegassem sempre.

Nos sábados e domingos, além de Zé e João ficarem incumbidos de fazer a entrega do leite, eles tinham também que encerar o chão da casa, utilizando um escovão com base de ferro muito pesado, que eles esfregavam sob uma flanela, após passarem cera, de forma a deixar o piso muito brilhoso, algo que Tíndinha não dispensava! Segundo ela, casa com piso e panelas sem brilho era sinal de moradores preguiçosos.

Depois de obter o brilho por ela desejado, o piso era todo forrado com jornais visando conservá-lo ao longo da semana, que só eram removidos quando se rasgavam. Na ocasião, já era hora de encerar a casa novamente e, nesse sentido, o brilho, obtido com tanto esforço de João e Zé, ficava a maior parte do tempo oculto, embaixo dos jornais.

Mas ocultos ainda também se encontravam muitos mistérios da cidade grande, os quais a família ainda precisava desvendar. Aos poucos, novas situações e fatos eram introduzidos na rotina de cada um, assim como novos desafios que, em geral, eram enfrentados com muita desenvoltura por todos, sempre sob o comando de Tíndinha, que, com seu modo muito peculiar, sabia bem como fazer para manter sua família no foco.

Capítulo 25

LAZER E PEQUENOS PRAZERES DA FAMÍLIA

Embora Tidinha fosse muito rígida na educação dos filhos, era uma pessoa alegre e se preocupava com o lazer e com a diversão da família, criando alternativas para proporcionar momentos prazerosos para todos. Como não estavam em condições financeiras para comprar brinquedos, ela mesma fabricava alguns, a exemplo de carrinhos feitos com caixas de papelão, latas ou material plástico, assim como lindas bonecas e bonecos, que ela confeccionava com tecidos e enchimento de retalhos que sobravam das costuras de Periquita.

Dorinha adorava os bonecos feitos por Tidinha e também as lindas peças de roupa que ela fazia para vesti-los. Rapidamente, a menina também aprendeu a fazer algumas peças, que cuidadosamente guardava num guarda-roupa de brinquedo, feito de caixa de papelão.

Seu boneco predileto era Teobaldo, cujo nome foi escolhido em homenagem a um personagem de um filme que ela tinha assistido na televisão de Seu Carlos.

Certa vez, a menina estava muito aborrecida com o irmão Chico, que insistia em mexer nos seus bonecos e bonecas, desarrumando as roupas e acessórios que ela usava nas suas brincadeiras. Foi quando ela foi em cima do irmão, dando-lhe um tapa nas costas. A reação do irmão foi imediata: tomou nas mãos o boneco Teobaldo, rasgando-o no meio das pernas, até que saísse todo o seu enchimento. Ao ver seu boneco predileto naquele estado, Dorinha começou a chorar, indo ao encontro da mãe a gritar:

- Chico rasgou o meu Teobaldo. Eu quero meu Teobaldo! Eu quero meu Teobaldo!

Por sorte de Chico, Tidinha não conseguiu achar a palmatória naquele dia, o que fez com que o menino fosse castigado apenas com uns bons beliscões e puxões

de orelhas. Posteriormente, ela foi consolar a filha, prometendo que iria fazer para ela um novo Teobaldo. No entanto, Dorinha permaneceu triste a semana inteira, carregando, para cima e para baixo, o boneco em frangalhos. Só sossegou quando Periquita decidiu recuperá-lo. Mesmo deformado pelos remendos feitos pela avó, o boneco continuou sendo o predileto da menina.

Mais tarde, Tidinha fez um boneco novo para a filha, do qual ela gostou muito e a quem deu o nome de Novato. No entanto, ele jamais ganhou os mimos e as preferências da menina, que alegava que nenhum boneco poderia substituir o seu querido Teobaldo.

Tidinha também gostava de contar muitas histórias para seus filhos. Naquela época, era Socorrinho quem mais se interessava por elas, que eram contadas na hora de dormir. As histórias eram também compartilhadas com os demais filhos, que até ajudavam a mãe nesta tarefa.

Grande parte das histórias contadas por Tidinha envolviam personagens reais. Ela descrevia situações que, em geral, visavam trazer uma lição para os filhos, realçando algumas características de personalidade ou aspectos éticos e morais que ela queria que eles absorvessem. Assim, ela escolhia pessoas que admirava para inserir nas suas histórias, a exemplo da sogra Donana, a quem descrevia como uma mulher de aparência muito frágil, mas que era muito forte e corajosa. Nesse sentido, contava que Donana não tinha medo de nada e que andava sozinha na escuridão da roça, saindo todas as noites para visitar sua prima e muito amiga Camerina. Criava muitas situações interessantes e falava do valor das amizades e da importância de manter os amigos, visitando-os e ajudando-os nos momentos difíceis.

Contava histórias de Fulgêncio, o homem mais rico de Euclides da Cunha naqueles tempos, falando da infinidade de bois que ele tinha, dos caçuás que ele vendia, entre outros personagens que ela conhecia.

Outra brincadeira que Tidinha costumava proporcionar para os filhos era o teatro de marionetes. Para isso, usava os dedos das mãos, nos quais inseria pequenos bonecos, feitos também por ela, de pequenos retalhos. Ela tinha o dom da interpretação, fazendo mudanças de vozes que divertiam muito os filhos. Certa vez, ela interpretou a história de Lampião e Maria Bonita, que ela conhecia muito bem por meio de Periquita.

Um dos maiores prazeres da família era ir à praia nos dias de domingo, embora para Tidinha, Jozélia e Socorrinho esse prazer fosse mais raro, já que Glicério preferia levar apenas os filhos homens para a praia. Quando as levava, Tidinha não tinha direito de tomar banho de mar, apenas lavar os pés com as águas, enquanto Jozélia era obrigada a usar um maiô muito composto, que mais parecia um macacão curtinho. Isso porque o pai ficava muito incomodado com os olhares masculinos que a filha provocava, uma vez que cada dia que passava a menina se tornava mais bonita. O corpo já formado de mulher chamava atenção pelas formas perfeitas, pernas bem torneadas e cintura fina, tal qual era a de Tidinha, quando Glicério a conheceu.

Certa vez, Joza tomava banho de mar, na companhia de Dorinha e de Socorrinho, que ela carregava no colo. Era observada por Tidinha, ao longe, enquanto o marido e filhos brincavam de bola na areia. Num certo instante, uma onda mais forte derrubou as garotas, fazendo-as rolar nas ondas e levar um grande “caldo”. Naquele momento, Tidinha entrou correndo na água para pegar Socorrinho, que saiu das ondas dando muitas gargalhadas.

Ao perceber que suas roupas estavam totalmente molhadas, Tidinha decidiu se lançar completamente na água, molhando os cabelos para usufruir, sem limitações, daquele momento único com as filhas que riam muito ao ver a mãe, saboreando as águas salgadas, pulando e gritando de alegria, juntando-se a elas nas gargalhadas.

Para Tidinha, aquele foi o dia mais feliz da sua vida! Não queria sair mais da água, principalmente quando os demais filhos se juntaram a ela, todos rindo e jogando água nos seus olhos e cabeça, fazendo-a rir ainda mais.

Vendo aquela cena de total descontração da mulher, constatando que aquela felicidade era por ela estar finalmente tomando banho de mar, Glicério decidiu que iria comprar um maiô muito composto para ela usar, nas próximas vezes que viessem à praia com os filhos. Posteriormente, Glicério mandou a mulher sair da água e ir se secar ao sol, para que mais tarde pudessem voltar para casa.

Apesar de tudo que aconteceu naquele dia inesquecível para Tidinha, as idas à praia para ela e as filhas continuaram sendo raras, pois Glicério preferia levá-las apenas para praias mais desertas e distantes. No entanto, quase todos os domingos, ele levava os filhos para a Praia da Amaralina, deixando a mulher e as filhas

em casa, muito contrariadas, por não poderem acompanhá-lo naquele passeio predileto.

Seguia, assim, o time masculino da família para a praia, de ônibus. Levavam uma câmara de pneu de caminhão, já inflada, que eles colocavam na frente do veículo, pegando-a quando desciam. Ela era utilizada como boia e era muito disputada pelos irmãos quando eles estavam dentro d'água.

Ao sabor das pequenas ondas, eles permaneciam dependurados nas bordas da grande boia, enquanto um deles se deitava sobre ela, usufruindo o prazer de flutuar deitado deliciosamente sobre aquelas ondas. Revezavam-se, então, naquela posição, controlando rigorosamente o tempo que cada um poderia usufruir daquele prazer.

Enquanto isso, Glicério não perdia de vista os filhos, que, de longe, posicionados ao redor da boia, pareciam formar um círculo de cabeças flutuantes. Para evitar que as brincadeiras com a boia improvisada se tornassem perigosas, Glicério sempre escolhia um local da praia mais tranquilo, sem muitas ondas e bem raso para todos.

Nos finais de semana, a família também podia usufruir de alguns prazeres gastronômicos promovidos por Tidinha, principalmente quando a geladeira passou a fazer parte do ambiente doméstico e foi recebida com muita algazarra pelos seus filhos. Para todos, ela iria viabilizar o sonho de poder fazer abafa-banca em casa, assim denominados os picolés caseiros, feitos em geral com Q-Suco, despejados em cubas de gelo.

Tidinha jamais iria esquecer a cara de felicidade de cada um dos seus filhos quando viram o caminhão trazendo a geladeira da família. Quando já instalada na cozinha da casa, abriam e fechavam sua porta, divertindo-se com o ar frio que saía lá de dentro e não viam a hora de provar um abafa-banca feito na própria casa.

Outro momento inesquecível foi a chegada da televisão. A meninada parecia que ia explodir de felicidade, chamando os amigos do bairro para apresentá-los à tão esperada televisão. Daquele dia em diante, a casa da família passou a ser um novo ponto de encontro para assistir aos programas prediletos de TV. Nessas ocasiões, Tidinha fazia um panelão de pipocas e jarras de Q-Suco para todos.

Tidinha também preparava doces de leite, ambrosias deliciosas, feitas com os restos do leite que a família vendia, quando eles cortavam, transformando-se

em coalhada.

Tinha também o creme de três cores, branco, amarelo e marrom, feito com maisena, que Tidinha cobria com calda de ameixa. A parte mais disputada por todos era a de cor marrom, pois levava chocolate. No entanto, Tidinha não privilegiava ninguém com esta parte, pois dividia equitativamente o creme com todos, tanto em relação à quantidade como em relação às cores, evitando assim brigas e disputas dos filhos.

Certa vez, Glicério chegou da praia com os filhos, contando para a mulher a grande novidade: tinham comido um peixe frito bem grande, com farofa e salada de tomate e cebola, do qual todos tinham gostado muito. Assim, avisou-lhe que, no próximo final de semana, iria comprar um peixe na feira para ela tratar e fritar para a família.

Quando o marido chegou em casa com o peixe prometido, ela ficou atropalhada, sem saber como tratar aquele bicho que ela nem sequer conhecia direito. Ele era escorregadio e cheio de escamas, que ela não sabia como remover. Foi quando foi pedir ajuda à vizinha, que lhe trouxe uma espécie de escova de aço, que a ensinou a usar para remover as escamas do peixe. Ensinou-a também como remover as vísceras e lavar bem o peixe com limão, assim como temperá-lo, antes da fritura. Quando acabou com essas etapas preliminares, Tidinha se encontrava coberta de escamas, concentradas principalmente nos seus cabelos, solado da sandália e dentro da sua roupa. Elas também estavam espalhadas no piso da cozinha, exalando um cheiro forte na casa toda, o que a obrigou a lavar tudo e até mesmo usar creolina para expulsar aquele cheiro, considerado insuportável por ela.

Enquanto a família saboreava prazerosamente o peixe, elogiando o desempenho de Tidinha no seu preparo, ela tomava banho, tentando esquecer aquela experiência e fugir da presença daquele bicho, que ela passou a detestar, sem nunca ter tido sequer a coragem de prová-lo. Ainda assim, Glicério passou a trazer com frequência peixes para casa, pedindo à esposa para tratá-los e fritá-los, sem que jamais ela tivesse tido coragem de recusar o pedido do marido, embora reclamasse sem parar, enquanto o tratava. Não conseguia entender como aquele bicho vivia no lugar que ela tanto gostava, onde achava que só podia ter coisas boas e bonitas. Mas muitas outras incoerências similares a estas, Tidinha ainda teria que tentar entender na cidade grande...

Capítulo 26

VISITAS E REENCONTROS DE TIDINHA

Nas horas vagas, Tidinha gostava muito de fazer visitas aos amigos e parentes que moravam em Salvador, tais como a prima Neném, uma sobrinha do seu pai que tinha muitas filhas e morava na Avenida Tiradentes, no Bairro do Uruguai. Ela gostava muito dessa prima, que era uma pessoa muito alegre e conversadeira.

Recebia também visitas dos filhos de Detinho, assim como de Jeremias, um primo e amigo de Glicério, que era casado com Pureza, uma mulher despachada e muito alegre que se tornou uma grande amiga de Tidinha. Ela costurava muito bem e costumava fazer lindas roupas para Joza, Dorinha e Socorrinho. Prestativa e atenciosa, ajudava muito a amiga em tudo que ela precisava.

Renato Campos, primo universitário, bem informado, cheio de planos e ambições políticas, também costumava visitar Tidinha e Glicério, assim como Aloísio Batista, amigo e compadre do casal, que aparecia sempre aos sábados à noite para conversar e dar boas risadas, enquanto assistia com a família a novela Beto Rockfeller.

Certa vez, Tidinha recebeu a visita da Comadre Dalzinha, que veio de Euclides da Cunha para rever o afilhado Francisco. Ela continuava solteira, já que, depois do namoro com Raimundo, nunca mais tinha namorado sério com outro homem. Chegou contando as novidades do Velho Cumbe, que, segundo ela continuava do mesmo jeito. Contou, indignada, que na rua ainda passavam muitas boiadas, assustando as pessoas. Era tanto que ela vivia apavorada ao ouvir qualquer som de chocalhos, pois, um dia, um boi lhe deu uma carreira e quase lhe causou um acidente.

Um dia, as duas comadres saíram para passear na movimentada Avenida Sete, onde Dalzinha comprou muitas roupas e se divertiu muito. Em certo mo-

mento do passeio, passou um vendedor de sorvetes que anunciava o produto sacudindo um pequeno sino que tinha um som semelhante ao do chocalho que os bois usam no pescoço. Assim, quando Dalzinha ouviu aquele som que ela tanto temia, saiu desesperada, puxando Tidinha e gritando:

- Vixe Comadre! Corre que é vem boi!

Ao se dar conta de que na capital, em plena Avenida Sete, não passavam boiadas, Dalzinha caiu no riso acompanhada por Tidinha, que posteriormente contou aquele fato com muita graça e exagero, provocando gargalhadas das pessoas que a ouviam.

Certa vez, foi a vez de Tidinha receber a visita de Raimundo, que naquele período vivia no Maranhão e já estava casado com Gracinha, uma moça maranhense, professora, a quem ele denominava “a mulher da vida dele”. Ele vinha atuando como um funcionário de destaque em uma empresa americana de pesquisa de petróleo, que prestava serviços à Petrobras.

Como de costume, Raimundo chegou fazendo muito barulho e brincadeiras, cheio de presentes para todos. Um dia, tomando suas cervejas, que sempre gostou muito, chorou, abraçou Glicério e pediu perdão pelos desentendimentos que tiveram no passado. O cunhado, como sempre calado e reservado, recebeu o seu abraço, dizendo:

- Deixa de bestagem, que eu nem me lembro mais das suas pirraças! E acho bom que você esqueça isso também!

Durante sua estada em Salvador, Raimundo animou a casa, proporcionando momentos maravilhosos para todos. Levou os garotos para passear na Praia da Pituba, onde o time masculino de Tidinha posou para muitas fotos, como um verdadeiro grupo de galãs. Cercando Periquita de carinhos e afagos, ele a levou, juntamente com Tidinha, para a Igreja do Senhor do Bonfim, onde rezaram, agradeceram e pediram proteção para toda a família.

Tidinha também gostava de visitar pessoas que ela nem sequer conhecia, como os pacientes pobres e loucos que viviam no Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, que ficava localizado bem próximo da sua casa. A motivação para essas visitas foi o fato de ela passar diversas vezes em frente ao hospital e ter observado, através das suas grades, os pacientes que passeavam com olhares vazios. Alguns pareciam muito carentes e ficavam muito felizes quando ela acenava para eles.

Glicério comentava que podia ser perigoso para Tidinha fazer aquelas visitas. Mas ela argumentava que o que fazia era uma caridade, pois o motivo de muitas pessoas se encontrarem naquele lugar poderia até mesmo ser a solidão e o desprezo dos amigos e parentes. Ela também gostava de conversar com as enfermeiras, tentando entender a origem da doença dos pacientes daquele hospital. Aproximava-se dos mais dóceis, compadecendo-se principalmente daqueles que expressavam muita tristeza e desânimo. Tentava alegrá-los com pequenos presentes e palavras carinhosas.

Nos dias de domingo, Tidinha pedia para Joza a acompanhar naquelas visitas, o que ela fazia muito contrariada. Enquanto a mãe conversava com alguns pacientes, a filha ficava observando, meio assustada, os mais agitados. Mas, algumas vezes a menina chegava, até mesmo, a se divertir com alguns deles, que tinham um comportamento muito engraçado.

Logo que veio morar em Salvador, Tidinha teve a grande alegria de rever e conhecer a família de Lourinho, seu irmão por parte de pai. Ele já estava aposentado como controlador de voo do Departamento de Aviação Civil da Aeronáutica (DAC) e vinha prestando serviço, na mesma função, à extinta Transbrasil. Da mesma forma que ela, ele também havia constituído uma família numerosa, composta de sua esposa Janice e seus oito filhos. Tidinha adorava receber o irmão em sua casa ou visitá-lo na casa dele, que naquela época era localizada no bairro da Liberdade. Na oportunidade, sempre levava um dos seus filhos para brincar com os primos visando estimular uma maior aproximação entre eles. Gostaria muito de ter convivido mais com seu irmão durante a infância, assim como com Adelina, que vivia, exercendo suas funções como freira, num convento, em São Paulo.

Eventualmente, Ceci, também irmã de Tidinha por parte de pai, vinha de Euclides da Cunha passar uns dias com ela, fazendo-lhe companhia nas visitas ao irmão Lourinho. Na oportunidade, os três irmãos conversavam muito, lembrando a infância que não tiveram a oportunidade de viver juntos. Eram momentos muito bons, que fortaleciam a união entre eles. Mas o melhor dos momentos envolvendo essa união ainda estava mesmo por vir.

Certa vez, em uma das visitas de Lourinho a Tidinha, ele chegou muito empolgado, convidando-a para fazer um passeio com ele. O motivo só ele mesmo sabia: iria buscar a irmã Adelina que chegaria de São Paulo para visitar os irmãos,

de quem tinha se separado quando era criança, sem nunca mais terem tido oportunidade de se reencontrar. Quanto a Lourinho, ele a havia reencontrado quando morava no Rio de Janeiro, onde trabalhou e residiu por alguns anos. Lourinho queria fazer uma grande surpresa a Tíndinha sobre aquele reencontro.

Naquela época, as normas das congregações religiosas eram muito rígidas e, para uma jovem freira obter autorização para viajar, era muito difícil. Ela só podia ser autorizada a viajar na companhia de parentes. Assim, foi que um irmão da sua prima Augusta Medeiros, também freira, juntamente com a esposa dele, se ofereceu para viajar com Adelina, já que queriam passar mesmo uns dias em Salvador. No entanto, ela teria que ficar hospedada em uma casa religiosa, outra exigência estabelecida pela Congregação.

Foi assim que Lourinho e Tíndinha saíram juntos, muito bem arrumados, levando também a pequena Dorinha, que não perdia nenhuma oportunidade de sair de casa e insistiu em acompanhar a mãe no tal passeio proposto pelo tio. Seguiram para a rodoviária, já que Adelina viria de ônibus, realizando uma longa viagem de mais de 24 horas, de São Paulo até Salvador.

O encontro dos irmãos foi marcado com muita emoção e, no primeiro momento, foi necessário que Tíndinha se identificasse, pois Adelina já não conseguia mais reconhecê-la. Afinal, eram cerca de 36 anos de separação e o tempo já havia mudado muito a fisionomia infantil de Tíndinha. Em um determinado momento do reencontro, Lourinho comentou o quanto ele sofreu por ter se separado dos irmãos e como foi difícil seguir sua vida sozinho. Naquele instante citou, com a voz embargada, o nome do pai Ismael, quando os três irmãos se uniram num abraço emocionado e inesquecível.

A passagem de Adelina por Salvador foi breve, mas movimentou muito a rotina de Tíndinha. A irmã ficava se revezando entre sua casa e a de Lourinho, onde passava o dia, retornando no final da tarde para o convento, onde ficou hospedada. Adelina estava muito feliz em conhecer os sobrinhos para quem trouxe santinhos, terços e medalhinhas da sua Congregação. As crianças olhavam muito curiosos para suas vestimentas, imaginando como deveria fazer calor debaixo de tantas roupas. O pequeno Chico era o mais curioso, cercando-a com o olhar o tempo todo, a observar com detalhes as suas vestes. Quando percebeu que, debaixo do véu preto que ela usava na cabeça, ela também usava uma touca de linho

branca, que escondia totalmente seus cabelos, o menino indagou:

- A senhora é careca?

Para todas as perguntas dos sobrinhos, Adelina sempre tinha uma resposta delicada e bem explicativa, demonstrando sua habilidade com crianças, uma vez que ela atuava como professora de classe infantil. Era muito culta e escrevia muito bem. Sua caligrafia era comentada por todos, pela perfeição e beleza.

Quando ela conheceu Dorinha na rodoviária, informou para a menina que ela tinha o mesmo nome da Virgem da sua Congregação, que era denominada “Filhas de Nossa Senhora Auxiliadora”. Como Lourinho tinha também uma filha com o mesmo nome, ela comentou que ficava muito feliz de ter duas sobrinhas com o nome da Virgem, da qual ela era muito devota. E abraçando Dorinha falou:

- Esse nome vai lhe trazer muita sorte e eu também estarei sempre rezando por você.

Naquele momento, lhe ofereceu uma medalhinha de Nossa Senhora Auxiliadora recomendando que a sobrinha mantivesse sempre com ela.

Dorinha gostou muito de receber o presente e de ouvir tudo aquilo que a tia lhe disse. Desse dia em diante, sempre estava ao lado dela, procurando agradá-la em tudo.

Adelina foi posteriormente para Euclides da Cunha, na companhia de Glicério, para se encontrar com a irmã Ceci. Chegaram à cidade à meia-noite, quando a cidade dormia. A viagem foi cansativa, enfrentando uma estrada de terra, cheia de buracos.

Adelina iria ficar hospedada na casa de Iáíá do Correio, com quem Ceci morava. Logo que viu a irmã, reconheceu imediatamente os seus olhos grandes e rosto muito redondo, que sempre motivou alguns apelidos dados pelos irmãos.

Foi quando Adelina abraçou a irmã e, em lágrimas, falou:

- Que saudade, minha irmã. Minha querida “Cara de lua cheia”!

Controlando o choro, que se misturava com o riso, puseram-se a conversar até que o sono alertou que era hora delas se recolherem.

Depois de permanecer por dois dias na cidade, Adelina foi com Ceci visitar a Carnaíba. Chorou muito ao entrar na capela onde estava enterrada a irmã Glorinha. Sentia-se como retornando a um passado que não lhe deram a chance de viver. As lembranças do lugar eram muitas vagas, embora fossem fortes e muito

significativas para ela.

A partir daquela visita, Adelina passou a visitar os irmãos anualmente, já que as regras da sua Congregação começaram a se tornar mais flexíveis. Quando ela vinha, preferia ficar hospedada na casa de Lourinho, com o qual tinha muita afinidade e amizade. Como ele trabalhava em uma companhia de viagens aéreas, tinha facilidade de conseguir passagens com desconto e, assim, as suas próximas viagens passaram a ser de avião.

Entre visitas e reencontros com tantos amigos e parentes que Tidinha tinha deixado nos lugares onde morou, em especial em Euclides da Cunha, ela ia dando cada vez mais significado a sua vida e de sua família, sempre recebendo suas visitas com a receptividade e o acolhimento que só ela sabia oferecer.

Capítulo 27

A MUDANÇA DE ENDEREÇO DA FAMÍLIA

A rotina da família prosseguia no pequeno prédio do Engenho Velho de Brotas, com todos muito bem adaptados ao bairro e até já gostando muito da nova vida. Aos poucos, as reclamações referentes ao mau cheiro proveniente do lixão vizinho, à obrigação de acordar cedo para fazer a entrega do leite de porta em porta e às noites mal dormidas em colchões muito finos foram cessando, e Tíndia se sentia mais segura, cada vez mais convicta de que mudar para a cidade grande tinha sido uma boa decisão para o futuro dos seus filhos. Mesmo porque eles estavam se saindo bem, cada um na sua respectiva escola.

Embora com todos já bem adaptados, após algum tempo morando naquele bairro, Glicério decidiu mudar de residência. Há muito que ele desejava se livrar do pagamento do aluguel e adquirir sua casa própria. Adicionalmente, ele andava preocupado com a onda de drogas que estava invadindo o bairro, com presença de traficantes nas redondezas. Tornou-se comum ver a Rádio Patrulha (RP) da Polícia rondando as ruas, fazendo batidas na tentativa de lavar flagrantes, o que nunca acontecia. Isso porque existia uma espécie de pacto entre a comunidade e os traficantes no sentido de avisá-los, por meio de algum tipo de sinal, sobre a chegada da RP no bairro. Em troca disso, os traficantes deixavam os moradores em paz. Assim, criou-se o costume de o primeiro menino que avistasse o carro da RP sair correndo, criando uma rede de telefone sem fio, repetindo para os demais, que se deslocavam em todas as direções gritando:

- RP! RP! RP!

Sentindo que o ambiente estava ficando meio pesado e perigoso para criar os filhos, e até sabendo que alguns deles estavam ajudando a manter aquela “rede de telefone sem fio” no bairro, embora eles não tivessem ideia daquilo que esta-

vam fazendo, já que achavam que era uma brincadeira divertida dos seus amigos, Glicério começou a se preocupar e teve a certeza de que era hora de mudar de residência. Decidiu, então, aproveitar o financiamento do Montepio, destinado aos funcionários públicos que desejavam adquirir imóvel próprio. Como não dispunha de dinheiro para dar o sinal necessário para obter esse financiamento, pediu o dinheiro emprestado ao amigo Jones, de Piatã.

Foi com muita determinação que Glicério poupou o seu salário, até conseguir liquidar sua dívida com o amigo. Naquele dia, comemorou o fato com uma cerveja, que resultou numa forte dor de cabeça, já que ele não se dava muito bem com bebidas alcoólicas e, por isso, era raríssimo beber algo desta natureza. Mas, desde aquela época, ele já costumava ter fortes dores de cabeça, também por outros motivos, em especial, quando se aborrecia com algum problema. Em geral, elas passavam com o uso de um comprimido que Tidinha nunca deixava faltar na casa.

A nova residência da família estava localizada na Rua das Pitangueiras, também inserida no bairro de Brotas. O preço era acessível e a sede da Coletoria era muito próxima do prédio, o que permitia a Glicério economizar com o transporte.

O apartamento fazia parte de um prédio antigo, denominado Edifício Flora. Tratava-se de um imóvel mal cuidado, mas que, ainda assim, era bem melhor que o apartamento anterior, tanto em localização, como em conforto. Como o apartamento só tinha dois quartos e um bem pequeno, de empregada, foi neste mesmo que Tidinha e Glicério se instalaram, o qual ficava no fundo do imóvel, ao lado da área de serviço. Periquita e as meninas ocuparam um dos quartos e os meninos o outro. As camas de campanha dobráveis continuavam sendo constantemente utilizadas pelos hóspedes, que nunca pararam de chegar.

Depois da saída de Jairo, a família recebeu Maria, sobrinha de Glicério, que veio para Salvador fazer o curso normal, uma espécie de curso médio em pedagogia, no Instituto Central de Educação Isaías Alves (ICEIA), onde, Jozélia também veio a estudar. Maria costurava muito bem e começou a prestar esse serviço para a vizinhança, visando manter suas despesas na cidade grande. Foi com ela que Dorinha, muito interessada em ter roupas bonitas e andar sempre na moda, aprendeu também a costurar, aproveitando roupas usadas e retalhos que sobravam das costuras de Maria.

Quando a família se mudou para Pitangueiras, Tobias e Ismael já tinham

realizado o exame de admissão e ingressaram no Colégio Central. Quanto a Francisco e Dorinha, passaram a estudar na Escola Maria Quitéria, bem perto da nova moradia. Já a pequena Socorro foi matriculada numa pequena escola da rede particular e os três filhos mais velhos, Zé, João e Jozélia, prosseguiram bem nos seus estudos, alimentando o sonho dos pais, de vê-los, num futuro próximo, ingressarem na universidade.

A família gostou da nova residência e logo fez amizade com os vizinhos, filhos de Dona Terezinha, que vivia em uma pequena casa localizada ao lado do prédio. Até a velha cadela dessa família, a Veluda, passou a ser o chamego de todos.

No prédio, também havia outras crianças e adolescentes, como os filhos de Dona Nivalda e Seu Alírio – Sérgio, Letícia e Angélica – além de outras que acabaram formando, juntamente com os filhos de Tíndinha, um grupo animado e unido de amigos.

Embora o prédio não possuísse playground e nenhuma outra área reservada para as brincadeiras com os novos amigos, nos fundos existia uma grande área de mata verde. Pertencia ao Exército e era uma extensão da Vila Militar de Pitangueiras. Por meio do quintal da casa de Dona Terezinha, existia um acesso a essa mata, onde a garotada podia brincar livremente, sob a vigilância de alguns militares que protegem a área. Assim, além do lugar ser maravilhoso, com muita natureza, era também muito seguro, uma vez que os militares permitiam que as crianças brincassem livremente no local. E era lá que brincavam de esconde-esconde, construam bat-cavernas, entre tantas outras brincadeiras.

As meninas adoravam levar as bonecas para o passeio na mata, simulando uma grande viagem à selva. A cadela Veluda acompanhava o grupo, muito feliz com a sensação de liberdade que o lugar transmitia a todos.

Quando Antonieta, apelidada de Tom, veio morar no Edifício Flora, ela se integrou ao grupo nas brincadeiras e sua companhia passou a ser muito disputada, já que ela tinha uma coleção de bonecas invejável, inclusive a Beijoca, que tinha quase o tamanho de Socorrinho. Também tinha uma boneca Suzy, a antecessora da Barbie, que era um sucesso de vendas naquela época. Como Tom tinha muita habilidade em criar e fazer roupas de boneca, os desfiles de moda de bonecas passaram a ser a brincadeira predileta das meninas.

Havia também a comemoração dos aniversários, com festas surpresa, peças

de teatro, apresentação de danças com lindas coreografias e muitas guloseimas. Todos eram homenageados com essas festas nos seus respectivos aniversários, inclusive os meninos.

Essas brincadeiras, no entanto, não eram compartilhadas com Zé, João e Joza, que já estavam em outra fase e começavam a paquerar. João começou até mesmo um namoro com Leda, a filha mais velha de Dona Terezinha, e Joza, embora muito jovem, já despertava grandes paixões. Zé e João costumavam vigiar a irmã, contando aos pais todas as vezes que a flagravam conversando com rapazes no caminho do colégio. Perceberam a frequência com que ela era abordada por um rapaz baixinho e forte que morava na Boa Vista e tinha fama de muito briguento. Os irmãos relatavam todos os passos da irmã para os pais, e tanto fizeram, que o rapaz decidiu ir na casa da família, para pedir diretamente a Glicério para namorar com a menina. No entanto, pelo fato de ele não estar estudando e nem sequer trabalhando, foi aconselhado por Glicério a só voltar a falar naquele assunto quando estivesse, pelo menos, empregado. E assim ele fez! Após alguns meses, o rapaz humildemente voltou dizendo que tinha arranjado um emprego e que estava estudando Economia. Dessa forma, Glicério não pôde mais negar o pedido do rapaz, ainda mais que havia percebido que Jozélia parecia desejar muito que ele aprovasse aquele namoro.

O namoro de Jozélia trouxe alguns benefícios para seus irmãos, pois o fato de serem cunhados do valente Toinho Testagrossa era uma espécie de proteção para os rapazes. Já os irmãos menores se sentiam prejudicados com o namoro, pois passaram a ser obrigados a vigiar o casal, quando estavam juntos, privando-se assim de algumas brincadeiras com os amigos.

Enquanto Jozélia, João e Zé se interessavam em namoro e paqueras, os demais filhos de Tidinha usavam e abusavam da criatividade para inventar novas brincadeiras, mobilizando toda a vizinhança, tais como a Eleição da Miss Edifício Flora, que era realizada todos os anos, com o desfile das garotas em três tipos de trajes, igualzinho ao concurso verdadeiro de Miss, que era realizado naquela época e despertava grande interesse da sociedade. As meninas desfilavam descendo e subindo as escadas do prédio, enquanto os moradores as observavam de suas respectivas janelas, registrando cada um o seu voto numa cartela que era distribuída pelos meninos. O resultado era esperado com muita expectativa e comemorado

com uma grande festa, regada a Q-suco e bolos, doados pelos pais das candidatas.

No novo bairro, Tíndinha também consolidava novas amizades, com a simpatia e o carisma que lhe eram peculiares. Tornou-se muito próxima de um casal de idosos, Seu Canuto e Dona Julita, cuja irmã, Dona Laura, também vivia com eles em um apartamento do velho Edifício Flora. Os idosos gostavam muito de conversar com Tíndinha, que era muito atenciosa e cuidadosa para com eles.

Quando Tíndinha passava, descendo as escadas de acesso ao subsolo, Dona Julita parecia sempre estar esperando ouvir seus passos, pois corria para abrir a porta para a convidar para comer um bolo, que nunca faltava na casa. Algumas vezes, o bolo era saboreado com muito gosto por Tíndinha, mas depois de uma semana comendo o mesmo bolo, que parecia até criar mofo, ela educadamente o rejeitava, alegando que já havia merendado. Em geral, os papos com os idosos eram muito longos, já que, carentes de uma boa conversa, eles aproveitavam a companhia de Tíndinha para lhe contar tudo que achavam importante. Muitas vezes, Tíndinha estava apressada, querendo dar andamento aos seus afazeres domésticos, mas era difícil encurtar o bate-papo, pois eles a seguravam pelo braço, impedindo-a de ir embora, alongando cada vez mais as conversas.

Certa vez, Tíndinha foi comprar apressadamente temperos para preparar o almoço e, sabendo que os idosos ficavam atentos ao barulho dos seus passos para a convidar para entrar, decidiu tirar os sapatos e andar na ponta dos pés para evitar qualquer ruído que pudesse denunciar sua passagem. Foi quando tropeçou e caiu das escadas. Eis que o socorro veio de quem ela justamente queria evitar a presença, já que, rapidamente, os idosos chegaram e foram providenciar gelo para o seu pé, que tinha tido sofrido uma leve torção.

Naquele dia, ao rezar o costumeiro terço da tarde, Tíndinha pediu perdão a Deus pelo que fez, pois tinha certeza que a queda tinha sido um castigo pelo fato de ter evitado o encontro dos idosos, que gostavam tanto da sua companhia. Daquele dia em diante, prometeu que não iria nunca mais negar ou evitar a atenção das pessoas que lhe procuravam.

Na verdade, Tíndinha não precisava fazer aquela promessa, já que era muito raro ela negar atenção às pessoas. E, na nova residência, todos logo perceberam a imensa solidariedade que ela sempre tinha a oferecer, o que fazia com que ela e sua família fossem muito queridas por toda a vizinhança.

Capítulo 28

A COLETORIA DE BROTAS

A sede da Coletoria, onde Glicério trabalhava, era tão próxima do apartamento da família que quase funcionava como sua extensão. Da janela da sala, era possível ver o quintal da Coletoria, que era amplo e possuía alguns quartos isolados.

As crianças gostavam de visitar o pai no trabalho, quando ele sempre os orientava a cumprimentar os colegas, em especial Dona Maria, uma senhora baixinha e simpática, que também morava no bairro, num bonito e antigo casarão. Algumas vezes, depois que os filhos deixavam a Coletoria, Glicério aproveitava a ocasião para comentar sobre o bom desempenho dos filhos na escola e ficava muito orgulhoso quando os colegas elogiavam a educação que ele dava às crianças.

Certa vez, Dorinha foi visitar o pai e, enquanto o esperava na pequena sala que era utilizada para as reuniões dos funcionários, escreveu, caprichando na letra e na escrita, em um pequeno quadro de giz, um texto alertando que aquele local era destinado ao trabalho e que as pessoas deveriam fazer silêncio para não perturbar o ambiente. Ao entrar na sala e verificar que aquele texto estava muito bem redigido para uma garota de tão pouca idade, Glicério, muito entusiasmado, chamou seus colegas, exibindo para todos o trabalho da menina. Feliz ao vê-los parabenizando a filha, muito entusiasmado, ele exclamou:

- Esta minha filha escreve mesmo muito bem! Ela tem tudo para se tornar uma grande escritora!

Provavelmente por isso, a filha passou a tomar gosto pela escrita e não mais parou de escrever, mesmo não tendo escolhido a profissão de escritora ou outra profissão afim para a sua vida.

É certo que Glicério sempre exercia uma influência muito grande sobre as aptidões e o bom desempenho dos filhos. Era como se todos estivessem firme-

mente comprometidos em não decepcioná-lo. Sentiam-se realizados quando o pai os elogiava diretamente, embora ele preferisse fazer isso na ausência deles. Quem sabe se para não despertar a vaidade dos pequenos... Assim, um fato semelhante ao vivenciado por Dorinha era muito raro e teve um significado muito especial para ela.

A proximidade da Coletoria permitia que Tidinha pudesse recorrer eventualmente ao marido para ajudá-la no sua rotina doméstica. Assim, pedia a um dos filhos que fosse até lá para buscar dinheiro para comprar algum item essencial, que havia faltado na casa ou para pagar pequenos serviços e, até mesmo, para resolver algum conflito mais difícil com os filhos.

Certa vez, Tidinha hospedava um dos seus afilhados, Hildebrando, que era sobrinho de Glicério e estava passando um período em Salvador para fazer um tratamento médico. O menino tinha problemas na estrutura óssea, era muito magrinho e frágil, o que o impedia de andar normalmente, requerendo ajuda constante das pessoas. Na companhia dos primos, no entanto, ele parecia esquecer do seu problema físico, participando ativamente das brincadeiras. Uma vez ou outra, era também alvo de arruaças, o que deixava Tidinha muito zangada, exigindo dos filhos um tratamento diferenciado para com o garoto. Mas, para eles, Bandinho, como costumavam chamá-lo, era igual a todos os demais amigos e primos. Foi pensando assim que, um dia, Ismael, brincando com ele, deu-lhe uma rasteira de leve, que o fez cair no chão.

Embora o menino tenha sofrido apenas um leve tombo, por causa da fragilidade de sua estrutura óssea e pele, isso foi suficiente para causar uma grave fratura exposta na sua perna, o que deixou todos desesperados. Ao ver o menino com o fêmur exposto e sangrando muito, Tidinha pediu a um dos filhos para ir buscar Glicério na Coletoria, o qual, logo que chegou, tratou de providenciar um atendimento de emergência para a criança.

Após alguns dias no hospital, o menino voltou com a perna engessada para a casa dos primos, passando receber cuidados especiais de Tidinha e de sua família por mais de três meses.

Ismael passou a cercar Bandinho de muitos cuidados, pois se sentia culpado por ter promovido aquele acidente, embora todos tenham reconhecido que ele quis apenas brincar com o primo. Até mesmo Tidinha, que costumava castigar

os filhos sem procurar apurar previamente os fatos ou ouvir a defesa de cada um, entendeu que tudo não passou de um acidente infeliz.

Outro evento que causou transtornos para a família, exigindo uma intervenção de Glicério, foi uma brincadeira de Tobias envolvendo a prima Jardelina, que também estava passando uma temporada com os primos em Salvador. A brincadeira consistiu em trancá-la no quarto, dizendo-a que ela passaria a ser uma prisioneira da casa. Não gostando muito daquela situação, ela empurrou fortemente a porta, o que fez com que a chave ficasse meio travada, dificultando posteriormente o seu movimento. Ao ver a prima nervosa, pedindo-lhe que abrisse a porta, Tobias forçou a chave, que quebrou dentro da fechadura, o que inviabilizou totalmente a abertura da porta. Enquanto, do outro lado, Jardelina chorava e ameaçava o primo de contar tudo para Glicério, para que ele recebesse o castigo que merecia, Tobias suava frio, andando para lá e para cá, sem saber o que fazer.

Ao tomar conhecimento daquela situação, Tidinha, muito zangada, tentou sem sucesso abrir a porta do quarto e, percebendo que não tinha mais nada a fazer, pediu ao filho para ir buscar Glicério na Coletoria.

Ao chegar em casa, Glicério ficou muito irritado com o que aconteceu, a ponto de tomar uma atitude que jamais tinha tomado com nenhum dos seus filhos: arrancou o cinto que usava e começou surrar Tobias com muita fúria, o que deixou Tidinha muito admirada e assustada, uma vez que ela nunca tinha presenciado aquela cena.

Após tudo se resolver, o que exigiu o serviço de um chaveiro profissional, Tidinha começou a observar que o marido continuava muito irritado e nervoso. Como ele era muito fechado e não gostava de expressar o que sentia, ela tentou descobrir a razão do estado emocional do marido, sabendo, posteriormente, que ele estava tendo dificuldades de gerenciar o orçamento familiar e estava devendo a prestação do apartamento. Como era um homem muito pontual nos seus compromissos financeiros, aquilo vinha lhe tirando o sono, deixando-o muito nervoso.

Percebendo tudo, Tidinha tentava acalmar o marido, pedindo a Socorrinho que ficasse mais tempo com o pai, já que, ao lado dela, ele parecia esquecer de tudo. Perdia até mesmo seu constante ar de seriedade quando estava com a pequena. Ela se divertia com o pai quando, sentada no seu colo, penteava-lhe os cabelos, puxando-os para a testa, arrumando duas mechas no formato de duas interroga-

ções, imitando o estilo adotado pelo personagem humorístico Jojoca, encenado pelo ator José Santa Cruz, no programa de TV “A Praça é Nossa”, que a família gostava muito de assistir. Nessas ocasiões, ela chamava o pai de “Papai Jojoca”, provocando-lhe muitas risadas.

Embora Socorrinho o acalmasse, Glicério prosseguia preocupado. Nesses momentos, mergulhava no trabalho da Coletoria, de forma a afugentar suas preocupações, permanecendo lá por longas horas, mesmo nos finais de semana, voltando apenas para almoçar e dormir em casa. Assim, a Coletoria servia também como um abrigo, quando desejava esquecer tudo e fugir dos pensamentos ruins. Abençoada Coletoria!

Capítulo 29

AS FÉRIAS EM EUCLIDES DA CUNHA

No período das férias escolares, Tidinha e Glicério permitiam que os filhos fossem passar alguns dias em Euclides da Cunha, na companhia dos primos, usufruindo o ambiente da roça, do qual eles tanto gostavam. Quando as férias de Glicério podiam ser planejadas de acordo com as dos filhos, ele e Tidinha também viajavam. Ficavam hospedados na casa dos parentes e permaneciam entre a roça e a cidade.

No Limoeiro, as crianças gostavam de ficar com a avó Donana e se divertiam ao vê-la penteando os longos cabelos, enrolando-os num coque. Nas noites estreladas, quando a lua cheia surgia no céu, iluminando tudo, iam todos para o terreiro brincar, enquanto Tidinha, Glicério e os irmãos dele os observavam, sentados nas cadeiras.

Dentro das casas, as luzes dos candeeiros resistiam ao vento frio que soprava lá de fora, tentando apagá-las. Às vezes, as crianças entravam para brincar de fazer sombras nas paredes, projetando as mãos e o corpo, aproveitando o clarão dos candeeiros.

Durante o dia, ajudavam as primas a pegar água nos açudes em potes de barro e tentavam aprender com elas a equilibrá-los na cabeça, usando uma rodilha de pano.

Dorinha, além de gostar muito do Limoeiro, onde se juntava aos filhos de Judith e Silvino, ficava também hospedada com Iaiá e Tia Ceci, na companhia da prima Regina, filha de Luti e Raimundo Tomaz. Elas eram muito amigas, embora o poder aquisitivo da prima e o tipo de vida que ela levava fossem bem diferentes do dela, uma vez que, muitas vezes, ela não tinha nem roupas adequadas para vestir. Mas, em geral, a menina tentava contornar esse fato, costurando algumas roupas no período que antecedia suas férias, para evitar que Tidinha criasse al-

gum empecilho dela ficar na casa da prima rica. Mas, no Limoeiro, Dorinha aproveitava para se vestir como bem queria, subindo e se balançando nas redes que pendurava nos pés de umbuzeiro, correndo atrás dos sapos, pegando lenha no mato, montando em jegues e fazendo tantas outras coisas divertidas, sempre na companhia da prima amiga Perpétua e demais primos.

Na Fazenda Maria Preta, onde morava a família de Dinha, a chegada dos filhos de Tidinha era sempre muito esperada por todos, que os recebiam com muito carinho. Eles eram os companheiros certos de inúmeras atividades, que só podiam ser feitas naquele ambiente mágico e especial que era a casa de Dinha.

Capítulo 30

UMA SURPRESA INESPERADA

Em meados de 1967, Glicério parecia mais calmo, pois já havia conseguido pagar as prestações atrasadas do apartamento e os filhos mais velhos já tinham ingressado no mercado de trabalho, o que aliviou bastante o orçamento familiar. Zé estava fazendo o curso técnico de Administração de Empresas no turno noturno e trabalhando no Banco Irmãos Guimarães como auxiliar de escritório, enquanto João trabalhava como office boy em uma concessionária de caminhões, que ele conseguiu graças às amizades que Glicério tinha feito em Cipó.

No início de 1968, o primo Renato Campos procurou Zé para recomendar que ele se inscrevesse no processo de seleção para escriturário do Banco Econômico, onde ele ingressou posteriormente e passou a ser chamado de Abreu. Dessa forma, o Zé da Tidinha conseguiu consolidar um novo nome, que passou a ser usado por todos, mesmo pelos irmãos, quem sabe por terem percebido que ser simplesmente Zé já não combinava muito com o rapaz, que, aos poucos, ia conquistando o seu próprio espaço.

Zé, por sua vez, passou a gostar muito de passar a ser chamado de Abreu. Como no banco onde trabalhava havia um diretor com o mesmo sobrenome, alguns colegas passaram a achar que ele era parente do tal diretor, o que passou até a se caracterizar como uma vantagem, já que o homem era muito respeitado. Começou então a achar que ser chamado de Abreu lhe dava sorte e também status.

Naquele período, João também conquistou novos espaços e passou a trabalhar como uma espécie de gerente da Enceradora Rocha Burgos, empresa de raspagem de tacos, aplicação de sinteco, limpeza e pintura.

Percebendo que os filhos iam ficando mais independentes financeiramente e, com o orçamento mais ajustado, Glicério já podia até sonhar em adquirir um

carro próprio, que ele muito desejava. Assim, decidiu se inscrever num consórcio de um fusca e começou a juntar dinheiro para dar, muito em breve, um lance financeiro, de forma a acelerar o recebimento do sonhado automóvel.

Nas últimas férias que tirou com os filhos, quando passou uns dias na casa de seus irmãos, Glicério voltou de Euclides da Cunha animado, cada dia mais convencido de que as oportunidades que os filhos estavam tendo na capital nunca seriam as mesmas se ainda tivessem morando no Velho Cumbe ou em outra cidade do interior qualquer.

Tidinha estava também muito animada, até que percebeu que seu ciclo menstrual estava atrasado, associando o fato à menopausa. Quando comentou isso com a comadre Pureza, esposa de Jeremias, ela achou estranho, pois Tidinha ainda iria completar 40 anos e, segundo ela, ainda era cedo para a amiga entrar nesta fase. Foi quando ela olhou desconfiada para Tidinha, dizendo:

- Vixe, comadre! Será que você está grávida???

Imediatamente, Tidinha reagiu:

- Ôxe, mulher! Você tá maluca? Tem nove anos que não tenho mais filho! Já tô muito véia para isso, que até já deixei de fazer a tabela, pois sei que não vou mais engravidar!

Um pouco surpresa com aquela resposta, Pureza opinou:

- Pois acho bom se preocupar com isso, pois você ainda está nova! Nunca se sabe! Mesmo eu, que nunca tive filhos e não entendo muito destas coisas, ficaria desconfiada! Acho bom investigar isso direito!

Quando Pureza foi embora, Tidinha ficou pensando naquilo que ela falou. Resolveu, então, passar na farmácia para comprar um teste de gravidez para parar de se preocupar com algo que, pensando bem, poderia mesmo acontecer.

No dia seguinte, Tidinha acordou cedo e, enquanto Glicério dormia, foi fazer o teste de gravidez com o kit que havia comprado. Ao perceber que tinha dado positivo, ficou atordoada, sem querer acreditar naquilo que via.

Não podia ter mais um filho depois de tanto tempo! Nem espaço naquele apartamento existia para acolher uma criança. O que ela iria fazer?, pensava.

Foi quando Glicério acordou e, vendo a mulher muito nervosa, perguntou o que havia acontecido. Ao tomar conhecimento daquela notícia inesperada, ficou imóvel, mudo, o que causou uma grande ansiedade em Tidinha, que disse:

- Diga alguma coisa, home! O que a gente vai fazer?

Depois de uns minutos de silêncio angustiante para Tíndinha, ele finalmente respondeu:

- Vamos fazer o que fizemos com todos os nossos outros filhos: receber a notícia com alegria e criar mais este filho, da melhor forma que a gente puder!

Depois desta reação do marido, embora ainda muito preocupada, Tíndinha ficou mais aliviada e, ainda que se sentisse meio constrangida, começou a anunciar a notícia para todos, a qual foi recebida de forma diferenciada por cada um dos filhos e demais parentes do casal. Para Periquita, aquilo era uma coisa de outro mundo, o que a fazia repetir, a cada instante:

- Misericórdia, Senhor! Eu “havera” de viver até agora para receber uma notícia desta! Misericórdia! Misericórdia!

Para Pureza e Jeremias, a notícia não poderia ser melhor, já que receberam também o convite de Glicério e Tíndinha para serem os padrinhos do filho soteropolitano. Como não tinham filhos, seria para o casal uma espécie de filho emprestado que estava para chegar!

E foi assim que Tíndinha começou a se entusiasmar com a ideia de ter mais um filho, passando a usufruir de cuidados médicos que ela jamais teve durante a gestação dos seus outros filhos. Percebeu, então, que ficar grávida, e ter filho na cidade grande, era bem diferente de parir no interior e, assim, ficou muito feliz pela oportunidade de viver essa nova experiência.

Capítulo 31

UM MARCO DOLOROSO

A gravidez de Tíndha vinha ocorrendo de uma forma tranquila, repleta de cuidados e de expectativa de todos, principalmente quanto ao sexo da criança. Quando Tíndha estava para completar oito meses de gestação, o enxoval do bebê já estava quase todo pronto, cujos itens, em geral, foram presenteados por amigos e parentes, principalmente pelos padrinhos da criança, Jeremias e Pureza. O berço também já tinha sido instalado no pequeno quarto do fundo, onde Glicério e Tíndha dormiam.

Tudo parecia bem, mas Tíndha observava que Glicério andava novamente tenso, sem muita paciência com os filhos. Certa vez, estava assistindo o Repórter Esso, que ele não perdia e quando exigia silêncio de todos para não perder nenhuma notícia. No quarto, Chico, Dorinha, Socorro, Ismael e Tobias brincavam, dando muitas risadas e fazendo cantorias. Repetiam uma música popular, que tinha um refrão que tentavam interpretar dando beliscões uns nos outros.

- Belisca de lá, belisca de cá! Ai! Ai! Ai!, cantavam e dançavam.

O barulho e as gargalhadas dos filhos incomodavam Glicério, que não conseguia mais ouvir o noticiário. Assim, levantou-se bruscamente e foi decidido, direto para o quarto, onde pegou Chico pelo braço, dando-lhe um forte beliscão, justamente na hora em que ele dizia o “ai” do refrão, que tanto o irritava. Nessa hora, o menino soltou um “ai” verdadeiro e dolorido, caindo num choro tão forte que assustou os irmãos, que saíram todos correndo.

Depois que Chico foi consolado pela irmã Joza, parando de chorar, um silêncio absoluto tomou conta da casa e todos foram dormir. Enquanto isso, Tíndha se preocupava com aquela forma incomum de Glicério reagir com os filhos, o que considerava um mau sinal. Adicionalmente, naquela semana, ele havia tido

suas costumeiras dores de cabeça, que requereram mais de um comprimido para aliviá-las.

No dia seguinte, Glicério anunciou que iria para Euclides da Cunha tentar resgatar um empréstimo financeiro que havia feito a um primo, deixando Tidinha com o coração apertado, como se estivesse tendo um mau presságio. Ao voltar de viagem, estava abatido, com uma forte dor de cabeça e foi cedo para a cama. No dia seguinte, percebendo que Glicério demorava de acordar, ela se deu conta que ele estava inconsciente. Desesperada, foi com os filhos mais velhos buscar um atendimento de emergência em um Pronto Socorro.

Durante o atendimento, os médicos diagnosticaram que Glicério tinha sido vítima de um derrame cerebral, encaminhando-o posteriormente para o Hospital Português, onde permaneceu em estado de coma por duas semanas. A família começou, então, a se preparar para o pior...

No dia 29 de maio de 1969, três meses antes de completar 50 anos de idade, Glicério veio a falecer. Coube ao jovem Abreu receber esta notícia, assim como de repassá-la para toda a família. Sem se dar conta da responsabilidade que passaria a assumir daquele dia em diante, o rapaz se fez de forte e, juntamente com João, providenciou tudo que precisava ser feito para o funeral do pai.

Naquele momento, não faltaram gestos de solidariedade dos parentes e amigos. O apoio oferecido por Lourinho, Jeremias, Renato Campos, e também por Toinho, o namorado de Joza, foi muito importante para a família superar o trauma e o desespero que tomou conta de todos.

Tidinha, que se encontrava no oitavo mês de gestação, estava muito debilitada e precisava de cuidados e acolhimento, o que não lhe faltaram em nenhum momento. Pureza assumiu a liderança da casa e, com ajuda de Periquita e Jozélia, cuidou das crianças e dos afazeres domésticos.

Arquimedes Pedreira Franco, o presidente da Associação dos Funcionários Públicos, mobilizou os colegas de Glicério, que, juntos, cuidaram das despesas do funeral e arrecadaram dinheiro para ajudar a família nas despesas dos meses seguintes. Coube a Jeremias tomar todas as providências para o recebimento do pecúlio a que a família tinha direito, além de emitir o requerimento da pensão para Tidinha e obter a liberação das prestações do financiamento do apartamento, já que o imóvel tinha cobertura de seguro, o que garantia a quitação da dívida,

em caso de morte do financiador. Isso acalmou um pouco Tíndia, que, além da dor da perda do marido, estava desesperada imaginando como poderia prosseguir educando os filhos, sem ter renda nem para pagar o lugar onde moravam.

Aquele mês de maio foi um marco doloroso, que certamente jamais seria esquecido pela família. Mesmo os filhos pequenos de Tíndia perceberam que precisavam, mais do que nunca, se unir para superar aquele momento. E numa espécie de pacto silencioso, sem que precisassem fazer nenhuma promessa sobre isso, saíram do enterro do pai caminhando lado a lado, na certeza de que a dor em comum seria superada e que juntos iriam fazer o que tivesse que ser feito para que o esforço de Glicério fosse um dia recompensado.

Capítulo 32

O NASCIMENTO DO ÚLTIMO FILHO

As primeiras semanas após a morte de Glicério foram muito difíceis para toda a família. No velho Edifício Flora, não se ouvia mais o barulho dos filhos de Tidinha, cujos amigos torciam para que eles se recuperassem logo e voltassem a brincar. Na escola, eles tinham que usar uma tarja preta na farda para sinalizar o luto, o que chamava atenção e gerava comentários dos colegas.

Tidinha prosseguia cuidando da casa, com a barriga cada vez maior. Estava magra e abatida, e Periquita se preocupava com a sua saúde, temendo que tivesse algum problema na hora do parto.

Em um dia em que Tidinha arrumava alguns pertences de Glicério, o filho mais velho, Abreu, entrou em casa anunciando que o pai tinha sido contemplado no sorteio mensal do consórcio do carro que vinha pagando antes de falecer. Isso significava que o tão sonhado carro de Glicério já podia ser adquirido pela família. Ao receber aquela notícia, Tidinha começou a chorar. Sabia que aquele carro, naquele momento, não tinha mais nenhum significado, além do fato que a família não teria condições de continuar pagando as prestações que ainda faltavam. Lamentava que ele tivesse sido sorteado justamente naquele momento, pois, certamente, se Glicério estivesse ainda vivo, ele iria ficar muito feliz com aquela notícia.

Ao ver a mãe chorando, e tentando também controlar a sua própria dor e frustração, Abreu disse que já havia feito contato com o administrador do consórcio, que o tinha aconselhado a transferir o carro, assim como as prestações restantes, para outra pessoa interessada em adquiri-lo. Assim, poderiam receber o dinheiro que já havia sido pago pelo carro, acrescido de um ágio, o que seria muito bom para a família superar as dificuldades financeiras que vinham passando.

Naquela época, o namoro de Jozélia com Toinho estava ficando mais sólido

e o rapaz, já bem integrado com os cunhados, se propôs a ajudar a família no que fosse preciso. Dessa forma, conseguiu juntar um dinheiro com ajuda dos irmãos Iolanda e Humberto, e ele mesmo decidiu adquirir o carro, assumindo o débito das prestações restantes. Foi a forma que ele encontrou de ajudar a família da namorada e, ao mesmo tempo, de comprar o carro que ele também vinha desejando.

Abreu ficou muito grato ao cunhado, mas ele ainda precisava encontrar outras soluções para o grande problema financeiro que a morte de Glicério tinha deixado para a família. Conversava com o irmão João e alguns parentes. Estava atordoado com a peso da responsabilidade que lhe caía nos ombros, já que, na condição de filho mais velho, sentia-se obrigado a tomar as rédeas da situação. No entanto, sentia-se inseguro, assustado e despreparado para assumir aquela responsabilidade, tendo que travar uma batalha diária para superar todos os sentimentos que tentavam dominá-lo. Adicionalmente, o olhar perdido e o choro constante da sua mãe soavam para ele como uma súplica permanente de socorro, obrigando-o a reagir.

Por se manter sempre focada na administração do lar e nos cuidados com os filhos, Tidinha nunca se envolvia com as questões financeiras da família e nem sequer sabia das despesas do marido que, por sua vez, também não gostava de compartilhar esse assunto com ela. Naquele momento, portanto, ela precisava mesmo contar com a ajuda dos filhos, em especial dos mais velhos.

Foi nesse cenário de temores e incertezas quanto ao futuro que Tidinha deu à luz seu último filho, um menino bonito e saudável que chegou em pleno dia de São João, 24 de junho de 1969. A cidade estava em festa e, mesmo no ambiente do Hospital Espanhol, onde a criança nasceu, podia-se ouvir o barulho dos foguetes e bombas que os nordestinos nunca dispensam para celebrar essa festa.

Na hora em que Tidinha começou a sentir as contrações, um batalhão de amigos e parentes se colocou a postos para assessorá-la, já que todos temiam pela sua saúde, que estava muito debilitada. Os filhos menores estavam tensos e, ao mesmo tempo, ansiosos para conhecer o novo irmão. Naquela época, Abreu namorava uma garota atenciosa que se tornou muito amiga da família, chamada Sonia Dourado, e foi ela que pegou os irmãos menores e os levou para o clube vizinho ao hospital, a Associação Atlética, para que eles pudessem relaxar naquele momento de tanta expectativa.

SEGUINDO EM FRENTE

Mais tarde, Tíndinha começou a ter muitas contrações e seguiu para a sala de parto, onde sofreu uma hemorragia intensa, o que causou muita preocupação de todos da família, já traumatizada com a perda de Glicério. A criança, no entanto, nasceu esbanjando saúde e encantou a todos. Por decisão da própria Tíndinha, que desejava prestar uma homenagem póstuma ao marido, o menino recebeu o nome de Glicério Lívio de Abreu Júnior.

A chegada de Juninho, como o menino passou a ser chamado pela família, foi como um bálsamo que veio para aliviar o sofrimento de todos. Os irmãos começaram a tratá-lo como um brinquedo predileto muito disputado. Aos poucos, Tíndinha percebia que aquela criança tinha trazido uma nova energia para o seu lar, o que motivava todos a seguirem em frente, fortemente comprometidos em realizar o sonho de Glicério. Para ela, era como o pequeno Júnior fosse uma espécie de mensageiro do marido, cuja presença trazia esperança e confiança no futuro.

Com o tempo, a família foi se recuperando, alegrando-se com cada sorriso e avanço da criança, conseguindo dessa forma mais força e equilíbrio para resolver os problemas que ainda tinham que enfrentar.

Capítulo 33

SEGUINDO EM FRENTE

Na busca de superar as dificuldades e encontrar soluções para as questões financeiras da família, Abreu e João tiveram a ideia de usar o dinheiro do pecúlio que a família havia recebido, juntamente com o obtido com a transferência do carro do consórcio, para investir em um tipo de negócio em que João já havia adquirido certa experiência na empresa em que estava trabalhando. Assim, ele pediu demissão e, em sociedade com o irmão Abreu, abriu a empresa Sertecol – Serviços Técnicos de Conservação Ltda., prestadora de serviços de raspagem e aplicação de verniz (sinteco) em pisos de madeira.

Foi com muita determinação que os dois irmãos passaram se dedicar ao novo negócio, trabalhando duro, mesmo nos finais de semana. Para dois rapazes tão jovens, era difícil abdicar do lazer, da companhia dos amigos e das respectivas namoradas para só pensarem no trabalho e nas novas responsabilidades.

A rotina de João, que já havia concluído o curso médio, passou a ser dividida entre o trabalho na Sertecol e o estudo, já que ele iria se submeter ao vestibular para ingressar na universidade. No caso de Abreu, ele já tinha sido aprovado no vestibular de Administração de Empresas da Universidade Católica de Salvador. Além de estudar e trabalhar na nova empresa, ele ainda acumulava outras atividades no banco, onde exercia a função de Técnico em Treinamento. Ele não quis deixar o emprego até que tivesse certeza de que o novo negócio iria se consolidar e dar certo, para não ter que recomeçar da estaca zero, caso isso não acontecesse.

O escritório da Sertecol funcionava no moderno Edifício Politécnica, localizado na Avenida Sete, que possuía, no seu andar térreo, um conjunto de lojas que se caracterizava como um shopping atual e se tornou um ponto de encontro da juventude.

Os negócios seguiam bem na empresa, até que, um dia, os jovens irmãos

empresários tomaram um grande susto com um início de incêndio no antigo prédio da Secretaria da Fazenda, para a qual a Sertecol prestava serviços de limpeza. O incêndio foi provocado pelo excesso de gasolina que foi utilizada para diluir a cera, visando assim economizá-la. Quando um funcionário puxou a tomada de um ventilador instalado no piso da sala, a gasolina entrou em ignição e o fogo se alastrou, atingindo uma pilha de papéis. Se não fosse a agilidade de todos os presentes, que conseguiram debelar o fogo lançando baldes de água, teria acontecido uma tragédia.

Ao se dar conta da dimensão que aquele pequeno acidente poderia tomar, Abreu e João chegaram à conclusão de que foram protegidos pelos seus anjos da guarda. Foi quando Pureza, ao ouvir esse comentário dos rapazes, disse:

- Podem ter certeza que vocês também foram protegidos por Glicério! E serão sempre! Pois ele não vai esquecer o que planejou para os seus filhos, mesmo do outro lado da vida!

De uma forma ou de outra, aquela mensagem foi assimilada por todos os filhos de Tidinha, que costumavam lembrar do pai nos momentos mais difíceis, pedindo-lhe proteção, encontrando assim motivação para continuarem seguindo em frente.

Capítulo 34

O AGITADO EDIFÍCIO FLORA

O velho Edifício Flora tinha uma grande rotatividade de moradores, pois quase todos os apartamentos eram alugados. À medida que os novos moradores chegavam, trazendo crianças e adolescentes, os filhos de Tidinha ganhavam novos amigos.

Tidinha, porém, ficava atenta, buscando saber quem eram eles e se seriam boas companhias para os filhos, em especial para os mais velhos, que começavam a se tornar independentes e não queriam mais ouvir as suas recomendações, o que era algo muito difícil para ela aceitar. Queria até mesmo continuar castigando os filhos, do mesmo jeito que fazia quando eles eram crianças. Assim foi, até que, um dia, quando suspendeu a mão para dar um tapa em Abreu, ele segurou sua mão com firmeza e, olhando-a como alguém que já é dono de si, não precisou lhe dizer mais nada para que ela finalmente pudesse perceber que o filho já era um homem e que não poderia mais tratá-lo daquele jeito.

Quando o prédio recebeu um grupo de moradores jovens cabeludos, que moravam sozinhos e usavam um estilo de roupas meio hippie, Tidinha ficou em estado de alerta. Eles costumavam fazer festas barulhentas nos finais de semana, com muita cantoria, e até a pequena Socorrinho gostava de ouvir os rapazes tocarem violão, alegando que adorava as músicas tocadas por eles, tais como: “O expresso 2222”, de Gilberto Gil, e “Para não dizer que não falei de flores”, de Geraldo Vandré.

Durante as festas dos novos moradores, eles costumavam beber e fumar muito. Diziam as más línguas que até maconha circulava nessas festas, o que deixou Tidinha apavorada, já que os filhos se tornaram amigos dos novos vizinhos e ela temia que eles viessem a se envolver com aquela droga.

Posteriormente, ela mesma constatou que os rapazes não eram bem aquilo que falavam e o que eles fumavam era mesmo cigarro comum, que a maioria dos jovens gostavam muito naquela época, seduzidos pela mídia e pelo cinema que estimulava esse consumo. Acabou também descobrindo que João e Tobias estavam fumando, percebendo uma queimadura na mão de Tobias, causada quando ele tentou esconder o cigarro, num dia em que ela quase o flagrou fumando.

Tidinha também receava que os filhos se envolvessem com o movimento estudantil, que era muito atuante naquele período em que a ditadura dominou o Brasil, havendo muita perseguição aos estudantes que se rebelavam contra o governo. As passeatas de protesto eram constantes e acabavam sempre em pancadaria, com a polícia batendo e prendendo os estudantes. Tidinha proibia rigorosamente que os filhos participassem daquelas passeatas, sem entender muito bem o que estava acontecendo no Brasil. Periquita costumava reforçar essa proibição, dizendo:

- Boa romaria faz, quem em sua casa está em paz!.

Abreu e João não tinham mesmo muito tempo para se envolver com os movimentos estudantis. Tidinha, porém, observava que o filho mais velho não deixava de comprar o jornal “O Pasquim” que, segundo ela já havia ouvido falar, tinha um caráter meio “subversivo”. O rapaz mantinha alguns exemplares desse jornal cuidadosamente dobrados na única prateleira a que tinha direito de uso exclusivo, no guarda-roupa que era compartilhado com os seus demais irmãos. Ficava bravo quando percebia que alguém tinha mexido nessa prateleira, o que era fácil para ele perceber, já que mantinha tudo muito bem organizado.

No agitado Edifício Flora, uma das moradoras tinha um filho que era estudante de Medicina e se envolvia muito nos movimentos estudantis. Em função disso, ela costumava se desentender com o marido, que a culpava do filho rebelde. Nos momentos de maior tensão, ela sempre ia buscar apoio da boa vizinha Tidinha. Nestas ocasiões, Periquita alertava a filha para não se meter na briga do casal, lançando um dos seus provérbios:

- Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher! Eles lá leiam, lá entendam!

Mas Tidinha se mostrava muito indignada com o tratamento que sua vizinha recebia do marido, oferecendo-lhe todo o apoio de que ela precisava.

Certa vez, a amiga sofreu muitas agressões físicas do marido e tentou fugir de casa pela janela, que era razoavelmente baixa, uma vez que ela morava no penúltimo subsolo do prédio, logo abaixo do apartamento de Tidinha. A janela dava acesso ao quintal de Dona Terezinha, que a escondeu e cuidou dos ferimentos que ela apresentava nos braços. Chorando muito, a pobre vizinha também contou que, além dos problemas com o marido, ela estava muito preocupada com o filho, pois ele vinha sendo perseguido pela polícia devido ao seu grande envolvimento com o movimento estudantil. Tempos depois, Tidinha recebeu a notícia de que o rapaz tinha desaparecido e a amiga não sabia nada do seu paradeiro. Só sabia que, durante uma das passeatas, ele tinha sido arrastado pela polícia.

Tidinha sofria muito em ver sua amiga com tantos problemas e, nessas horas, agradecia a Deus pelo fato de seus filhos não se envolverem em confusões.

De fato, seus filhos não lhe causavam muitos problemas. Eram muito trabalhadores, responsáveis e cuidavam dos irmãos menores, em especial de Juninho, que crescia rápido e se tornava uma criança muito esperta. Algumas vezes, o menino parecia um pouco nervoso e costumava acordar chorando e apontando para alguns pontos da casa, como se estivesse vendo alguma coisa que só ele conseguia enxergar. Periquita costumava dizer que ele via o pai dele, do que Tidinha discordava, argumentando que, se fosse Glicério, o menino não iria ficar nervoso, e sim, calmo.

Quando Júnior fez aniversário de um ano, embora a família ainda estivesse de luto, os irmãos decidiram comemorar, pedindo a Tidinha para fazer um bolo confeitado. Abreu e João compraram refrigerantes e Joza fez alguns brigadeiros. Quando Tidinha posicionou a vela bem no centro do bolo, Chico teve uma das suas ideias mirabolantes. Tentando agir sem que ninguém percebesse, decidiu colocar, ao lado da vela, meio escondida e submersa no bolo, uma bomba junina de pequeno porte. Queria fazer uma surpresa aos irmãos e ele mesmo fez questão de acender a vela, quando também acendeu a pequena bomba. Quando todos cantavam parabéns, antes do momento esperado de apagar a vela, a bomba estourou, causando um corre-corre e um choro assustado do pequeno Juninho, que se agarrou à irmã Joza, sem que ninguém conseguisse acalmá-lo. Ao ver o resultado desastroso da sua ideia, Chico quis negar sua participação no ocorrido, mas logo foi desmascarado pelo irmão Tobias, que o viu mexer no bolo, antes da hora de

cantar parabéns. Pegando o menino pelo braço, Tidinha lhe deu uns cascudos na cabeça, dizendo que ele iria passar o São João sem fogos, o que, para as crianças, era o pior castigo, já que adoravam soltar traques, cobrinhas e as pequenas bombas que recebiam de Jeremias e Pureza, que continuavam assistindo a família, até mesmo no lazer e diversão dos irmãos.

No dia seguinte, Socorrinho e Dorinha brincavam na escada do prédio, soltando algumas cobrinhas de São João, enquanto Chico as observava muito triste em não poder participar da brincadeira, em função do castigo que tinha recebido. Num certo momento, passou pelas escadas uma moradora do prédio que costumava usar peruca. Uma das cobrinhas disparou a correr e foi parar justamente na peruca da mulher, fazendo com que ela rapidamente a arrancasse para evitar que viesse a pegar fogo. Muita aborrecida, a mulher reclamou com as crianças, que tentaram conter o riso, só liberado quando ela se afastou e bateu com força a porta do seu apartamento. Mesmo o pequeno Chico, que estava tão desconsolado, esqueceu a tristeza e riu sem parar, achando muito divertido tudo que aconteceu. Felizmente, a mulher não foi dar queixa a Tidinha, pois, certamente, se ela viesse a saber do ocorrido, a proibição da brincadeira com os fogos iria se estender também para as irmãs Socorro e Dorinha.

Certa vez, ao chegar em casa, Abreu ficou muito nervoso, quando soube que um dos moradores tinha tratado mal sua irmã Jozélia. Isso porque, durante as costumeiras faltas de água que o velho Edifício Flora sofria, ela carregava um balde de água e deixou derramar água nas escadas, fazendo com que o tal vizinho sofresse um escorregão. Naquele momento, ele segurou o braço de Jozélia, culpando-a e xingando-a de tudo que é palavrão. Ao saber do ocorrido, Abreu ficou furioso e, juntamente com os demais irmãos e o cunhado Toinho, foi exigir um pedido de desculpas por parte do vizinho. Foi um verdadeiro Deus nos acuda para evitar uma briga, e outros vizinhos tiveram que intervir para acalmar os ânimos dos rapazes. Coisas do agitado Edifício Flora!

Capítulo 35

A CHEGADA DE MARIAZINHA

Com a morte de Glicério e o nascimento de Junior, a rotina de todos se tornou mais intensa, com cada um assumindo novas responsabilidades, cada vez mais comprometidos em seguir em frente.

Passaram-se os cinco primeiros anos sem Glicério, e tudo indicava que o esforço dele para que os filhos pudessem construir um destino melhor na cidade grande começava a mostrar seus resultados

Após ter concluído o curso normal e o curso superior em Pedagogia, Jozélia casou-se com Toinho. Abreu, por sua vez, já estava se preparando para casar com Carmosa, uma jovem de classe média alta, formada em Enfermagem, e João namorava com a prima Soninha, neta do seu Tio Belo, filha de Olguinha e Edmundo.

Tobias, embora ainda mantivesse seu cabeção, tornou-se um rapaz muito bonito e passou a ser um grande namorador. Apaixonava-se por todas as namoradas novas, e logo queria noivar. A sua paixão, porém, era fugaz e rapidamente se envolvia com outra garota, o que o motivava a terminar o noivado.

Dorinha ingressou na Escola Técnica Federal da Bahia, no curso técnico de Química, seguindo as orientações do irmão mais velho Abreu, que também passou assumir o papel de orientador profissional dos irmãos. Ele vislumbrava um bom emprego para a irmã no Polo Petroquímico, que estava sendo implantado na cidade de Camaçari e sinalizava grandes oportunidades nessa área, além de outras associadas ao segmento industrial, como na área de instrumentação, que foi escolhida por Chico para estudar, na mesma escola da irmã.

O ingresso na Escola Técnica Federal era muito concorrido e, portanto, exigia muito estudo. Assim, foi com muito orgulho que Tidinha viu seus filhos, ainda adolescentes, ingressarem numa carreira técnica profissional naquela escola.

Com os filhos crescidos, mas tendo ainda que cuidar de uma criança, Tidinha já mostrava alguns sinais de cansaço. Periquita, por sua vez, dedicava-se cada vez mais à religião e às suas costuras.

Foi nesse contexto que Tidinha decidiu pedir a Zé Lélis para lhe arranjar uma moça em Euclides da Cunha para lhe ajudar na cozinha e nos demais afazeres domésticos. Com o casamento de Jozélia, de Abreu e João, o apartamento do velho Edifício Flora estava mais folgado. O quarto de empregada, onde Glicério e Tidinha dormiam, passou a ter um acesso para o corredor, integrando-se à casa, e lá dormiam Periquita, em uma cama de solteiro, e Dorinha, que ocupava uma das camas de um beliche. Assim, decidiram que, na outra cama vazia, iria dormir a moça que Zé Lélis traria para trabalhar com Tidinha.

- Arranje uma boa moça de família e muito trabalhadeira, recomendou Tidinha a Zé Lélis.

Não foi fácil para ele encontrar uma moça como ela queria. Por sorte, com ajuda de sua irmã Lenir, ele encontrou Mariazinha, uma jovem, cuja mãe só aprovou a vinda para Salvador devido ao fato de querer afastá-la de um namorado que tinha a idade de ser avô da moça.

- Você chegou na hora certa! Preciso mesmo afastar essa menina daquele velho!, disse a mãe de Mariazinha para Zé Lélis. Posteriormente, complementou:

- Sei que ela vai morar com uma boa família e tenho certeza que Dona Tidinha será como uma mãe para a minha filha!

E assim foi! Logo que Tidinha conheceu a moça, simpatizou imediatamente com ela, acolhendo-a com muito carinho.

Mariazinha chegou meio assustada, pois nunca tinha viajado para a cidade grande e morava na roça, onde não tinha luz elétrica, nem água, nem sanitários. Nesse sentido, ela olhava tudo com muita curiosidade, achando que estava em outro mundo. Os filhos de Tidinha se divertiam com moça, que falava errado, não sabia ler, mas, no entanto, era muito esperta e inteligente. Embora nunca tenha aceitado ser alfabetizada, dedicou-se com determinação a aprender tudo que Tidinha lhe ensinava e, em pouco tempo, sabia fazer suas tarefas exatamente como ela tinha lhe ensinado. Aprendeu até a habilidade de transformar as sobras em novos e saborosos pratos, sempre buscando evitar desperdícios e fazer render as refeições da família, já que a casa continuava sempre cheia de hóspedes que vinham do

interior. Todos diziam que Tíndinha tinha o dom de multiplicar os pães, como fazia Jesus. E esse dom ela ensinou também a Mariazinha.

A jovem era também muito disposta e trabalhava com prazer, rindo e sempre fazendo muitas brincadeiras que divertiam a todos. Queria agradar Tíndinha em tudo, cercando-a de atenções e cuidados. Dessa forma, Tíndinha passou a cultivar um sentimento de amizade e gratidão muito forte pela moça, passando a tratá-la como se fosse, de fato, uma filha. Isso causou muito ciúmes de Periquita, que passou a reclamar constantemente do tratamento diferenciado que ela dava à jovem. E, nos dias em que o ciúme excessivo atacava Periquita, ela costumava repetir:

- Aqui só quem tem valor para Tíndinha é Mariazinha! Eu sou mesmo é uma “capuca véia” nessa casa que ninguém me dá razão!

Esse tipo de comentário deixava Tíndinha muito zangada, gerando discussões constantes entre mãe e filha, às quais, de tão frequentes, ninguém mais dava importância, inclusive a própria Mariazinha.

Mas havia outros motivos que também desencadeavam boas discussões no lar de Tíndinha, tais como os bichos de estimação que ela mantinha na casa. Um deles era um papagaio, que ficava numa gaiola na área de serviço e era ensinado por Mariazinha a falar e a cantar. Nos primeiros raios da manhã, o pássaro começava a gritar “bom dia” e a chamar por Mariazinha, o que aborrecia aqueles que queriam dormir mais um pouco, embora a rotina de quase todos começasse muito cedo.

Além do barulho do Lôro, como era chamado o papagaio, Periquita costumava acordar nos primeiros raios da manhã para ouvir um programa religioso no rádio, que era ligado no maior volume possível, funcionando assim como um excelente despertador para toda a família!

Eventualmente, o Lôro conseguia se soltar da corrente que o prendia na gaiola e subia para o varal, onde se distraía arrancando os botões das roupas que estavam secando. Isso causava muita irritação nos proprietários das roupas, que chegavam a prometer que ainda iriam dar um fim naquele papagaio. Nessas horas, Tíndinha costumava dizer com tom de ameaça:

- Eu só quero ver quem vai ter essa coragem toda de mexer com o meu Lôro. Quem tiver incomodado que dê seu jeito! Vão pregar botão e lamber sabão, que

é melhor!

Mas quem pregava mesmo os botões era Mariazinha, quando conseguia perceber sua falta ao passar ferro nas roupas.

Tidinha também criava um gato preto, que era uma espécie de brinquedo para Juninho, que acabava maltratando o pobre animal ao envolvê-lo em algumas brincadeiras estranhas, tais como trancá-lo no quarto para lhe arremessar bolas ou sandálias, lançá-lo para o alto e deixá-lo cair, só para ouvir o seu miado amedrontado, entre outras brincadeiras. Apesar de Tidinha proibir e castigar o menino por fazer esse tipo de coisa, ele insistia, o que deixava o gato muito arre-dio e nervoso. O animal chegou, até mesmo, a desenvolver atitudes estranhas, que assustavam as pessoas que chegavam na casa. Uma delas era eriçar os pelos e ficar pulando para trás, como se estivesse fugindo de algo assustador.

O gato também costumava se esconder debaixo da cama de Periquita e, eventualmente, deparava-se com um penico cheio de urina, que ela havia usado durante a noite, já que, mesmo com sanitários na casa, ela continuava com o velho costume de usar o “urinol”. Nessas ocasiões, Mariazinha levantava correndo para limpar a sujeira, enquanto Periquita se armava com um cabo de vassoura e tentava castigar o gato, gritando:

- Sai daí seu sataná, vá atazanar outro, bem longe daqui!

Muito bem integrada com aquela rotina barulhenta e com as confusões da família, Mariazinha fazia de tudo para não ver Tidinha contrariada. Percebendo os cuidados da moça, ela valorizava e reconhecia sua dedicação, agradecendo a Deus por tê-la ao seu lado.

Quando, mais tarde, Tidinha recebeu a notícia da morte súbita de Zé Lélis, que sofreu um infarto, ela ficou muito abalada. O grande amigo, filho dos queridos Padrinho Dédé e Maria de Loló, sempre teve um grande significado para ela e para todos da sua família, que o tratavam pelo apelido carinhoso de Zé Lelinho. Diante de tantos legados que ele tinha deixado na sua vida, presenteando-a constantemente com sua amizade, alegria e solidariedade, Mariazinha foi mais um presente valioso que recebeu, por meio daquele grande amigo.

Capítulo 36

OS PRIMEIROS NETOS DE TIDINHA

A medida que os filhos de Tidinha iam casando, nasciam os seus primeiros netos, o que a deixava muito feliz. O primeiro deles foi Márcio, filho de Abreu e Carmosa. No dia do nascimento do menino, uma emoção muito grande tomou conta de Tidinha, já que ela reviveu sua experiência do primeiro filho e lembrou muito de Glicério, imaginando como ele ficaria feliz de conhecer o neto. Percebia que o tempo estava passando rapidamente e que já tinha feito uma longa caminhada até ali. Lembrou-se da surra que recebeu de Periquita, quando ela descobriu a gravidez do filho Abreu. Tomou consciência da sua capacidade de superação, com a qual teve que contar inúmeras vezes ao longo da vida, o que fez com que ela nunca tenha se deixado abater, sempre optando por seguir em frente, deixando o passado para trás.

Embora vivenciasse o momento no qual os filhos mais velhos já tinham seus próprios filhos e constituíam as suas respectivas famílias, ela sabia que ainda tinha muito a fazer. Ainda restavam os filhos mais novos, que precisavam dos seus cuidados, em especial Juninho, além dos netos que estavam chegando.

Posteriormente, nasceu o segundo filho de Abreu, Marcelo, e, logo em seguida, Maurício. Nesse ínterim, Jozélia também teve o seu primeiro filho, Leonardo.

Tidinha fazia questão de ser a primeira enfermeira dos netos, cuidando deles com muito zelo e dedicação. Mudava-se para casa dos filhos e só ia embora quando o umbigo do bebê caía e ela tinha certeza de que as respectivas mães já sabiam dar banho e cuidar bem da criança. Costumava conversar com os recém-nascidos, simulando com eles um diálogo divertido, no qual ela mesma respondia às perguntas que fazia para os netos.

- Bom dia, meu nenezinho querido! Você não deu sossego a sua mãe essa noite, não foi?, perguntava Tidinha aos netos pela manhã.

E, imitando a voz e expressões de uma criança, ela respondia em nome do bebê:

- Bom dia, vovó! Eu tive muita fome essa noite, pois o leite de minha mãe tava difícil de sair. Eu precisei fazer muita força para sugar. Fiquei cansado!

Prosseguia assim durante todo o dia, dando continuidade àqueles longos “diálogos” que divertiam as pessoas e, certamente, também os bebês.

Quando saía para passear com os filhos de carro, Tidinha gostava de ficar ao lado dos netos e, ao longo do caminho, ia mostrando-lhes os lugares por onde passavam, dando-lhes explicações, como se eles, de fato, pudessem entendê-las.

No dia em que saíam do hospital, ela fazia questão de mostrar aos netos o mundo exterior com que eles estavam tendo contato pela primeira vez, dizendo:

- Veja como o mundo aqui fora é bonito! A vida é muito boa e você certamente irá conquistar tudo que desejar. Nesse momento, apontava para casas bonitas, carros de luxo e grandes empresas, dizendo:

- Quando você crescer, você será uma pessoa cheia de virtudes e vai ter muitas coisas iguais a estas.

Continuava, assim, projetando seus desejos e sonhos para os netos, até que chegavam em casa e ela passava a mostrar todos os cantos do lar para o novo integrante da família.

Durante os primeiros dias de vida das crianças, quando, em geral, elas costumavam dormir muito pouco e mamavam quase a noite toda, Tidinha mantinha-se acordada, alerta a cada movimento dos bebês. Nessas ocasiões, conversava muito com as noras, contando-lhes sua vida e alguns fatos do seu relacionamento com Glicério. A cada nora que se integrava à família, ela dava um tratamento especial, colocando-se totalmente à disposição para ajudá-las no que fosse preciso. Em função disso, era uma sogra querida, cuja companhia era muito disputada por todos.

Foi com muita alegria que Tidinha presenciou a cerimônia de casamento de mais um filho, Ismael, que se casou com Vitória. Tidinha desejava ver todos os seus filhos casados. Ficou muito triste quando soube que Tobias ia ser pai, mas não tinha planos de se casar com Sonia Medeiros, sua namorada e mãe da criança. Assim, quando a neta Tatiana nasceu, ela teve esperanças de que o casamento seria realizado, o que não aconteceu. Para sua maior frustração, naquela ocasião, o namoro foi também rompido, o que a deixou desolada, pois sabia que a menina,

sendo criada longe do pai, poderia se afastar dele e de toda a sua família.

Quando Abreu passou a morar em Recife, onde foi exercer o cargo de gerente regional Nordeste do Banco Econômico, Tidinha costumava viajar para lá, levando Juninho. Estava muito feliz em ver o filho mais velho bem posicionado na sua profissão, tendo conquistado um bom poder aquisitivo. Ele morava numa casa linda, num dos melhores bairros de Recife. Tidinha, com toda sua simplicidade, expressava que ficava meio sem saber como proceder naquele lugar.

- Esta casa é muito luxuosa para mim!, dizia ela.

Quando Abreu voltou para Salvador, decidiu comprar um apartamento melhor para a mãe se instalar com os irmãos que ainda moravam com ela. Optou por um que pertenceu ao seu cunhado, e era localizado no bairro dos Barris. Naquela época, Ismael ainda não tinha sua casa própria. Sendo assim, com a perspectiva de Tidinha se mudar para um novo apartamento, ele decidiu ir morar por uns tempos no velho Edifício Flora, para poder economizar o dinheiro do aluguel e, mais tarde, comprar seu próprio imóvel. Estava entusiasmado em adquirir uma casa no bairro de Piatã, motivado pelo cunhado Toinho, que sinalizava boas oportunidades de compra de casas num condomínio fechado construído para os funcionários da Embasa, e onde ele, Jozélia e filhos já estavam morando. A oportunidade era que muitos dos proprietários estavam repassando as casas e transferindo o financiamento, por acharem que o bairro de Piatã ficava muito distante do centro da cidade. De fato, Piatã, naquela época, era quase considerado um lugar de veraneio. Mas o cunhado Toinho vislumbrava a valorização do condomínio no futuro, convencendo João, Abreu, Ismael e Dorinha a adquirirem suas respectivas casas. Como Dorinha ainda não pensava em se casar, mas tinha um namoro estável com Cláudio, juntamente com ele resolveu aceitar a sugestão de cunhado.

Enquanto Ismael e Vitória organizavam a mudança para o velho Edifício Flora, Tidinha tentava convencer Periquita de que o bairro dos Barris era um lugar muito bom para morar, já que tinha igrejas próximas, podiam ir a pé para o centro da cidade, entre outras vantagens. No entanto, Periquita estava muito aborrecida com a mudança, principalmente quando soube que iriam morar no 12º andar e teriam que subir de elevador para o apartamento.

- Eu já estou boa é de ir morar no cemitério! Isso sim! Não vou demorar muito para morrer!, dizia ela.

SEGUINDO EM FRENTE

Nesses momentos, Jozelia costumava comentar:

- Que nada, Voinha! A senhora ainda vai ver os filhos dos meus filhos, vai chegar a ser tataravó!

Era quando Periquita, indignada, se benzia, dizendo:

- Misericórdia! Deus me livre e guarde de ficar esse tempo todo dando trabalho aos outros. Daqui para lá, eu já estarei longe!

Mas, longe mesmo estavam os pensamentos de Tidinha, que já não via hora de se mudar. O fato do bairro estar localizado perto do centro lhe deixava muito motivada, uma vez que adorava sair, principalmente para a Avenida Sete e Baixa dos Sapateiros. Sabia que, morando nos Barris, ficaria mais fácil para ela levar os parentes e os demais hóspedes amigos, que vinham do interior para suas consultas médicas. Tinha certeza de que a nova morada lhe daria maior acessibilidade para ir para qualquer lugar. Estava empolgada!

Ao visitar o apartamento pela primeira vez, percebendo que de todas as suas janelas se podia ter uma vista magnífica da cidade, exclamou, muito feliz:

- Vixe Maria, até parece que estou "pendurada" num pedaço do céu!

Capítulo 37

A VIDA E AS NOVIDADES DOS BARRIS

Abreu sempre procurou ajudar muito Tidinha e os irmãos, e estava muito contente em poder proporcionar para sua família uma moradia mais confortável, no bairro dos Barris. Assim, entusiasmado, acompanhou a mudança, comprando móveis novos e providenciando tudo que fosse necessário para a nova residência.

Na nova morada, Mariazinha pôde ter seu próprio quarto, e também havia espaço suficiente para receber os parentes do interior que costumavam ficar encantados com a paisagem que podiam ver do apartamento. De uma das janelas, era possível ver até mesmo o mar, que Tidinha tanto amava, a Baía de Todos os Santos e até mesmo a Igreja do Bonfim. Da outra janela, era possível ver o Dique do Tororó e, em outro ângulo, a Praça da Piedade. Um panorama de 360 graus fantástico!

Os filhos já casados costumavam frequentar o novo apartamento, levando com eles os netos. Posteriormente, Jozélia teve mais filhos – duas meninas, Carla e Mariana – e contava muito com a ajuda da mãe na educação dos seus três filhos, que costumavam passar o dia com a avó, que ficava muito feliz com a presença deles na casa. Ismael e Vitória já tinham dois filhos, Fábio e Rafael, que também costumavam receber os cuidados de Tidinha.

Em 1985, Dorinha, que já exercia a sua profissão como bacharel em Química, casou-se com o engenheiro químico com quem vinha namorando, Cláudio Macêdo, e mudou-se para o Condomínio Jardim Piatã, onde também já moravam Jozélia, João e Ismael. Embora Abreu tivesse comprado também uma casa no local, quando ele voltou de Recife para morar em Salvador, decidiu morar no condomínio vizinho, Aldeia Jaguaribe. Era uma casa linda, que foi totalmente decorada por Carmosa, que tinha uma competência muito grande nessa área, embora exercesse

a profissão de enfermeira em um posto de saúde. O bom gosto e a criatividade da esposa em decoração orgulhavam Abreu e impressionavam a todos.

Posteriormente, foi a vez de Francisco, que tinha se graduado em Engenharia Civil, constituir sua própria família, casando-se com Lucy Mary. Moraram por algum tempo na Boca do Rio e, posteriormente, decidiram construir uma casa num condomínio fechado, localizado no bairro de Stella Maris, num período em que o crescimento da cidade de Salvador já estava chegando além do bairro de Piatã. Tobias, por sua vez, que continuava solteiro e namorador, tinha se graduado em Economia e trabalhava no Banco Econômico, preferindo morar sozinho no bairro do Acupe.

Com quase todos os seus filhos já casados, Tidinha passou a dividir a nova morada dos Barris apenas com Mariazinha e Periquita, além dos filhos Socorro que tinha se graduado em Secretariado Executivo, e Júnior, que passou toda a sua adolescência naquele bairro.

Mais tarde, Tobias finalmente resolveu se casar com Dida, uma amiga e ex-colega de faculdade de Socorinho, que também deixou o apartamento dos Barris para se unir a Fernando, um executivo da Promédica.

Posteriormente, Tidinha convidou para morar com ela, Suely, filha de Olga e Raimundo do Texaco, e Erick, filho de Zé Lélis. Como ela já podia contar com ajuda de Mariazinha, passou a ter mais tempo para sair, fazer suas caminhadas pela Avenida Sete e Baixa dos Sapateiros, visitar a prima Raimunda, ir à praia, conversar com as pessoas, comprar suas linhas de crochê, que costumava fazer, e tantas outras coisas que ela gostava.

Periquita acabou também gostando da nova morada, mesmo ouvindo algumas histórias dos netos e de Mariazinha de que o apartamento era mal assombrado. Nesses momentos, costumava dizer que aquilo que contavam era coisa do satanás e que as orações poderiam colocar todos eles para fugir. Assim, costumava rezar muito e ir sempre à missa no Colégio Assunção, onde tinha uma pequena capela onde celebravam missas no final da tarde.

Periquita envelhecia aos poucos e se tornava cada dia mais esquecida, sem saber onde tinha colocado suas coisas, passando grande parte do dia a procurá-las. Diversas vezes, acusava Mariazinha de tê-las escondido. Nesses momentos, Tidinha tomava as dores da moça e a briga entre a mãe e a filha pegava fogo. Isso

deixava Tidinha muito chateada, já que era muito dedicada à Periquita e evitava contrariá-la. Quando percebia que algo não a agradava, ficava ansiosa, buscando uma forma de satisfazer a mãe, sofrendo por cada palavra de repreensão que ela lhe direcionava. Mariazinha, então, buscava animá-la, já que percebia facilmente quando Tidinha não estava bem. Nessas ocasiões, incentivava-lhe a sair um pouco, garantindo-lhe que iria cuidar bem de Periquita. Foi assim que Tidinha começou a ficar mais independente, sentindo-se mais livre para fazer pequenas viagens de excursão, na companhia de amigas ou parentes, como sua prima Raimunda ou Olga Moura, que naquele período já estava viúva de Raimundo do Texaco.

Durante suas viagens, Tidinha se lembrava da comadre Pureza, esposa de Jeremias, que havia falecido tão precocemente e que certamente seria uma grande companheira nas suas viagens, já que ela também adorava sair e viajar.

Certa vez Tidinha foi visitar a irmã Ceci, que, inesperadamente, com mais de 60 anos de idade, resolveu se casar com João Edézio, um ex-namorado de juventude que havia sido rejeitado pela família Campos, pois era apenas um tocador de violão, considerado por todos um boêmio. Magoado, o rapaz foi embora da cidade. Posteriormente, casou-se e, quando ficou viúvo, sabendo que Ceci continuava solteira e morava com Iaiá, foi procurá-la para lhe pedir em casamento. Ceci, que demonstrou que nunca havia esquecido o rapaz, não resistiu e aceitou o convite, o que deixou Iaiá muito triste. Uma linda história de amor que Tidinha contava entusiasmada para todos. Ela gostou muito de ter ganhado um cunhado e, quando ia visitar o casal, adorava ouvi-lo cantar as belas melodias que ele fazia para Ceci. Visitá-los era sempre uma alegria para Tidinha, que nunca perdia a oportunidade de fazer seus passeios.

Mariazinha, por sua vez, gostava mesmo é de ficar em casa, até o dia em que iniciou um namoro com o porteiro do prédio, o que deixou Tidinha um pouco preocupada, não se sentindo, porém, no direito de impedir que a moça sáisse e mantivesse aquele relacionamento. Mais tarde, se arrependeu de não ter sido mais rigorosa na sua vigilância com a moça, já que, meses depois, Mariazinha anunciou que estava grávida do namorado.

Visando evitar a mesma a situação que ela própria viveu, quando engravidou do seu primeiro filho, Tidinha não repreendeu a jovem, mas foi procurar o namorado, Deraldo, para saber se ele tinha intenção de se casar com Mariazinha para

dar uma família à criança que ia nascer. Após ter certeza de que ambos tinham esse desejo, ela agilizou tudo que era necessário para providenciar o casamento, pois só queria dar a notícia para a família de Mariazinha quando a data estivesse marcada. Ficou combinado que ela só iria morar com Deraldo depois que o bebê nascesse e, após isso, ela permaneceria trabalhando durante o dia, na casa de Tíndinha.

Em 1987, Dorinha teve o seu primeiro filho, Guilherme, que nasceu três meses antes do nascimento de Rodrigo, o filho de Mariazinha. Para Tíndinha, eram dois novos netos que nasciam.

Logo depois que Rodrigo nasceu, Tíndinha alertou Mariazinha que ela precisava ir morar com o marido, na casa que nem sequer ela tinha ido conhecer, pois não parecia nada animada em se mudar com a criança. Deraldo, por sua vez, cobrava isso da mulher, até que ela se decidiu.

Ao chegar na nova morada carregando o filho no colo, deparou-se com um casebre simplório, num bairro pobre de Salvador. Muito desapontada com o novo lar, Mariazinha disse:

- Ôxe! É aqui que você pensa que vou morar com o meu filho? Só se eu tivesse maluca! Pode me levar de volta para a casa de Dona Tíndinha, que aqui eu não moro de jeito nenhum! Isso aqui parece mais um chiqueiro!

E não houve jeito do marido convencê-la a mudar de ideia. Muito chateado, ele levou a mulher de volta para casa de Tíndinha, que ficou indignada com a atitude de Mariazinha, dizendo:

- Cê tá maluca, menina?? Onde já se viu mulher não querer morar com marido? Seu lugar é lá!

- Para lá não volto, nem morta! Se a senhora não me quiser mais aqui, eu vou voltar é para a roça!

Naquele momento, Tíndinha se apavorou, pois o que ela menos queria é ver Mariazinha voltar para a roça com o menino que ela amava tanto. Já tinha combinado com Mariazinha que Rodrigo viria todos os dias para passar o dia com ela e a possibilidade disso não vir a acontecer a deixou atordoada.

Quando Deraldo, muito zangado, disse que ia pedir a guarda do menino na Justiça, Tíndinha ficou ainda mais atordoada e foi correndo esconder a certidão de nascimento da criança, advertindo a todos que nunca entregassem aquele docu-

mento para Deraldo.

Naquela noite, ela não dormiu, abraçada com o menino. Nos momentos em que conseguia adormecer um pouco, tinha um pesadelo, vendo Deraldo levar a criança para longe dela. Posteriormente, bem que ele tentou fazer isso, mas desistiu e, assim, decidiu se mudar para São Paulo e nunca mais procurou o filho e a mulher. Nem o irmão dele, que também trabalhava como porteiro do prédio, onde Tidinha morava, sabia do paradeiro dele.

Foi assim que Mariazinha, feliz da vida, continuou vivendo em paz com Tidinha, que se apegava cada dia mais a ela e a Rodrigo, que passou a ser um dos seus maiores chamegos.

Aos poucos a família ia crescendo, com os novos netos que chegavam: Daniela, a terceira filha de Ismael e Vitória; Joana, a segunda filha de Cláudio e Dorinha; Thaís e Camila, filhas de Chico e Lucy Mary; Milena, filha de João e Soninha; e Fernandinha, filha de Tobias e Dida.

Em 1990, Tidinha foi passar 10 meses na casa de Dorinha, pois ela teve que viajar para o Canadá, para participar de um treinamento promovido pela empresa onde trabalhava. Guilherme e Joana ainda eram muito pequenos, e Cláudio precisava de ajuda para cuidar deles. Foi principalmente Tidinha que incentivou a filha a não perder aquela oportunidade, mesmo que isso exigisse o sacrifício da separação dos filhos e do marido. Ela sabia que estudar no exterior sempre foi o grande sonho de Dorinha e tentou encorajá-la, dizendo que cuidaria bem dos seus filhos e que certamente ela poderia contar com a ajuda de Cláudio, que sempre foi um pai muito dedicado.

Assim, Tidinha surpreendeu a todos quando tomou a iniciativa de deixar Periquita aos cuidados de Mariazinha e se mudar para a casa de Dorinha, muito feliz em vê-la partir para o Canadá, pois era como se ela própria estivesse se realizando através da filha. Embora tivesse passado sua vida inteira submissa e sendo dirigida por Glicério, além de sempre ter procurado agradar a mãe em tudo, Tidinha guardava dentro de si um espírito independente e uma vontade reprimida de liberdade, de sair pelo mundo afora, desbravando fronteiras. Era por isso que sempre se entusiasmava com as constantes mudanças de cidade do marido e se empolgou tanto em vir morar na cidade grande.

Naquela fase da sua vida, o que Tidinha mais gostava de fazer eram as suas

pequenas viagens, além de tomar banho de mar, que ela admirava pela imensidão e pelo mistério que transmitia. Achava que, dentro dele e por trás daquela linha do horizonte que avistava ao longe, existia um mundo de mistérios que ela gostaria de descobrir. Ficava encantada em ver alguns barcos ou navios partindo e sumindo no horizonte, imaginando qual seria o destino deles. Sua vontade de viver e seu entusiasmo com a vida lhe davam uma energia especial que atraía e unia as pessoas, que gostavam de vê-la contar suas histórias e expressar os seus desejos. Era uma pessoa certamente forte, mas ao mesmo tempo frágil e generosa; embora submissa, era poderosa e muito valente.

Certa vez, Dorinha enviou do Canadá um lindo cartão para a mãe contendo uma figura de uma fada madrinha que carregava uma varinha mágica. Querendo expressar a gratidão que sentia pela mãe por ter lhe proporcionado a oportunidade de estar naquele país, escreveu no cartão:

“Para minha querida fada madrinha, que tem o dom de transformar em realidade os sonhos das pessoas, em especial dos seus filhos, seus afilhados eternos nessa vida”.

Tidinha leu, em lágrimas, o cartão da filha, enquanto brincava com os netos Guilherme e Joana, dizendo-lhes:

- Quando vocês crescerem, vão também viajar muito e realizar todos os seus sonhos, sempre lembrando que devemos ajudar os outros a serem também felizes!

Era assim que, por meio de suas mensagens sutis, ela ia transmitindo seus valores e suas virtudes aos netos e a todos que dela se aproximavam.

Mais tarde, Juninho surpreendeu a família anunciando que a namorada dele, Mônica, estava grávida. Tidinha ficou muito emocionada e não se tranqüilizou enquanto não viu o casal oficialmente casado, comemorando o nascimento do filho Vinicius, a quem Mariazinha se apegou muito, já que ela costumava ajudar o casal a cuidar do menino. Nesse sentido, o garotinho passou chama-la de “Mãe IA”, por não ainda saber pronunciar corretamente a palavra Maria, abreviando-a como “Ia”.

Quando chegou a vez de Socorrinho anunciar que estava grávida, Tidinha chorou de alegria, pois vinha rezando muito para a filha ter um filho, que ela achava que estava demorando muito. Considerava a maternidade a melhor coisa do mundo. Assim, a chegada de Bruninho foi comemorada por ela e por todos da família.

No período em que Tíndha morou nos Barris, os irmãos e suas respectivas famílias gostavam muito de se reunir nos domingos, em Piatã, em especial na casa de Jozélia, onde faziam churrasco e se divertiam lembrando fatos da infância. Tíndha sentia-se realizada ao ver os filhos dessa forma, sempre juntos e unidos, como ela sempre sonhou.

Certa vez, ela testemunhou emocionada uma demonstração de união dos seus filhos. Socorrinho tinha comprado, com muito sacrifício, seu primeiro carro, que foi roubado sem que houvesse sido feito um seguro. A filha ficou muito abalada, mas imediatamente os irmãos se reuniram, fizeram uma “vaquinha” e compraram um carro usado para ela, já que ela precisava muito do veículo para ir trabalhar. Felizmente, o carro foi posteriormente encontrado e todos puderam comemorar com um churrasco.

Durante o verão, os encontros dos irmãos eram muito frequentes, quando aproveitavam os finais de semana para irem à praia próxima ao Condomínio Jardim Piatã.

No verão de 1994, os irmãos decidiram alugar uma casa de veraneio na praia de Jauá. Era uma casa imensa, com piscina, quadra de futebol, com espaço suficiente para acomodar todas as famílias dos filhos de Tíndha. Ela estava radiante em poder reunir os filhos naquele lugar que, para ela não podia ser melhor, já que a casa ficava bem em frente à praia, onde ela permanecia quase o dia todo tomando banho, brincando com os netos.

Para tornar aquele período o mais divertido possível, Dorinha organizou uma espécie de “manual de veraneio”, que estabelecia as regras de convivência das famílias. Assim, ficou combinado que cada final de semana, uma das famílias ficaria responsável de atuar como anfitriã, devendo providenciar as refeições e bebidas, de maneira a agradar ao máximo as demais famílias, que deveriam ser tratadas como hóspedes especiais.

Ao final do veraneio, planejava-se uma festa para promover a lavagem da casa, em analogia à famosa Lavagem do Bonfim, quando seria realizado um concurso para eleger o melhor anfitrião, tomando como critério de julgamento a qualidade das refeições por eles oferecidas ao longo de veraneio, assim como o tratamento que foi oferecido aos “hóspedes”. Assim, cada uma das famílias queria caprichar mais que a outra para ganhar o concurso. Tíndha se divertia com aquilo

tudo e, como estava sempre no papel de hóspede, costumava opinar qual família estava demonstrando um melhor desempenho como “anfitriã”, estimulando uma competição divertida entre todos.

Em um dos finais de semana em Jauá, quando Dorinha e Cláudio atuavam como anfitriões, eles procuraram caprichar oferecendo um caruru e vatapá em um dos almoços. Ao longo da tarde, todos saborearam o vatapá e caruru diversas vezes e, provavelmente, o calor e as diversas “remexidas” nas panelas afetaram a refeição, provocando uma diarreia generalizada em todos.

Durante a noite, as pessoas faziam fila nos banheiros da casa e a situação se transformou num bom motivo de brincadeiras e gozações, envolvendo, em especial, os anfitriões, que foram imediatamente excluídos do concurso.

Quando se aproximou o Natal, a festa foi planejada para ser realizada na casa de veraneio em Jauá. Essa festa sempre foi esperada com muita expectativa por todos da família, em especial pelas crianças.

Tidinha não dispensava a realização de uma linda festa e desejava que todos estivessem presentes, agradecendo a Deus pela saúde e união da família. Faziam também muitas brincadeiras, organizadas, em geral, por Jozélia, Dorinha e Socorrinho, que não dispensavam o “amigo secreto” e escolhiam cuidadosamente os itens do jantar da noite.

Na noite de Natal, comemorada na casa em Jauá, Lucy Mary decidiu se vestir de Papai Noel, mas só fez isso depois que todas as crianças estavam dormindo. Percorreu todos os quartos para deixar o presente de cada uma ao lado da cama. Enquanto isso, Chico filmava e fotografava a cena, pois queriam provar para as crianças que o Papai Noel visitou, de fato, a casa durante a noite.

Logo que o dia amanheceu, a casa foi invadida de gritos de alegria e correrias das crianças, que queriam mostrar para todos o que tinham ganhado de Papai Noel. Ficaram todos surpresos e muito empolgados quando viram a filmagem apresentada por Chico, que registrava a visita do Papai Noel. Foi quando Milena, muito excitada, gritou:

- Eu vi quando ele chegou, fingi que estava dormindo para ele não correr! Mas eu vi, era esse aí mesmo!

A criança, admirada com a declaração de Milena, começou a bombardeá-la de perguntas, cada um querendo saber mais sobre a aparência do velhinho. Foi

quando Milena, muito enfática, comentou:

- Ele era moreninho e tinha os olhos iguaizinhos aos da Tia Lucy Mary!

Aquele veraneio, com todos os primos reunidos e provas concretas da visita do Papai Noel, tornou-se inesquecível para todos.

Capítulo 38

VARIAÇÕES NO ESTADO DE SAÚDE DE TIDINHA

Uma das principais características de Tidinha era a sua vitalidade e disposição para tudo, em especial para passear. Estava sempre fazendo alguma coisa e gostava muito de conversar. Nesse sentido, os filhos, que naquela época já a chamavam carinhosamente de “Véia”, costumavam comentar:

- Êtá Véia danada! Parece que tem uma pilha que nunca descarrega!

De fato, a energia de Tidinha parecia nunca ter fim. Estava sempre a postos para qualquer solicitação. Saía constantemente para visitar as pessoas, em especial aquelas que estavam doentes.

Certa vez Carmosa, esposa de Abreu, organizou uma viagem para realizar um grande desejo, tanto da mãe dela, Dona Clarice, como de Tidinha: conhecer a terra santa, Jerusalém.

Muito entusiasmada, Tidinha passou a só falar nessa viagem, preparando-se com euforia para o dia do embarque. Quando finalmente a viagem foi realizada, fez todo o seu percurso com muita disposição, visitando todos os lugares em que Jesus passou. No Muro das Lamentações, pediu a proteção de todos os seus filhos, parentes e amigos e agradeceu por tudo que a vida vinha lhe proporcionando, chegando à conclusão de que não tinha nada a lamentar, só a agradecer!

Ao voltar para casa, passou muitos dias descrevendo a viagem, mostrando as fotos e comentando cada detalhe.

Tidinha também gostava muito de viajar para Euclides da Cunha para rever os amigos e parentes. Adorava festas, dançar e fazer o seu passeio predileto de ir à praia, quando costumava permanecer por longas horas na água, brincando e se divertindo como se fosse uma eterna criança.

Com esse perfil de tanta disposição e vitalidade, era muito raro ver Tidinha

se queixar de algum mal estar. Quando isso acontecia, era motivo de preocupações de toda a família e amigos. Foi assim que, certa manhã, ela acordou com uma dor persistente na perna, queixando-se e permanecendo sentada por todo o tempo, sem disposição nem para comer. Dessa forma, Jozélia achou mais prudente levá-la para um atendimento de emergência.

Após exames médicos, constatou-se que Tidinha apresentava um quadro de trombose na perna, causada por uma estagnação do fluxo em uma das veias, em virtude de problemas de coagulação sanguínea e deficiências de proteína “S” no organismo. Ela também vinha sofrendo de pressão alta e isso agravava o seu quadro clínico. Por isso, permaneceu internada no hospital, o que deixou todos muito apreensivos, em especial Periquita e Mariazinha.

Felizmente, após alguns dias internada, ela pôde ter alta, com recomendações médicas de acompanhamento sistemático, já que passaria a tomar um medicamento à base de heparina visando evitar a coagulação do sangue, cujo uso, se não fosse devidamente monitorado, poderia também deixar o sangue muito fluido, correndo risco de ela vir a sofrer hemorragias.

Quando o médico lhe disse que ela deveria tomar aquele medicamento pelo resto de sua vida e ser acompanhada por médicos, além de precisar fazer uma dieta restritiva para controlar a pressão, Tidinha ficou muito triste, dizendo:

- Quer dizer que, de agora em diante, vou passar a ser escrava de médico e de remédio! Era só o que me faltava!

Embora os filhos e amigos tentassem animá-la, dizendo que aquilo não iria mudar em nada sua vida, ela ficou apreensiva. Gostava de sair e resolver tudo sozinha, adorava comer quase tudo que o médico lhe proibia, em especial acarajé e pizzas, que ela tanto apreciava.

Mas Tidinha tinha mesmo motivos para ficar triste, pois, daquele dia em diante, seu estado de saúde passou a apresentar constantes variações, exigindo visitas, cada vez mais frequentes, aos médicos.

Em 2001, Tidinha já tinha completado 73 anos e, mais uma vez, foi internada, desta vez por ter sofrido um AVC (Acidente Vascular Cerebral) que, felizmente, não lhe deixou sequelas muito graves, exceto o fato de passar a não se lembrar de algumas palavras, o que atrapalhava sua capacidade de formular frases completas, além da perda parcial da mobilidade da perna e braço esquerdo. Daí

em diante, começou a ficar mais calada e quieta, pois se sentia constrangida em ter que pedir ajuda das pessoas para se expressar e se movimentar. Mariazinha acabou desenvolvendo uma habilidade muito grande em lhe prestar esse tipo de ajuda, conseguindo entender quase todas as palavras que ela não conseguia lembrar. A cumplicidade entre as duas aumentava a cada dia.

Mas, ainda que Tidinha pudesse contar com a ajuda de Mariazinha, ela ia aos poucos deixando de ser aquela pessoa falante e dinâmica. Mesmo na presença de Seu Edvaldo, um grande amigo com quem ela gostava de conversar, costumava manter-se calada, sem muito entusiasmo.

Como o médico a tinha proibido de sair sozinha, isso deixava Tidinha muito abatida, já que não gostava de depender das pessoas. Assim, permanecia por longas horas na janela, olhando a paisagem e o pedacinho de mar que era possível ver do seu quarto. Quando os filhos chegavam para visitá-la e perguntavam como ela estava, respondia:

- Tô aqui, que nem um passarinho triste preso numa gaiola, pendurada num alto de uma árvore.

Naqueles momentos, Jozélia costumava sorrir, sabendo que mãe colocava uma dose de exagero no seu lamentar, só para chamar a atenção dos filhos, dizendo:

- Que nada, Véia! A senhora ainda pode e deve “voar”! Só não pode mais é sair “voando” por aí sozinha!

Periquita, por sua vez, que estava ficando cada vez mais velhinha, demonstrava preocupação com a saúde da filha, recomendando que os netos viessem visitá-la todos os dias. Ficava brava quando eles tentavam minimizar os problemas de Tidinha, dizendo um dos seus costumeiros ditados:

- Cada um no seu canto, sofre o seu tanto!

Naquele período, os filhos de Tidinha já estavam casados e morando cada um nos próprios “cantos”. Juntos, tinham comprado um terreno na Praia do Flamengo e construído um village com nove apartamentos, no qual planejavam que todos os irmãos fossem morar no futuro.

Mas, quando a construção foi concluída, apenas Júnior e Mônica, Tobias e Dida decidiram se mudar para o local. Os demais irmãos permaneceram morando no bairro de Piatã, exceto Socorro, que estava morando no bairro do Itaigara;

Abreu, que tinha se mudado com Carmosa para Manaus; e Chico, que já morava muito perto do village, no bairro de Stella Maris. O village passou então a ser outro ponto de encontro dos irmãos nos finais de semana.

Num desses encontros, os irmãos comentaram preocupados sobre o estado de saúde de Tidinha e a fragilidade de Periquita, o que justificava a constante cobrança de ambas para que eles passassem a visitá-las com mais frequência. Concordavam que a distância do bairro dos Barris da atual moradia de todos era um fator que dificultava essas visitas, uma vez que precisavam atravessar a cidade, percorrendo, sob um trânsito caótico, cerca de vinte quilômetros de distância até chegarem à casa da mãe.

Nesse contexto, os irmãos começaram a discutir a possibilidade de fazer a mudança de Tidinha e Periquita para o bairro de Piatã, onde ficaria muito mais fácil, não somente visitá-las, como também acompanhar as variações do estado de saúde de ambas. E foi assim que Ismael, que naquela época já estava usufruindo de um bom poder aquisitivo, resolveu comprar uma casa para Tidinha no Condomínio Jardim Piatã.

O apartamento dos Barris foi, então, devolvido para Abreu e os filhos passaram a providenciar a mudança de Tidinha, Periquita, Mariazinha e Rodrigo.

Quando a notícia da mudança foi anunciada, Tidinha lamentou, pois gostava muito do bairro dos Barris, mas não deixou de se animar. Ficou alegre em poder morar perto da praia e dos filhos, em uma casa com jardim e muitas plantas, que ela tanto gostava. Posteriormente, passado o primeiro momento de animação, ela começou a ficar preocupada, pois sabia que não poderia ir sozinha para a praia e tampouco para o centro da cidade, já que ficava muito distante da nova casa, bem diferente dos Barris, de onde ela podia ir andando para a Avenida Sete.

Lembrou-se do período que passou na casa de Dorinha, no condomínio onde iria morar. Achava o lugar muito isolado e sossegado demais. Nos Barris, podia olhar pela janela e ver as pessoas andando apressadas e os carros passando. Estava apreensiva e insegura se aquela mudança seria mesmo algo bom para ela. Percebia que estava com medo, um sentimento que ela quase nunca alimentou ao longo de sua vida. Será que seria a idade que a deixava mais medrosa e insegura? Ou seria a falta de saúde plena?, pensava ela. Sabia que seria bom ficar mais perto dos filhos, mas no fundo, o que ela queria mesmo era ficar no bairro dos Barris,

onde se sentia feliz. Percebeu, então, que as mudanças não eram mais tão bem-vindas na sua vida...

Como Periquita ainda relutava em querer se mudar e, sabendo que os filhos planejaram aquela mudança com muito carinho, Tidinha resolveu esquecer seus temores e tentar ajudar a convencer Periquita de que a mudança seria positiva para todos. A mãe alegava a falta de uma igreja próxima e, como uma criança teimosa, repetia:

- Daqui só saio para o cemitério!

Felizmente, quando Tidinha estava vivendo essa situação, Raimundo decidiu vir de Manaus para fazer uma visita à família, trazendo consigo a esposa, Gracinha. Chegou muito animado, exibindo as fotos dos filhos e netos, enchendo Periquita de alegria. Foi quando ele, sabendo da teimosia da mãe em não querer se mudar, foi com ela visitar a casa nova, que já estava quase pronta para recebê-la. Ainda que Ismael já tivesse feito isso, daquela vez foi diferente, pois quando Periquita viu seu quarto todo arrumado, cheio de santos nas paredes, foi se animando, embora ainda quisesse saber onde iria assistir às missas. Imediatamente, Raimundo levou-a na igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Itapuã, garantindo-lhe que todos os domingos um dos netos iria levá-la para assistir a missa naquele lugar. Posteriormente, ele disse que, depois que houvesse a mudança, ele passaria a vir para Salvador com mais frequência, só para usufruir daquela bela casa e da praia maravilhosa de Piatã. Aquilo foi suficiente para convencer Periquita a aceitar a mudança. Foi quando Tidinha, sem tentar disfarçar o costumeiro ciúme que tinha da relação de Periquita com o irmão, comentou:

- Precisava o filho querido vir de Manaus para convencer ela a acabar com tanta teimosia!

E, convencido do poder que exercia sobre Periquita, Raimundo sorriu, dizendo:

- Êta que esse ciúme de Tidinha parece que não tem fim! Deixa disso, minha irmã!

Capítulo 39

A MORADA NO CONDOMÍNIO JARDIM PIATÃ

Ao longo do trajeto que levava Tíndinha para nova residência no Condomínio Jardim Piatã, ela seguia calada, perdida nos seus pensamentos. Lembrava-se das inúmeras mudanças que tinha realizado na sua vida. Será que aquela seria a última?, pensava.

Sentia que seu espírito cigano andava adormecido e, à medida que lembrava de cada lugar e casa que morou, se dava conta da longa trajetória que já tinha percorrido, sempre seguindo em frente, sem se deter a olhar para trás. Desta vez, porém, experimentava um sentimento diferente e mantinha-se observando o prédio, que, aos poucos, ia desaparecendo da sua vista. Sabia que, quando quisesse, poderia voltar lá para rever os vizinhos, mas o coração estava apertado, com uma imensa incerteza sobre o futuro. Ficaria bem? A saúde iria melhorar? Recuperaria sua vitalidade?

Lembrou-se das pessoas queridas que já tinham morrido, como o irmão Lourinho, Zé Lélis, Rizó, sua querida Dinha, o Padrinho Dedé, Ezequias, as comadres Pureza e Purezinha, entre tantas outras.

Ao chegar em Piatã, ao ver tudo tão bonito e organizado pelos seus filhos, agradeceu a Deus e tentou se alegrar. Foram principalmente Ismael e Vitória que coordenaram as arrumações, comprando os móveis, quadros e objetos de decoração, organizando o jardim, onde instalaram uma pequena fonte de água e enfeites de cerâmica.

A nova casa era ampla, com três quartos, um bonito gramado com muitas plantas e uma agradável varanda. No quarto de Tíndinha, colocaram televisão, uma poltrona confortável, muitas fotos da família e um som para ela ouvir os seus CDs prediletos. Assim, naquele ambiente tão agradável, ela foi aos poucos começando

a gostar da nova morada.

Mariazinha passou a dormir no mesmo quarto de Tíndia e Rodrigo, que já estava um rapaz, ocupou um quarto, que era só dele. Continuava sendo o chamego de Tíndia e, mesmo quando ele merecia uma reclamação por não estar tendo um bom desempenho nos estudos, ela era incapaz de fazer qualquer comentário. Adicionalmente, sempre tomava a defesa dele quando os filhos o censuravam, por qualquer atitude que eles não aprovavam.

Certa vez, João, já bastante aborrecido com esse tratamento diferenciado que a mãe dava a Rodrigo, falou:

- Eu não consigo entender que uma pessoa que tenha sido tão rígida na educação dos seus próprios filhos, tenha se tornado tão permissiva ao lidar com Rodrigo! Até parece que é outra Tíndia!

Naqueles momentos, ela sorria, acariciava as mãos de Rodrigo e dizia:

- Deixe o meu bichinho!

Mas não era só Rodrigo que recebia um tratamento especial de Tíndia. Os hóspedes que chegavam, como Raimundo e Gracinha, Manuel e sua esposa Nenê, Adelina, que vinha visitar a família anualmente, entre tantos outros, eram sempre tratados com todas as regalias da casa.

Na nova casa, Tíndia passou a ter um jardineiro, Seu Zé, que também era muito bem tratado por ela, em especial na hora das refeições, o que aborrecia muito Mariazinha, que também tinha que fazer uma jarra de café só para ele, que fumava e tomava café a cada hora de trabalho.

Quando Mariazinha reclamava das regalias dadas ao jardineiro, Tíndia costumava dizer:

- Tratar bem os outros nunca faz mal a ninguém! Um dia a gente sempre acaba recebendo as gentilezas de volta!

Em Piatã, Tíndia começou a fazer caminhadas nas áreas verdes do condomínio e, nos domingos, depois de ir à missa das oito horas com Periquita e um dos filhos, ela costumava ir à praia com Dorinha e os netos.

Recebia diariamente a visita dos filhos que moravam no condomínio e dos demais filhos, pelo menos uma vez por semana. Nessas visitas, aproveitava para pedir-lhes para fazer algum reparo na casa, principalmente para Chico, que era muito jeitoso para essas coisas. Eventualmente, ele respondia:

- Pode deixar Véia, que eu venho aqui outro dia só para resolver isso.

Mas, como ela não gostava de ficar adiando suas pendências, prontamente perguntava ao filho:

- Que dia?

E não sossegava enquanto ele não marcasse o dia e a hora de cumprir o prometido. E ai dele se esquecesse!

Embora mais fragilizada, Tidinha acompanhava e coordenava toda a administração da casa. Sabia que Mariazinha já conduzia com muita desenvoltura os afazeres domésticos e tinha assimilado tudo que ela havia lhe ensinado. Mas, ainda assim, fiscalizava e mantinha-se atenta a tudo. A única coisa que ela não gostava de fazer, pois nunca tinha aprendido, era o controle financeiro das despesas domésticas, deixando essa tarefa para os filhos. A pensão que recebia do Estado, como viúva de funcionário público, não era suficiente para suprir as despesas da casa. Dessa forma, os filhos dividiam equitativamente um valor complementar. Era Socorro quem fazia o controle orçamentário da casa, apresentando mensalmente a prestação de contas para os irmãos.

Periquita costumava aproveitar a chegada dos netos para se queixar de doenças, pedindo-lhes para trazer alguns remédinhos. Ela tinha adquirido a mania de querer tomar remédios para tudo e, algumas vezes, quando se queixava de prisão de ventre, decidia tomar laxantes por conta própria, o que causava transtornos para Tidinha e também muita trabalho para Mariazinha, que tinha que limpar a sujeira que o laxante gerava. Devido a isso, os remédios da casa eram mantidos escondidos, longe do alcance de Periquita.

Certa vez, Periquita insistiu para que Dorinha trouxesse um laxante para ela, mas que não contasse nada para Tidinha. Foi quando a neta teve a ideia de colocar algumas pastilhas de hortelã, que pareciam pequenos comprimidos, em um frasco vazio de remédios e levou para avó, dizendo-lhe:

- Trouxe o remédio que a senhora me pediu. Dizem que esse aqui é infalível!

E, indo buscar um copo com água para a avó tomar o tal “remédio”, alertou-a:

- Mas só pode tomar um por dia! Ele é gostoso, nem parece remédio, mas não pode exagerar! Tome um agora e amanhã eu passo aqui para saber se deu resultado.

SEGUINDO EM FRENTE

Muito satisfeita e agradecida, Periquita segurou o frasquinho de “comprimidos” dizendo:

- Vou guardar o frasco para Tíndinha não querer esconder ele de mim. Não conte nada a ela, viu?

No outro dia, antes de seguir para o trabalho, Dorinha foi ver a avó, perguntando-lhe:

- E aí Voinha, o remédio deu resultado?

Muito satisfeita, Periquita respondeu:

- Ora se deu!! Hoje, logo que acordei, fui direto para o banheiro! Esse remédio é mesmo milagroso! Muito obrigada, minha filha!

Capítulo 40

A DESPEDIDA DE PERIQUITA

A medida que o tempo passava, Periquita ia adquirindo novas manias. Costumava dormir com um pano branco de algodão fino enrolado na cabeça, alegando que não conseguia pegar no sono sem ele. A corcunda que se projetava nas suas costas crescia gradativamente, deixando-a cada vez mais encurvada. Passava quase o dia todo arrumando seus pertences, abrindo e fechando inúmeros sacos plásticos que usava para manter seus objetos pessoais.

Já havia algum tempo que ela tinha costurado uma mortalha, informando para a família que aquela vestimenta fúnebre era para ela usar no dia do seu enterro. Mantinha-a cuidadosamente dobrada e, de vez em quando, costumava lavá-la e passá-la para tornar a guardá-la. Nessas ocasiões, queixava-se que o dia de sua morte estava demorando muito a chegar. Já ia completar seus 91 anos, mas continuava razoavelmente lúcida e saudável, com apenas alguns problemas de saúde, que em geral eram associados à idade avançada.

Periquita tinha se tornado mais quieta e já não implicava mais com os animais de estimação de Tidência. Até se divertia com o cachorrinho Papito e com o velho Lôro, que acompanhava a família desde o tempo do Edifício Flora e continuava falante, impressionando a todos quando, ao ouvir o telefone tocar, prontamente respondia:

- Alô! Quem fala?

Mas o que mais Periquita gostava mesmo de fazer era rezar. Por isso, sempre estava ajoelhada diante dos seus santos, pedindo proteção para todos. Ficou muito feliz quando o bisneto Leonardo (filho de Jozélia), que tinha se tornado médico e morava em São Paulo, trouxe a filha recém-nascida para ela conhecer. Agradeceu a Deus e fez uma oração para a menina. Nunca acreditou que iria viver tanto

tempo, a ponto de vir a conhecer uma tataraneta e assim poder dizer para Jozélia:

- Minha neta, dê cá sua neta!

E foi naquele dia que a neta Jozélia acomodou Giulia no colo da sua tataravó, para fazer o registro fotográfico do encontro de cinco gerações distintas, representadas por: Periquita, Tidinha, Jozélia, Leonardo e Giulia.

Periquita se orgulhava e gostava muito do seu “bando de netos”, sem demonstrar mais qualquer tipo de preferência, como costumava fazer no passado, em relação ao neto João. Ficava muito feliz quando eles iam visitá-la e, no momento em que eles iam se despedir dela, costumava segurar forte na mão deles, tentando com isso prolongar a visita. Naqueles momentos, Tidinha dizia para a mãe:

- Ôxe Mamãe! Não tá vendo que eles têm o que fazer e precisam ir embora?

Mesmo desejando também que os filhos ficassem mais um pouco com elas, Tidinha sempre se preocupava que eles não se empatassem, dizendo-lhes que fossem ver os filhos e cuidar das suas casas. Também ficava contente quando podia ajudá-los e pedia que eles trouxessem os filhos para ela tomar conta, já que queria continuar sendo útil para a família.

Periquita também gostava de se sentir útil para todos e, assim, adorava quando os netos traziam alguma camisa para ela pregar um botão ou simplesmente vinham lhe pedir para rezar por eles.

No final do ano de 2002, Periquita começou a ter dificuldades para andar, o que evoluiu a ponto de ela nem mesmo conseguir usar uma cadeira de rodas. Foi necessário então alugar uma cama hospitalar e contratar os serviços de uma cuidadora. Ela, porém, continuava lúcida, sempre conversando baixinho com as pessoas. Foi assim até que, numa manhã, Tidinha notou que ela demorava a acordar e foi verificar o que aconteceu. Muito assustada, verificou que a mãe estava morta, ainda que parecesse estar serenamente dormindo, como se a morte tivesse lhe chegado de mansinho e sem surpresas.

Foi assim que, no Cemitério do Campo Santo, os netos e parentes puderam se despedir para sempre de Periquita, fazendo a última homenagem ao inesquecível rouxinol da Carnaíba. A mortalha guardada na gaveta teve finalmente a utilidade para a qual ela foi feita. Descansou em paz a querida Periquitinha!

Capítulo 41

ENTRE DOENÇAS E CURAS

Depois do enterro de Periquita, alguns parentes, que tinham vindo de Euclides da Cunha, permaneceram por mais alguns dias na casa de Tíndinha para lhe fazer companhia. Ela estava muito abatida com a morte da mãe, sentindo muito sua falta, já que sempre viveram juntas.

Embora Tíndinha já soubesse que a morte de Periquita estava iminente, em virtude da sua idade avançada, foi difícil para ela se acostumar com sua ausência. Era como se, de repente, um grande vazio invadissem sua alma e aquilo a deixava muito triste. Lembrava-se das constantes brigas que tinha com a mãe e também como ela lhe ajudou na educação dos seus filhos. Lamentava que não tivesse sido mais carinhosa para com ela. Assim, enquanto arrumava os pertences da mãe, abraçava carinhosamente suas roupas, como se quisesse, com aquele gesto, compensar os abraços que não lhe deu em vida.

Quando a rotina de Tíndinha foi se normalizando, ela voltou a se alegrar. Já contava com os serviços de uma cuidadora e continuava muito ligada a Rodrigo, que só aparecia nos finais de semana. Isso porque ele passou a trabalhar como técnico de meio ambiente nas Fazendas do Vale Juliana, localizadas nas imediações de Ituberá, no sul do estado. No local, ele tinha moradia e gostava muito do seu trabalho, o que deixava Tíndinha muito satisfeita.

Mariazinha continuava muito dedicada a Tíndinha, mas era comum ela ter divergências com as diversas cuidadoras que passaram na casa, já que estava acostumada a administrar tudo sozinha. Só depois da chegada de Lígia, uma jovem tranquila, que agia com muito profissionalismo e que sabia contornar as “birras” de Mariazinha, a casa passou a ficar mais tranquila.

Certa vez, Tíndinha estava em Euclides da Cunha e machucou o dedo do pé,

percebendo posteriormente que a ferida demorava de cicatrizar e a perna se tornava dolorida. Como a sua predisposição para trombose deixava todos em alerta, os filhos recomendaram que ela voltasse para casa para ser medicada.

Durante a consulta, o médico identificou problemas de circulação sanguínea na perna de Tidinha, solicitando sua internação para realizar alguns exames. Um deles requeria a introdução de um cateter na região da virilha com o objetivo de identificar a veia com problemas. Nessa operação, ela sofreu uma forte hemorragia, perdendo muito sangue, que veio a se acumular principalmente entre a epiderme e região adiposa do abdômen. A situação se tornou muito grave e, mesmo muito debilitada, Tidinha teve que passar por uma cirurgia para remover o sangue acumulado.

Antes de iniciar a cirurgia, o médico responsável convocou a família para uma reunião. Esclareceu que o caso de Tidinha era muito grave e que todos se preparassem para o pior, pois ele próprio não acreditava que ela viesse a resistir à intervenção cirúrgica. Essa declaração deixou a família em desalento. Em Euclides da Cunha, a notícia da morte iminente de Tidinha tornou-se o assunto mais comentado da cidade. Como se aproximava o Natal, a possibilidade de passar aquele período sem a presença dela era motivo de muita tristeza para os filhos.

Tidinha, porém, surpreendeu todos, em especial os médicos, já que a cirurgia foi um sucesso e, após alguns dias, ela pôde deixar a Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e voltar para casa, a tempo de comemorar a festa de Natal com a família. Os filhos reunidos agradeceram a Deus por aquela graça, considerada pelos médicos como um verdadeiro milagre.

Depois de restabelecida, Tidinha contou para a família que, no período em que esteve na UTI, viu muitas pessoas ao seu redor, rezando pela sua cura.

- Eu sabia que eram pessoas que já haviam morrido e que eu já tinha feito algum favor para elas. Mas eu não conseguia lembrar seus nomes...

Muito interessada por aquela narração, Dorinha perguntou:

- A senhora também viu Papai e Voinha?

- Não me lembro! Só lembro mesmo dessas pessoas que eram todas muito simples e que me agradeciam e rezavam por mim.

- E o que elas tanto lhe agradeciam?

- Não sei! Mas lembro que diziam que eu precisava ficar boa para ajudar

outras pessoas.

Enquanto ela narrava esses fatos, se emocionava, acrescentando detalhes, o que não deixava dúvidas sobre sua veracidade. No entanto, para alguns filhos de Tidinha, aquilo tudo não passou de sonhos que ela teve. Para outros, aquilo era a prova da imortalidade da alma.

Depois desse episódio, que todos passaram a denominar de “cura milagrosa”, os dias prosseguiram tranquilos para Tidinha, que passou a se sentir mais animada, em especial quando recebia as visitas dos filhos. Certa vez, Ismael lhe informou que estava planejando escrever um livro sobre a história da família Campos de Abreu, com destaque especial para a vida dela. Naquela ocasião, Tidinha comentou:

- A minha história e da nossa família é semelhante a tantas outras de muita gente que conheci por aí, meu filho.

- Mas para nós é uma história especial de luta e determinação e que precisa ser conhecida pelas gerações futuras desta família, respondeu Ismael.

E, completando sua ideia, ele disse:

- Se não tiver um registro para contar essa história valiosa, ela pode se perder e não haverá mais ninguém para contá-la no futuro. Vou fazer tudo para registrar essa história!

Daí em diante, tornou-se comum João e Ismael fazerem alguns “interrogatórios” com a mãe, buscando anotar fatos, assim como lhe pedir sugestões de pessoas que pudessem ajudar naquele resgate histórico. Naqueles momentos, ela sorria e dizia:

- Vocês não têm o que inventar! Agora querem que fique me lembrando de tudo que já passou!

Quando Tidinha tentava responder as perguntas dos filhos, era frequente ver seus olhos brilharem, recordando de fatos e pessoas queridas. Aos poucos, ela deixava as lembranças fluírem, emocionando-se e proporcionando aos filhos uma verdadeira viagem ao passado.

Certa vez, após responder inúmeras perguntas dos filhos, ela disse:

- Lembrar o passado não é uma coisa muito fácil para mim, já que estive sempre preocupada em seguir em frente, sem ficar olhando muito para trás. Mas, a esta altura da minha vida, eu acho que não tenho mais muita estrada pela frente!

Assim, vai ser bom ajudar vocês a escreverem a história da nossa família, antes que eu morra...

As preocupações com a saúde e o medo de morrer estavam sempre presentes na vida de Tíndinha. Embora desejasse ainda viver muito, sabia que seu estado de saúde, e também a sua idade, não lhe permitiam fazer muitos planos para o futuro. Quando ela demonstrava esse tipo de preocupação, seus filhos costumavam dizer:

- Que bobagem, Véia! A senhora vai viver muito, mais do que Voinha! A família Campos tem vida longa!

Aos poucos, ela também ia ficando cada vez mais parecida com Periquita, até mesmo nos gestos e atitudes. Começou a dormir com mesmo paninho branco cobrindo-lhe a cabeça e adquiriu o hábito de segurar fortemente a mão dos filhos, quando eles sinalizavam que iam embora para as suas casas, pedindo-lhes:

- Não vá, não! Fique mais um pouco, meu filho!

No caso especial das filhas, Tíndinha também procurava prolongar suas visitas contando-lhes e maximizando os seus problemas de saúde, chegando até mesmo a chorar para convencê-las a ficar. Parecia uma criança, que quando percebe a saída dos pais, choraminga e busca chamar atenção. Um tipo de cena que, certamente, muitas vezes Tíndinha viveu, porém na forma inversa, quando os filhos eram pequenos e se agarravam na sua saia, pedindo-lhe para não sair de casa.

Certa vez, Tíndinha começou a apresentar sintomas de uma infecção urinária. Foi medicada, mas continuou com uma febre persistente e posterior prostração. Estava tão debilitada que não conseguia ficar em pé. Foi Rodrigo que, atônito e em lágrimas, tomou-a nos braços e, juntamente com Joza, correu em direção ao hospital, onde, mais uma vez, ela teve que ficar internada.

Semanas antes, Mariazinha começou a sentir fortes dores de cabeça. Após exames médicos, constatou-se que eram causadas pela presença de um tumor no cérebro, cuja origem precisava ser identificada e também proceder um tratamento adequado. Assim, ela também precisou ser hospitalizada, o que aconteceu no mesmo dia em que Tíndinha se internou.

O período em que ambas se mantiveram internadas em hospitais distintos foi muito difícil para a família, que tinha que se dividir entre um hospital e outro. Felizmente, uma das irmãs de Mariazinha veio de Euclides da Cunha para acompanhá-la durante sua internação.

Embora a infecção urinária de Tíndia tenha sido combatida, ela acabou contraindo uma nova no hospital, o que agravou demasiadamente o seu estado de saúde. Permaneceu muito tempo sob o efeito de sedativos, na UTI, já que os médicos sinalizavam um quadro de infecção generalizada. Mais uma vez, a família se preparou para o pior.

Durante a noite, Jozélia, Dorinha e Socorro se revezavam, sentadas na sala de espera da UTI, já que temiam que a mãe pudesse morrer de uma hora para outra. Nos horários permitidos, elas entravam para ver a mãe e conversavam com ela, num monólogo encorajador, já que Tíndia parecia estar profundamente adormecida.

Certa noite, Dorinha aguardava o dia amanhecer na sala de espera da UTI, enquanto Jozélia dormia um pouco no carro, e Socorro tinha ido para casa descansar. Num certo momento, Dorinha sentiu uma vontade muito forte de ir até o leito da mãe para ficar ao lado dela, o que acreditava não ser possível, já que o hospital estabelecia horários para isso. Seu desejo de ver a mãe, porém, aumentava, o que a fez chamar a enfermeira chefe da UTI para pedir-lhe para entrar. Compadecida com aquele pedido, que parecia mais uma súplica, a enfermeira levou Dorinha até o leito de Tíndia, onde ela permanecia adormecida, mantendo, porém uma aparência de muita tranquilidade. Eram quase quatro horas da manhã. Ao lado da mãe, Dorinha rezou para ela se recuperar, agradecendo por vê-la com aquele aspecto de aparente serenidade. Estava assim rezando, segurando a mão de Tíndia, quando, muito surpresa, percebeu que ela abriu os olhos, como se estivesse acordando de um sono tranquilo. Foi quando Tíndia olhou para a filha e, sorrindo lhe disse:

- Oh, minha filha! Já é tão tarde e você ainda está aqui! Vá descansar em sua casa, que eu estou bem!

Por um momento, Dorinha pensou que estivesse tendo uma visão. Não acreditava no que via! Como ela podia acordar de repente, totalmente consciente, inclusive do horário e da situação que ela estava vivendo?

Em lágrimas, abraçou a mãe, que lhe pedia para não chorar, pois ela já estava boa. As enfermeiras se aproximaram do leito e, também emocionadas, foram avaliar Tíndia. Enquanto isso, Dorinha avisou que iria sair para informar os irmãos sobre o acontecido. Saiu em disparada ao encontro de Jozélia, que dormia no carro

e, sacudindo a irmã, disse:

- Joza, acorde! Mamãe ressuscitou! Ela está bem! Você não vai acreditar!

Muito surpresa, Jozélia, saiu correndo até a UTI, para constatar a informação da irmã. Ao ver a mãe tão bem, exclamou:

- Meu Deus! Só pode ser o milagre da cura!

Posteriormente, a notícia se espalhou pela família, chegando a Euclides da Cunha, onde todos, muito felizes, puderam agradecer a recuperação repentina de Tidinha.

Enquanto isso, Mariazinha, no hospital onde se encontrava internada, já tinha recebido um tratamento intensivo para reduzir o tumor no cérebro, cuja origem os médicos não conseguiram identificar. Como os exames acusaram uma regressão surpreendente do tumor, os médicos decidiram lhe dar alta para que pudesse continuar o tratamento à base de corticoides em casa.

Foi assim que Tidinha e Mariazinha tiveram alta no mesmo dia, voltando a se encontrar, muito emocionadas, na casa de Piatã. Tidinha ficou muito surpresa em perceber que Mariazinha estava muito abatida, passando a lhe fazer muitas perguntas sobre tudo que aconteceu na sua ausência.

Dorinha, por sua vez, também bombardeava a mãe de perguntas, querendo saber sobre suas visões no leito da UTI e, assim, buscar entender como ocorreu o que ela chamava de “ressurreição de Tidinha”. A mãe novamente relatava visões de muitas pessoas cercando o seu leito, fazendo muitas orações pela sua cura. Eram as mesmas que já tinha visto durante sua internação anterior, as quais continuavam lhe agradecendo por favores, que ela não conseguia lembrar quais foram. Repetiam também a mesma frase, que ela já tinha ouvido anteriormente:

- Você precisa viver, pois ainda pode ajudar muitas pessoas!

Que pessoas seriam estas?, pensava Dorinha. Será que aquelas narrações de Tidinha eram, de fato, reais? Que mistérios estavam escondidos do outro lado da vida? Onde Tidinha teria ido durante o tempo em que dormia no leito da UTI? Teriam sido apenas sonhos, como alguns irmãos insistiam em afirmar?

Quando estava assim envolvida nesses pensamentos, Dorinha ouviu a voz de Tidinha, perguntando-lhe:

- Quando vou poder sair para fazer minhas visitas e comer pizza e acarajé?

Naquele momento, Dorinha se deu conta que a mãe estava mesmo curada.

Foi quando, sorrindo, lhe respondeu:

- Calma, Véia! Não vai querer ir com tanta sede ao pote! Ainda precisa descansar para viver muito! Não esqueça daquilo que seus amigos lá de cima lhe recomendaram!

Capítulo 42

O ANIVERSÁRIO DE 80 ANOS DE TIDINHA

Em 2008, Tidinha estava prestes a completar 80 anos. Estava bem de saúde, apenas com algumas limitações na sua agilidade e na fala, sequelas das suas doenças anteriores ou mesmo sintomas da sua idade avançada.

Numa das reuniões costumeiras dos filhos de Tidinha, eles planejaram a festa de comemoração dos seus 80 anos. Desejavam fazer uma bela festa, com a participação de todos os parentes e amigos, dos quais ela tanto gostava. Como isso envolveria muitas pessoas, decidiram realizar o evento no salão de festas do Condomínio Jardim Piatã, que era muito amplo e também dispunha de uma área externa muito agradável. As despesas seriam rateadas com todos os filhos, e as filhas ficariam também encarregadas de contratar o buffet, decoração, bolo, som e outros itens da festa. Todos estavam muito animados, em especial Dorinha, que adorava festas e organizar surpresas nesses tipos de eventos.

Dias antes da grande festa, Abreu, Carmosa, Raimundo e Gracinha tinham chegado de Manaus; Adelina, Leonardo e sua família, de São Paulo; e Chico, de Brasília, onde ele estava trabalhando e morando.

Antes da grande festa, Joza, Socorro e Dorinha passaram o dia todo no Centro Social acompanhando a decoração e os demais preparativos. Tudo tinha que sair perfeito! Discutiam o melhor momento da apresentação de uma peça de teatro que Dorinha havia preparado como uma surpresa para a mãe. Teria também som ao vivo e apresentação de slides, com passagens da história de Tidinha. As irmãs se divertiam, imaginando como seria a reação da mãe, ao assistir a peça de teatro que deveria ter um caráter divertido, também servindo como um elemento de animação da festa.

Enquanto isso, Mariazinha acompanhava Tidinha, que fazia as unhas e ar-

rumava os cabelos para a festa. A roupa já estava passada, estendida na cama, só esperando para ser usada. Parecia que Tidinha estava vivendo o dia da noiva.

Na hora marcada, os convidados começaram a chegar, cumprimentando Tidinha, que parecia muito feliz. Eram parentes e amigos de Euclides da Cunha, de Feira de Santana, de Araci, atuais e antigos vizinhos dos bairros onde Tidinha morou, em Salvador, e tantas outras pessoas, parentes de seus genros e noras ou amigos de seus filhos e netos.

O som do músico invadiu a festa, os garçons impecavelmente arrumados serviam bebidas e salgados deliciosos. Eis que, de repente, uma velhinha chegou fazendo muito barulho, apresentando-se como uma grande amiga de infância de Tidinha. Era, na verdade, um ator vestido de mulher, que tinha sido contratado por Dorinha para conduzir um esquete teatral que se tornou a grande atração da festa, já que logo que entrou em cena ele foi interagindo com as pessoas, brincando com os garçons e cumprimentando Tidinha com muita graça e alegria. Usava uma bengala, uma peruca de cabelos brancos presos em um coque e um xale, ao tempo em que carregava um microfone sem fio, preso na gola do seu casaco, o que permitia que todos pudessem ouvir sua voz e gargalhadas estridentes.

Logo depois da sua aparição, aproximou-se da divertida velhinha outro ator, que se apresentou como um cineasta que tinha sido convidado por um dos filhos de Tidinha, o qual iria contratá-lo para dirigir um filme sobre a história de vida dela. Informou então que seu objetivo naquela festa era conhecer aquela que seria a protagonista deste filme, assim como levantar informações sobre ela. Foi aí então que a velhinha disse eufórica que ela seria a pessoa certa para lhe fornecer todas as informações sobre Tidinha, já que ela era amiga dela desde criança, tendo acompanhado toda a sua trajetória. A partir deste momento, deu-se início a um diálogo repleto de lembranças engraçadas e comentários hilariantes sobre cada membro da família de Tidinha. A cada novo comentário, a velhinha dirigia-se para Tidinha, solicitando que ela ratificasse aquilo que ela dizia, fazendo a seguinte pergunta:

- Não é Tidinha?

Era quando Tidinha, sorrindo e se divertindo com aquilo tudo, balançava a cabeça positivamente, atenta a tudo que a velhinha comentava sobre a sua vida. Misturando piadas e gozações, a velhinha mencionava também fatos que emo-

cionavam as pessoas, em especial os filhos e netos de Tíndinha, que, entre risos e lágrimas, acompanhavam a encenação com muito interesse.

Após a encenação dos atores, Dorinha exibiu um conjunto de slides contendo imagens representativas e comentários de alguns momentos da vida de Tíndinha, a exemplo de sua mudança de Euclides da Cunha para a cidade grande; a sua primeira experiência de preparo de um peixe; o dia em que João se perdeu da família no Elevador Lacerda e tantas histórias que despertaram muito interesse e provocaram boas gargalhadas dos presentes.

A apresentação foi encerrada com uma linda homenagem direcionada para todos os amigos e parentes de Tíndinha, utilizando-se para isso fotos de muitos deles, alguns já falecidos, além de um texto, adaptado de “As Estrelas e os Cometas”, de autoria de Reinilson Câmara (fonte: <http://pensador.uol.com.br/frase/NTM1ODU0/xto>, acessado em março de 2012), o qual é transcrito abaixo:

SOBRE PESSOAS ESTRELAS...

Há pessoas estrelas e há pessoas cometas.

Os cometas passam, mas as estrelas permanecem.

Passam anos, milhões de anos e elas continuam a irradiar suas luzes, mesmo depois que envelhecem ou partem para outra dimensão.

Importante na vida é ser estrela, estar junto, ser luz, ser calor, ser vida, sempre ajudando a iluminar caminhos!!

Assim são os amigos: ESTRELAS NA NOSSA VIDA!

Podem passar anos, podem surgir distâncias, mas suas marcas ficam nos nossos corações.

Há necessidade de criar um mundo de estrelas, pois todos os dias podemos contar com elas.

São elas que possuem o poder de transformar nossas vidas em “CENAS DE UM FILME ESPECIAL”, repleto de BOAS LEMBRANÇAS!

Os amigos são brisas nos momentos de tensão; são luz no momento de desânimo...

Ser estrela neste mundo passageiro, é um desafio, mas acima de tudo uma recompensa. Recompensa por ter sido luz para muitos amigos. Ter sido calor para muitos corações, ter nascido e vivido. E não apenas existido!

Posteriormente, Dorinha agradeceu a todas “estrelas” que ajudaram a iluminar o caminho de Tidinha, solicitando que a pessoas deixassem uma mensagem, por escrito, para a aniversariante, fixando-a num mural disponível no Salão de Festas.

Outro momento muito marcante da festa foi quando todos os filhos, netos, bisnetos, genros e noras de Tidinha fizeram uma fila ao seu lado e cada um lhe entregou um ramalhete de flores. Ficou assim cercada, quase coberta, de flores, que formaram uma pequena montanha sobre a sua mesa. Naquele momento, um dos presentes na festa comentou:

- Que coisa boa não precisar esperar o dia da morte para poder ser coberta de flores!

Aquela festa ficou para sempre na lembrança de Tidinha e de todos que dela participaram. Uma homenagem bem merecida para a grande guerreira, que continuava seguindo em frente, lutando e vencendo muitas batalhas.

Capítulo 43

FECHANDO O CICLO

No dia posterior à comemoração do aniversário de Tíndinha, a casa continuou em festa, toda enfeitada com as flores que ela havia recebido. Os filhos reunidos ajudavam a mãe a abrir os presentes.

Não faltaram comentários positivos sobre tudo e Adelina não parava de fazer elogios, dizendo:

- Foi um das festas mais lindas que já participei na minha vida!

Raimundo e Gracinha lamentavam a falta de Periquita:

- Se a mamãe ainda estivesse viva, teria sido uma festa perfeita!, dizia Raimundo.

Quando os convidados que ainda permaneceram em Salvador partiram para as suas respectivas moradias, Tíndinha voltou à sua rotina, conseguindo manter sua saúde relativamente estável, sem as constantes idas aos médicos.

Eventualmente, Tíndinha recomendava aos filhos que, quando ela morresse, não deixassem Mariazinha desamparada. Queria que comprassem uma casa para ela em Euclides da Cunha, para que assim ela pudesse viver tranquila, perto da família dela.

Naqueles momentos, seus filhos costumavam dizer:

- Não se preocupe Vêia, que cuidaremos de tudo! Mas já falamos que a senhora não vai morrer agora! Já provou que é forte demais!

Em 2010, Tíndinha estava com 82 anos e João, já aposentado, planejava ir morar em Euclides da Cunha com a esposa Soninha. Tanto ele como Ismael ainda eram muito ligados à terra natal. Juntos, tinham fundado a FACE - Associação Filhos e Amigos da Cidade de Euclides da Cunha com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento do município.

Ismael tinha comprado uma fazenda e construído uma casa no povoado de Maria Preta, onde costumava ir para passar seus finais de semana e feriados com a esposa Vitória, que também acabou criando um sentimento de afetividade muito grade pelo lugar e pelas pessoas que ali moravam.

Tidinha gostava de ver os filhos demonstrarem carinho e comprometimento com a cidade onde tinham nascido e imaginava que Glicério ficaria muito orgulhoso de testemunhar isso.

Mais tarde João decidiu ir comprar a velha casa da Rua da Igreja, onde a família havia morado e que vinha servindo de sede da FACE, realizando uma reforma para fazer dela sua futura residência na cidade. Nessa época, decidiu, com a concordância dos demais irmãos, comprar também uma casa para Mariazinha, atendendo assim o desejo da mãe. No entanto, decidiram não contar a novidade para ambas, aguardando o momento oportuno de surpreendê-las.

Em 2011, Tidinha passou por uma aflição muito grande quando Rodrigo, que sempre foi um rapaz forte e saudável, foi acometido de uma doença nos pulmões causada por fungos. Naquele período, o rapaz tinha deixado atrasar o pagamento de seu plano de saúde, o que levou toda a família a se mobilizar para conseguir a sua internação. Tidinha ficou atônita e não se tranquilizou até que Rodrigo, já restabelecido, recebeu alta do hospital, após um longo tratamento, que perdurou por quase sessenta dias. Ao ver o rapaz voltar para casa, ela disse para os filhos:

- Quando eu morrer, peço que continuem ajudando as pessoas, em especial nas situações de doenças, que é quando mais precisamos de todos!

Naquele momento, ela tornou a fazer para seus filhos o seu costumeiro pedido:

- E não vão deixar Mariazinha desamparada! Ela vai precisar ter a casinha dela e também continuar tendo alguma renda para se manter!

Essa observação de Tidinha motivou seus filhos a fazerem um novo acordo, estabelecendo que, no caso da morte da mãe, continuariam pagando o salário mensal de Mariazinha, até o dia em que ela pudesse receber sua aposentadoria.

No dia em que estavam reunidos conversando sobre isso, chegaram à conclusão de que mãe estava, aos poucos, se preparando para a morte, induzindo-os a

fazer tudo que ela planejava, como se não quisesse deixar nenhuma pendência, ao mesmo tempo em que queria ter a certeza de que todos iriam ficar bem, mesmo sem sua presença.

Embora Tidinha continuasse falando em morrer, repetindo o mesmo comportamento de Periquita, o tempo transcorria tranquilo para ela, com poucas visitas ao médico, exceto para fazer revisões periódicas.

Quando as pessoas opinavam que ela estava bem, ela respondia:

- Que nada, eu sei que não vou durar muito!

Mas, já bastante seguros da resistência da mãe, os filhos começavam a acreditar que ela chegaria à idade de Periquita. Assim, quando ela começou a apresentar um quadro febril e sintomas de infecção urinária, acreditaram que a visita médica iria resolver o problema. No entanto, o quadro foi se agravando a ponto de exigir uma internação.

Após o segundo dia de internamento, a infecção parecia ter sido controlada, o que deixou todos mais tranquilos. Dorinha passou a noite com a mãe no quarto de semi UTI e, como estava ajudando Ismael a resgatar a história da família, antes de se acomodar para dormir ao lado da mãe, perguntou-lhe se ela queria ouvir alguns textos que já tinham sido escritos sobre esta história. Tidinha parecia um pouco agitada e respondeu:

- Não! Esta história, eu já sei de cor! Deixe para contar para aqueles que ainda não a conhecem!

Durante a madrugada, Tidinha começou a sentir falta de ar, o que fez os aparelhos acionarem o alarme. Muito assustada, Dorinha foi surpreendida pela equipe médica, que entrou no quarto solicitando que ela saísse, pois seria necessário fazer alguns procedimentos médicos. Mais tarde, lhe avisaram que Tidinha tinha sofrido um infarto, causado pelo grande esforço empreendido por ela para debelar o seu quadro de infecção. Informaram, ainda, que ela havia sido transferida para outra UTI, onde permaneceria entubada para auxiliá-la no processo de respiração.

Muito perturbada e sentindo-se totalmente insegura sobre o estado de saúde da mãe, Dorinha ligou para Jozélia, pedindo-lhe que ela viesse para o hospital. Quando a irmã chegou, o dia começava a amanhecer e, aos poucos, foram também chegando os demais irmãos. Posteriormente, reunidos na sala de espe-

ra, eles ouviram mais uma vez do médico a recomendação que se preparassem para o pior.

Embora já tivessem ouvido, em situações similares, aquelas mesmas palavras, todos sentiam algo estranho, que diferenciava aquele momento dos demais já vividos. Era como estivessem amparados por anjos guardiões que os confortavam e lhes ajudavam a entender e aceitar que tinha chegado o momento de Tidinha fechar o seu ciclo na terra. Não comentavam sobre isso uns com os outros, não entendiam bem o que sentiam, mas percebiam uma energia diferente no ar. Uma espécie de presságio que solicitava a todos a praticar o desapego. Assim, de uma forma tranquila e equilibrada, concluíram que deveriam se preparar para a partida de Tidinha, e que seria necessário chamar aqueles que estavam fora de Salvador, como Adelina, Raimundo, Abreu, Francisco, Ismael e Rodrigo para virem, o quanto antes, se despedir dela.

Nos últimos momentos de Tidinha, ela estava sedada, mas parecia ouvir e entender a situação em que se encontrava e até mesmo ouvir as pessoas. Foi Dorinha que permaneceu mais tempo com ela naqueles dolorosos instantes e, enquanto via o sinal dos aparelhos reduzirem gradativamente, ela conversava com a mãe, tentando tranquilizá-la. Sabia o quanto ela era apegada à vida, aos filhos e, assim, buscava convencê-la de que ela já tinha cumprido sua missão e que não precisava mais se preocupar, pois todos iriam ficar bem.

Num certo momento, Dorinha chamou Mariazinha na sala de espera e lhe contou sobre a casa que os irmãos tinham comprado para ela, atendendo assim o desejo da mãe. Enquanto Mariazinha chorava muito, pediu-lhe que ela fosse ao leito de Tidinha para lhe transmitir aquela notícia, e que lhe dissesse também que Rodrigo estava saudável, se dando bem no seu trabalho e que ele já poderia tocar sua vida sem ela.

Foi assim que Mariazinha, mais calma, entrou na UTI para atender ao pedido de Dorinha. Posteriormente, todos, individualmente, começaram a entrar na UTI, para se despedir de Tidinha. Cada um do seu jeito, usando suas próprias palavras e emoções, buscava criar um ambiente de tranquilidade para sua partida.

Quando Abreu chegou, veio direto do aeroporto, achando que era o último filho a se despedir da mãe. Entrou apressado na UTI e, quando a viu, falou:

- Pronto, Vêia, cheguei ! Sou o último filho e agora poderá ir em paz!

Mas ele não sabia que ainda faltava Ismael, que estava vindo de São Paulo, onde tinha ido a negócios. Quando ele chegou, no primeiro momento, não quis entrar na UTI, pois achava que seria muito doloroso ver a mãe entubada, prestes a morrer. Foi quando Dorinha lhe disse;

- Acho que deveria entrar e se despedir dela. Agora só falta você e ela pode estar só esperando por isso para partir...

Convencido e vencendo a emoção, ele então entrou para se despedir da mãe.

Uma hora depois, quase no fim do dia 9 de novembro de 2011, os aparelhos sinalizaram a morte de Tíndia. Dorinha tinha razão: ela não queria partir sem se despedir de todos os seus filhos.

Os momentos seguintes foram marcados de muita comoção. Já era madrugada do dia 10 de novembro de 2012, quando ao carro da funerária chegou para levar o corpo de Tíndia para o Cemitério Jardim da Saudade, onde ela seria sepultada.

Depois que deixou o corpo da mãe coberto de flores no Cemitério, pronto para o funeral, Dorinha decidiu ir para casa tomar um banho. Lá, desabou em prantos, deixando esvaír toda a carga de emoção que vinha tentando controlar. Buscava se acalmar, antes de voltar para o cemitério. Foi quando se lembrou de um texto que havia recebido da tia Adelina, o “Veleiro”, de autoria de Victor Hugo, que abordava a questão da morte. Nele, o autor faz uma analogia do processo com o momento em que um veleiro, em alto mar, desaparece na linha do horizonte. Ler aquele texto, que também lembrava a mãe por estar associado ao mar, que tanto ela amava, lhe deu uma espécie de conforto, já que o autor considerava a vida após a morte, referindo-se a ela da seguinte forma:

“Quando observamos, da praia, um veleiro a afastar-se da costa, navegando mar adentro, impelido pela brisa matinal, estamos diante de um espetáculo de beleza rara. O barco, impulsionado pela força dos ventos, vai ganhando o mar azul e nos parece cada vez menor.

Não demora muito e nós podemos contemplar um pequeno ponto branco na linha remota e indecisa, onde o mar e o céu se encontram. Quem observa o veleiro sumir na linha do horizonte, certamente exclamará: “já se foi”.

Terá sumido? Evaporado? Não, certamente. Apenas o perdemos de vista. O barco continua do mesmo tamanho e com a mesma capacidade que tinha quando

estava próximo de nós. Continua tão capaz quanto antes de levar ao porto de destino as cargas recebidas.

O veleiro não evaporou, apenas não o podemos mais ver. Mas ele continua o mesmo. E talvez, no exato instante em que alguém diz: “já se foi”, haverá outras vozes, mais além, a afirmar: “lá vem o veleiro”.

Assim é a morte.

Quando o veleiro parte, levando a preciosa carga de um amor que nos foi caro, e o vemos sumir na linha que separa o visível do invisível dizemos: “já se foi”.

Terá sumido? Evaporado? Não, certamente. Apenas o perdemos de vista. O ser que amamos continua o mesmo. Sua capacidade mental não se perdeu. Suas conquistas seguem intactas, da mesma forma que quando estava do nosso lado. Conserva o mesmo afeto que nutria por nós. Nada se perde, a não ser o corpo físico de que não mais necessita no outro lado.

E é assim que, no mesmo instante em que dizemos: “já se foi”, no mais além, outro alguém dirá feliz: “já está chegando”.

Ao ler este texto, Dorinha tentou imaginar a recepção que mãe poderia estar recebendo do outro lado da vida. Visualizou Glicério e Periquita recebendo-a, e todos aqueles que ela tanto amava e que também já tinham partido. Lembrou também das pessoas que a mãe mencionou, que estiveram presentes na UTI, em outros momentos de suas passagens em hospitais, que lhe agradeciam por favores que nem sequer ela lembrava de ter-lhes feito. Certamente, eles também estariam lá, esperando por ela e teriam a ajudado, desta vez, não mais a se recuperar da doença e voltar ao seio da família, mas sim a fechar seu ciclo na terra, vencendo os apegos e o medo do desconhecido.

Lembrou-se dos últimos instantes em que esteve com mãe, já no cemitério, enquanto arrumava o caixão, cobrindo o corpo dela de flores. O seu rosto estava sereno e os lábios pareciam até mesmo esboçar um leve sorriso. Naquele instante eram quase quatro horas da manhã e, mentalmente, ela viu a mãe, de forma similar à que presenciou tempos atrás na UTI, abrindo os olhos a lhe dizer:

- Oh minha filha, já é tarde, vá descansar um pouco que eu ficarei bem!

Foi naquele momento que ela resolveu ir para casa, tomar um banho para se preparar para o enterro. Tinha certeza de que a mãe estava em paz, acompanhada

pelos seus amigos e parentes da espiritualidade.

Por meio dessas lembranças, Dorinha foi aos poucos se fortalecendo e começou a se arrumar para voltar para o cemitério. De repente, ao abrir uma gaveta, deparou-se com um envelope no qual guardou as mensagens que muitas pessoas tinham deixado para a mãe no dia da festa dos seus 80 anos. Será que ela gostaria que aquelas mensagens fossem lidas no dia do seu enterro? Intuitivamente, colocou as mensagens na bolsa e seguiu para o cemitério.

Muito antes da hora marcada para o funeral, chegaram muitas pessoas, algumas delas vindas de Euclides da Cunha. Aos poucos, o ambiente da capela ia se tornando pequeno diante de tantas pessoas e flores que chegavam. Todos queriam fazer uma última homenagem à grande guerreira. Rezavam o terço, cantavam músicas religiosas, enquanto aguardavam a missa que seria celebrada. Num certo momento Dorinha, juntamente com o seu marido, Cláudio, decidiram fazer as suas últimas homenagens.

Como Cláudio era espírita, ele abordou questões referentes à imortalidade da alma, enquanto Dorinha aproveitou o momento para ler as mensagens que trazia na bolsa. Muitas pessoas que tinham escrito aquelas mensagens, na ocasião da festa dos 80 anos de Tíndinha, estavam também presentes naquele momento e ficaram muito emocionadas, em especial os filhos, genros, noras e netos.

Durante o instante em que o caixão era colocado na cova, um amigo de João que sempre gostava de cantar nas festas da família, decidiu, de forma espontânea e inesperada, fazer a sua homenagem cantando a Ave Maria, seguida da música de Roberto Carlos “Como é grande o meu amor por você”, o que fez com a cerimônia fosse encerrada de uma forma muito especial.

Após o enterro, antes de seguirem para suas respectivas casas, os filhos de Tíndinha se reuniram num espaço, ao lado da capela, para marcar uma reunião. Desejavam que, nessa reunião, fossem apresentados a Mariazinha os encaminhamentos que seriam dados para a sua nova vida. Pretendiam transferir todos os móveis e acessórios da casa da mãe para a casa que tinha sido comprada para ela. Precisavam também discutir outros assuntos relacionados à morte de Tíndinha. Estavam dispostos a realizar tudo aquilo que a mãe planejou, assim como continuar aplicando as lições que ela havia lhes ensinado ao longo de toda a sua vida.

Depois de tudo acertado para a reunião, os irmãos ficaram em silêncio por alguns instantes, olhando um para o outro, como se estivessem buscando se fortalecer na companhia um do outro. O silêncio só foi quebrado quando Abreu deu uma espécie de comando para encerrar aquele momento, dizendo:

- Vamos embora! Temos que continuar **SEGUINDO EM FRENTE!**

SEGUINDO EM FRENTE

